

AGROPECUÁRIA TROPICAL

Os
Gaúchos
deram um
exemplo
para o
Nordeste,
e agora?

Nesta Edição

O ZEBU

NORDESTINO

Caderno Especial

OS POLÍTICOS NORDESTINOS

ESTÃO DORMINDO ?
a opinião dos agropecuaristas



O NORDESTE É UMA
LATA DE LIXO
Huascar Terra do Valle

O NORDESTE AINDA VAI
SE ERGUER
Eurípedes de Oliveira

O PAÍS É CONIVENTE
COM O CRIME DO LEITE
Marcus Cunha

A VACINA ANTI-AFTOSA
Prof. Renato Lobo

PAÍS DAS INDECISÕES



FAZENDA N.S. APARECIDA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÉM, Paraíba — CEP 58.356 — Caixa Postal, 1 — Fone: (081) 326-6267;



TRADIÇÃO EM GUZERÁ

Desde 1895

Quase 100 anos de seleção

Na Expo. Nordestina /79, concorremos apenas com animais nascidos na Paraíba, categoria macho e fêmea.



ATÔMICO-JA

peso: 505 kg (nov. 79).

Nasc: 30.7.78.

• Campeão Bezerro-Expo Nordestina/79.

• Melhor Novilho Precoce da Raça-Expo-Nordestina/79

ASTÚCIA-JA

peso: 355 kg nov. 79)

Nasc: 24.7.78.

• Campeã Bezerro-Expo, Nordeste/79.



PESADO

PRECOCE

PURO

LEITEIRO

MANTEIGUEIRO

MANSO

ACROPECUARIA TROPICAL

Revista de Agricultura e Zootecnia

EDICAMP - EDITORA CAMPESINA LTDA

RECIFE - PE - Rua da Armazém, 100 - 50050-000

João Pessoa - PB - Rua da Armazém, 100 - 50050-000

Diretor: João Pessoa - PB - Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Resumo p. Zootecnia: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Diagramação: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Arte Final: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Fotografia: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Tradução: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Correção: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Administração: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Dep. Financeiro: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Centro de Ciências Agrárias: PB - Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Instituto de Zootecnia: Km 47 - Rio de Janeiro - RJ
Orientação: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Colaboradores: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

Direção Comercial: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
São Paulo - SP: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Tratativa - BA: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Belo Horizonte - MG: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

PUBLICIDADE NACIONAL: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Recife - PE: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Salvador - BA: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Fortaleza - CE: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Rio de Janeiro - RJ: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
São Paulo - SP: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Porto Alegre - RS: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Curitiba - PR: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Belo Horizonte - MG: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Blumenau - SC: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Brasília - DF: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Belém - PA: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Foz de Iguaçu - SC: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

AGROPECUARIA TROPICAL: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Distribuidores Regionais: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

BAHIA: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
PERNAMBUCO: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
PARAIBA: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
ALAGOAS: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
GOIÁS: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

Indicação Gráfica: Rua da Armazém, 100 - 50050-000
Estabelecimento impressor: Rua da Armazém, 100 - 50050-000

PAÍS DAS INDECISÕES E INDEFINIÇÕES

No início do Governo Figueiredo, os nordestinos consideraram a subida de Delfim Netto para o Ministério da Agricultura como uma boa medida, principalmente quando se falava em prioridade para o setor. Em passe de fábula, o Ministro logo viu-se alçado ao Planejamento, mudando conceitualmente e virtualmente sua posição, transformando a agropecuária numa simples mina-de-ouro que pudesse suprir as deficiências monetaristas da Nação. Pelo prisma do Ministro, o Nordeste não teria muito a oferecer, além de estar, na ocasião, fora da época do plantio, e o Pacote veio selar e acabar com o resto das esperanças. Hoje, os nordestinos estão conscientes de que o Delfim que ocupa o Planejamento é o mesmo de sempre, ele tratará o Nordeste com a habitual frieza de primo pobre, lamentavelmente.

Mas, enquanto duas ideologias brigam no Planalto — Delfim e Figueiredo, um querendo controlar a Inflação, utilizando até artifícios pouco recomendáveis para isso, e o outro preocupado com suas fartas promessas que poderão não ser cumpridas em relação ao Nordeste — as medidas e os fatos vão se desenrolando, deixando como tônica, uma angustiante sensação de indefinição, provando que o Nordeste vai ficar, de uma vez, ao Deus-Dará.

O apetite de Delfim, no entanto, está indo longe demais. Se, por um lado aprovou a diferenciação das alíquotas do ICM, —sem dúvida, uma grande vitória para o Nordeste, senão a maior dos últimos anos, embora ainda não esteja no nível ideal, — por outro vem arrochando a cana de Açúcar, o Alcool, e até mesmo tentando se apropriar do Cacau, uma vez que o algodão e sisal já foram definitivamente algemados. Quanto ao açúcar, o ministro poderá estar brincando com um barril de pólvora, muito mais sério do que pensa, — embora seja hábito seu considerar o Nordeste como “coisa menor” — por se tratar do esteio econômico de Pernambuco, Alagoas e Paraíba, além de propiciar, embora em caráter discutível, centenas de milhares de empregos.

Enquanto as medidas econômicas a nível federal vão sendo lançadas, com indefinidas perspectivas para o Nordeste, o Ministério do Interior vem pregando, alto e bom som, abrangentes iniciativas, bem ao estilo das promessas de Figueiredo. Cada Ministro parece ter direito a uma Prioridade Nacional e, hoje, o Brasil é o único país do mundo com já QUATRO PRIORIDADES NACIONAIS: Agropecuária, Inflação, Crise Energética, Saúde — em tão pouco tempo de Governo.

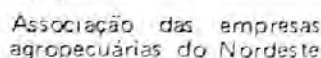
É digno de crença que a Agropecuária não seja mais prioritária, pois o que interessava a Delfim era provocar uma super safra sulina de soja, e, então, tentar garantir novos empréstimos para o país. A super safra está aí, embora o povo não vá encher suas panelas com ela, pois até a expressão “encher a panela do povo” já foi sepultada pelo Governo. Como sempre, a agricultura estará sendo utilizada apenas para permitir carreação de recursos para o industrialismo inconsequente por que vem passando a Nação, a tal ponto que até o superintendente da SUDENE, notando a clamorosa discriminação para com a Agropecuária e, acatando o pleito da AGROPENE, aumentou a participação do setor rural no FINOR, passando de 15% para 25% insuficientes, ainda, mas já um grande passo na direção certa, o que leva a crer que a SUDENE poderá voltar aos objetivos pelos quais foi criada.

Enquanto isso, o povo, totalmente alheio à realidade do empresariado sufocado, mas totalmente consciente de que sua panela está vazia, começa a seguir o doutrinamento do Clero, que vem pregando ostensivamente, a Reforma Agrária, por meios não muito sensatos. Prevê-se, assim, que o Nordeste continuará sem empregos, sem política econômica sólida, sem recursos suficientes na SUDENE, sem Crédito para a Agropecuária, recebendo apenas as muitas conversas dos Ministros paladros.

Mas o descontentamento geral ganha um alicerce inusitado na História do Brasil: a falta de alimentos e a proximidade de anos de penúria. Isso é suficiente para indicar um caminho para as massas, o assalto, a pilhagem, a explosão social, com sabor de conflito extremado, porque o nó que foi dado à corda está mesmo para arrebentar, haja vista os locais de conflitos pela Posse da Terra, ou simplesmente, as muitas manchetes de assaltos a estabelecimentos.

No Nordeste, cada vez mais, cresce o partido daqueles que acreditam que até esse malfadado conflito já esteja programado, há muitos anos, pelas forças econômicas mundiais que, de longe, assistem de camarote, o que fazem os seus prepostos, no comando das coisas que deveriam ser brasileiras.

Nota: No prelo, foi divulgada a notícia de que Delfim Netto traiu, mais uma vez, a confiança dos nordestinos, reduzindo a participação da Agropecuária no FINOR — apesar de ter prometido o contrário, por muito tempo.



$\text{add } T \leftarrow \text{sum} \leftarrow \text{sum} + \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n \frac{1}{x_i} \quad \text{for } i = 1, \dots, n$
 $\text{sum} \leftarrow \text{sum} + \frac{1}{n} \sum_{i=1}^n \frac{1}{x_i} \quad \text{for } i = 1, \dots, n$

Brasil de hoje e Homens de ontem

VERDADE

O que diria Rui Barbosa se estivesse vivo? Como ele analisaria a situação brasileira? Procuramos o célebre discurso pronunciado em 1919, na Associação Comercial do Rio de Janeiro. Naquele tempo, o país já mentia, descaradamente, através de seus dirigentes e Rui Barbosa falou verdades, atrevidamente compatíveis com a realidade moderna. E trazemos, também a sempre pertinente Carta de Renúncia de Cirne Lima, o homem que desafiou Delfim Netto, cara a cara, e venceu pelo silêncio honroso do homem que não quis contrariar os seus princípios, preferindo retirar-se do Governo. Os dois textos, impressionantemente, são atualíssimos, como se tivessem sido publicados, hoje, nos jornais.

RUI BARBOSA E A MENTIRA BRASILEIRA

"Mentira toda ela. Mentira de tudo, em tudo e por tudo. Mentira na terra, no ar, até no céu, onde, segundo o padre Vieira (que não chegou a conhecer o Senhor Urbano Santos), o próprio sol mentira no Maranhão, e direis que hoje mente o Brasil inteiro.

Mentira nos Protestos.

Mentira nos progressos.

Mentira nas Reformas

Mentira nas convicções.

Mentira nas transmutações.

Mentira nas soluções.

Mentira nos homens, nos atos e nas coisas.

Mentira no rosto, na voz, na postura, no gesto, na palavra e na escrita.

Mentira nos partidos, nas coligações e nos blocos.

Mentira dos caudilhos aos seus apaniguados.

Mentira dos seus apaniguados à Nação.

Mentira nas instituições.

Mentira nas eleições.

Mentira nas apurações.

Mentira nas mensagens.

Mentira nos relatórios.

Mentira nos inquéritos.

Mentira nos concursos.

Mentira nas Embaixadas.

Mentira nas candidaturas.

Mentira nas garantias.

Mentira nas responsabilidades.

Mentira nos desmentidos.

Mentira geral.

O monopólio da mentira. Uma impregnação tal das consciências pela mentira, que se acaba por se não discernir a mentira da verdade, que os contaminados acabam por mentir a si mesmo, e os indenes, ao cabo, muitas vezes, não sabem se estão ou não mentindo.

Um ambiente, em suma, de mentiraria, que, depois de ter iludido ou desesperado os contemporâneos, ocor-

re o risco de lograr ou desesperar os vindouros, a posteridade, a história, no exame de uma época, em que à força de se intrujarem uns aos outros, os políticos, afinal, se encontram burlados pelas suas próprias burlas e colhidos nas malhas de sua própria intrujice, como e precisamente agora o caso".

CIRNE LIMA, A VERDADE SOBRE AGROPECUÁRIA

Excelentíssimo Senhor Presidente da República: Já no pronunciamento de aceitação, caracterizou V. Excia. a ênfase que desejava para o setor agrícola brasileiro e são por todos lembradas as expressões do seu discurso de posse, dirigida ao homem do campo, àquele que vive exclusivamente na terra e é de terra.

Cremos que os três primeiros anos de Governo de V. Excia. foram bem a consecução destes objetivos, colocando a Agricultura, os interesses e o bem-estar do homem rural, em uma posição incomparável em nossa história republicana.

Todas as medidas do Governo de V. Excia. como um todo, caracterizavam esta prioridade e a mim coube o privilégio de ser nele, responsável pelo setor agrícola.

A superior e humana determinação de V. Excia. de reduzir ainda mais o ritmo inflacionário que solapa a vida do País fez, no entanto, ao nosso ver, que se iniciassem distorções, no sistema e nos métodos governamentais fazendo com que não se distribuíssem igualmente, entre todos os setores da economia, as responsabilidades e o ônus desta tarefa, caindo sobre a Agricultura, que nunca desejou nem foi beneficiária da inflação, uma carga incomparavelmente mais pesada.

Como é sabido, a situação mundial dos preços dos produtos agrícolas aflige populações e Governo de todas as nações, desde as mais desenvolvidas

e ricas, até aquelas em que a fome e a miséria são endêmicas.

A entrada da União Soviética como compradora de alimentos no Ocidente e a possibilidade de que a China Continental venha a fazer o mesmo tornando o mundo de hoje singularmente desafiador, porém, para o Brasil, mais como possibilidades do que como dificuldades.

Pela primeira vez, desde 20 anos, os preços dos produtos agrícolas estão em ascensão nos mercados internacionais e diante da sadia e sábia decisão de V. Excia. de dar prioridade ao consumidor brasileiro, caberia ao Brasil, como sabe, uma ampla área de atuação, como exportador de alimentos e fibras, que bem amparadas, poderiam levar até o homem do interior, o produtor rural, genuinamente brasileiro, oportunidades de renda como há muitos anos não se verificava. Ademais, V. Excia. bem o sabe, mesmo os países mais industrializados ainda têm nos produtos agrícolas a sua maior receita de exportação.

Infelizmente, os mecanismos governamentais, visando ao abastecimento interno, sem atingirem a estabilidade desejada pelo consumidor urbano, mais têm favorecido o setor industrial e comercial de exportação, crescentemente estrangeiro, e tornado cada vez menos brasileiros os resultados da prosperidade do País.

O Brasil cresceu economicamente a níveis admirável nos últimos anos, mas V. Excia. reiteradamente tem afirmado, não é o crescimento econômico um fim, em si, mas sim, instrumento de justiça social. As condições de pleno desenvolvimento atingidas na proporção em que diminuem a fome, a miséria, a pobreza e a doença, continuam sendo preocupação de V. Excia. e de todos os brasileiros.

A busca da eficiência da produtividade, certamente necessária, tem esmagado, de outra parte, os interesses

do médio produtor rural, de pequeno ou médio industrial ou comerciante, estes, brasileiros, em benefício daquelas corporações multinacionais, indispensáveis também, se adequadamente disciplinadas, como em qualquer país, em prol de interesse da coletividade.

Dentro da fixação das necessidades e prioridades nacionais acreditamos que o fator capital está recebendo uma proteção que torna incompatível a conciliação dos objetivos nacionais. A remuneração deste capital, também cada vez menos brasileiro, faz com que o endividamento externo, a balança de pagamento, e, internamente, o custo do dinheiro, tornem quase impossíveis as reduções inflacionárias desejadas a não ser com desproporcional custo a ser pago por outro setor, no caso, o agrícola.

Os métodos que vêm sendo utilizados para a redução do índice de inflação no país, não podem, pois, contar com nossa concordância.

Desde janeiro que os preços dos produtos agrícolas estão, como em todo o mundo, na pauta das atenções públicas brasileiras, a ênfase e os métodos, repito, exigiram de nós, para concordância, complacências e concessões incompatíveis com nossa formação.

Não discuto instrumentos de ação governamental, mas sim os métodos e os princípios de sua aplicação.

Creio, permita V. Excia. que o diga, que o maior problema advém da debilidade de nossas instituições, desproporcional ao crescimento de alguns poucos interesses dentro do país e estes estão praticamente vinculados ao arbítrio de alguns administradores. E as clássicas correções da política econômico-financeira que são utilizadas em tantos outros países, entre nós quase sempre, de forma como são usadas, deservem ao interesse público.

Reiterou-me, mais uma vez, um colega, também Ministro de V. Excia. que o "Governo é um ente essencialmente ético" e como tal são válidos todos os meios para atingir os fins desejados.

Senhor Presidente, há entre essa afirmativa e minhas convicções um grande abismo, não posso atravessá-lo. Sempre acreditei que a verdade é melhor que a falsidade, e a coragem melhor que a covardia. Hoje, confronto-me com seus próprios princípios.

Fique com V. Excia., Senhor Presidente, um profundo sentimento

de fé e esperança naqueles homens que, sob a responsabilidade de um organismo a mim subordinados, colonizam a Amazônia. Leve a eles a minha palavra de respeito e amor, pois não creio que haja brasileiros mais importantes na atualidade nacional. No Nordeste fica ainda em seu início aquilo que considero o mais válido esforço de distribuição de terras já feito no Brasil. Finalmente, as centrais de abastecimento, muitas já em funcionamento e outras por serem inauguradas, obra de V. Excia., das mais duradouras e válidas, para a melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

Trazido do anonimato do meu Estado natal para as funções de Ministro de Estado, esteja certo V. Excia. que procurei, sempre, honrar a vossa confiança e o cargo a que, por este instrumento, renuncio. É hora de sair, para devolver ao meu pai e em breve passar a meus filhos, um nome a cujas tradições procurei estar à altura em dignidade, independência, fidelidade e honra.

Receba os meus protestos da mais elevada estima e consideração."



CASA RURAL

de
M. N. DO AMARAL



Única no sertão que dispõe de
Clínica e Assistência Médico-Veterinária, sob a orientação do Médico Veterinário João Francisco do Amaral Neto



Atendemos a qualquer município vizinho, em casos de grandes cirurgias; cesarianas, fimoses em reprodutores, ruminos, etc.

PRODUTOS VETERINÁRIOS E AGRÍCOLAS

- Antibióticos p/ combate às doenças infecto-contagiosas
- Vacinas contra Febre Aftosa
- Sais Minerais
- Seringas automáticas
- Herbicidas p/ todos os produtos
- Insumos modernos p/ todos os fins

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

- Cultivadores
- Enxadas e ferramentas manuais
- Ensilhadeiras
- Ordenhadeiras
- Material p/ a fazenda moderna

Todos os produtos para a melhor produção agropecuária.

Uma longa tradição de bons serviços

IGUATU, CE – Rua Santos Dumont, 109 (Comercial) e Rua 15 de Novembro, 120 (Residência) – CEP 63500
– Fones: (085) 711-1256/1836.

OS POLÍTICOS NORDESTINOS ESTÃO VIVOS ?

Enviamos questionário para muitos líderes e empresários nordestinos. São eles:

Arnor Francisco da Silva (RN), Olival Tenório (AL), Cleidson Rangel (CE), Fernando Coutinho (AL), Ismar Amorim (PE), João Gomes Frangeiro (CE), José Inojosa (PE), José Nivaldo Barbosa (PE), Miguel Cavalcanti Petribú (PE), Moacir Duarte (RN), Roberto Duarte (PE), Rodolfo Moraes (PE), Severino Gonçalves Duarte (CE), Valzenir Rodrigues de Castro (CE), Elias Ferreira de Freitas (BA), Edson de Souza do Ó (PB), João Guimarães de Souza (PB), Frederico Edelweiss (BA), Gileno Amado Brandão (BA), Carlos Fernando Pontual (PE), José Sérgio Maia (PB), Kleber Bezerra (RN), Marcelo Koch Gomes (BA), Pedro Felício (CE), Vicente Quezado Leite (BA), Joaquim Gonçalves Guerra (PE), todos os Secretários de Agricultura do Nordeste, todos os Presidentes de Federação da Agricultura do Nordeste, Eurípedes Oliveira (PB), Hélio Paranaguá (PI), Luis Antônio da Silva (PI), Clovis Vasconcelos Cavalcanti (PE), Moacir Britto (PE), Fernando Andrade (PE), José Ferraz de O. Gugé (BA), José G. G. Vieira (BA), Marcus Vinicius (BA), Manoel Dantas Vilar Filho (PB), Octávio Machado Neto (BA), Renato Lobo (BA), Sinval Palmeira (BA). As respostas foram suficientes para a elaboração da matéria.

Muitos empresários rurais acreditam que as três principais preocupações dos políticos nordestinos são: nomear, demitir e transferir gente, utilizando as campanhas para corromper os costumes e padrões morais, subornar a Lei e enganar o povo. São tantas as falhas políticas nordestinas, e tantas as coisas que poderiam e precisam ser feitas, que resolvemos ouvir as opiniões da classe pecuarista sobre tão melindroso assunto. Surge a confirmação de que a única solução para o Nordeste somente poderá ser obtida através da via política e que — após tantos anos de marginalização democrática, enfraquecimento do Legislativo e afastamento das boas lideranças — ainda teremos um longo tempo de péssimos políticos. Fica evidente, também, que a esperança reside nos políticos, muito mais que nos Executivos estaduais.

O Político não é tão culpado, pois o Modelo o força para a inércia

Na verdade, ambos são culpados: o Modelo Brasileiro e a falta de coragem e acomodação do político nordestino. Esse, nos últimos anos, tem se preocupado mais com seus votos do que com a realidade regional, não tendo, ainda, se apercebido de seu valor, talvez por timidez, até. Vivemos um período de políticos castrados, ou seja, foi imposto à Nação um Modelo onde está evidente a hipertrofia do Executivo, com uma série de títeres nomeados para os postos de governadores estaduais, quase que anulando a atuação dos políticos regionais. Por isso, ainda durante muito tempo, o Nordeste e o Brasil verá péssimos políticos, mas a culpa não deve ser tributada apenas aos homens, pois o Modelo é mais culpado”.

As respostas evidenciam que a grande maioria dos atuais políticos não se preocupam em complementar seus conhecimentos sobre a região, e, por isso, são taxados de incompetentes para discutir os problemas nordestinos. Vicente Quezado Leite, batalhador líder baiano, diz que “se os políticos têm competência, então, por covardia ou medo de perder seu posto, apresentam-se tão incapazes que não se enxergam qualidades para se aquilatar os

seus reais conhecimentos, preferindo viver alienados e fazendo barganhas políticas que lhes dêem um curral eleitoral.”

No entanto, dentro do atual sistema, os deputados e senadores não merecem a acusação total, pois a responsabilidade foi atirada aos ombros dos executivos e eles é que devem ser penalizados pelas omissões que tanto afligem o Nordeste. Os políticos, na opinião da maioria, está procurando apenas “sobreviver”, enquanto uma boa parte já abandonou a frente de luta e outros estão aguardando uma reabertura. Assim, deputados e senadores, são apenas uma simplória e pobre moldura do Modelo Brasileiro.

Os políticos nordestinos devem começar a agir em uníssono, formando um sólido bloco em torno dos problemas regionais, sejam lá de que partido forem. Os interesses do Nordeste não devem ser mais objeto de negociação políticas ou de partidos, pois a região é um todo. Hoje, já existe a consciência de que 90% da área nordestina é seca, porém plenamente viável, e isso deve ser o alicerce para a luta política.

A frustração da SUDENE deve ser o exemplo para os políticos, pois foi concebida como um órgão que solucionaria todos os problemas, mas foi sepultada, antes de nascer, foi esvaziada, e continua sendo, embora acobertadamente. Os políticos devem assumir, então, o papel de batalhadores tendo como exemplo e como base as medidas que foram assacadas contra a

SUDENE e que resultaram na péssima situação de hoje.

Uma bancada única deveria lutar por problemas de todos, mesmo sabendo que alguns Estados, com melhores condições econômicas teriam melhor atendimento. A união dos políticos nordestinos, por si só, já seria sinal de uma nova atitude, de uma nova mentalidade regional, que somente traria benefícios. No entanto, muitos são os políticos que são a favor, quando se discute o assunto, mas que — na prática — são totalmente contrários à união, preferindo viver na separatividade, sem qualquer visão mais abrangente dos problemas regionais.

ALICIADOS, SUBORNADOS e CONDICIONADOS

Talvez pelos poucos conhecimentos da realidade regional, os políticos, de uma maneira geral, são facilmente manipulados por força políticas que nada têm de nordestinas. Os entrevistados, em sua maioria, não acreditam que haja suborno e, mesmo dificilmente, exista aliciamento, mas sem dúvida existe um bem montado esquema de condicionamento, mesmo que atuando inconscientemente.

A seleção dos políticos tem sido através do lento êxodo e esse tipo de seleção só pode trazer resultados negativos, pois as lideranças afastaram-se, forçadamente. O problema, assim, constitui apenas uma questão de po-

breza mental, com boas exceções, felizmente.

Seria necessário que os nordestinos unissem-se, realmente, trabalhando em total sintonia com a SUDENE e órgãos de desenvolvimento regional, teoricamente. Mas, ao se considerar que os políticos constituem uma classe abastardada, a SUDENE como SUDENE é o órgão que inexistente e o Governo Federal é na verdade, omissos — apesar de todo palavreado gasto na imprensa e no sul do país — conclui-se que não há sintonia possível entre o que é nada e o restante, que também é nada. Muitos entrevistados salientam que nossos políticos não sabem o que é SUDENE e quais os seus mecanismos e, nesse prisma, buscar uma sintonia, só iria atrapalhar o pouco trabalho que, porventura, possam fazer. Já Dr. Ronaldo Fernandes, Secretário da Agricultura do Rio Grande do Norte salienta que o político deve trabalhar em sintonia com o povo, usando todos os instrumentos possíveis.

O QUE FAZEM OS POLÍTICOS E O QUE DEVERIAM FAZER

Como preocupação básica, o político deveria buscar alcançar a "consciência nacional", pois o Modelo tem forçado uma desnacionalização progressiva. Essa consciência traria, como consequência direta e imediata, uma visão política precisa sobre o mal dos desequilíbrios regionais e a necessidade de reorientação. Atualmente, preocupam-se em sobreviver, que pode ser considerado, de uma maneira global, como uma boa coisa, pois em última análise, ainda a região conta com políticos embora medíocres.

Dentro das necessidades regionais, as respostas apontam como preocupações básicas: conhecimento real das necessidades do Estado e da região; firmeza e persistência na consecução dos objetivos, complementar e atualizar, junto às bases políticas, a compreensão do problema regional no contexto nacional — como medidas que deveriam ser buscadas, e, de imediato, segundo Dr. Ronaldo, deveria

1) defender um programa objetivo de reestruturação fundiária e redistribuição de terras

2) defender uma linha de crédito especial para o Nordeste,

3) defender uma linha política de valorização do homem do campo através de programas de saúde, Educação, Habitação, etc.

Não obstante, existe a insistência de se afirmar que muitos políticos

preocupam-se apenas em se reeleger e, depois, viver na tranquilidade até o meio do mandato e voltar a trabalhar somente no final da gestão, visando a reeleição.

Havendo união da Bancada e todos lutando pode-se formular uma política justa e global para a região. Segundo Manoel Dantas Vilar, basta uma coisa: mudar o Modelo da Política Econômica Nacional, pois o mercado interno conta já com 120 milhões de bocas e, a grande maioria, precisando de alimentos, enquanto a Política preocupa-se em exportar. Sem dúvida os tecnocratas derrubam, a qualquer momento, essa hipótese, mas o insigne líder paraibano insiste nela. O PIB passaria a ser uma entidade etérea, ao invés de ser um férreo indicador. Não há dúvida que se trata de uma utopia, mas viria a salvar até a cultura nacional, pois produzir para exportar é uma distorção, no momento em que ainda há bocas para alimentar.

Na verdade, os Estados sulinos contam com bancadas atuantes e sólidas, por isso, a grande maioria dos recursos para lá são destinados e quase tudo, no Nordeste, ainda está por fora, e o pior, a região vê-se em processo de sangria, sendo esfolada, para enviar recursos e subsidiar as indústrias sulinas, há já duas décadas. É evidente a falta de consciência real dos problemas regionais e de uma visão global do Brasil de hoje.

EXISTEM POLÍTICOS BONS E SAFADOS COM NOME DE POLITICO

As respostas frisam que existe muitos políticos que se preocupam, apenas, em manter o emprego, usufruindo a sua parcela de "poder". O povo, por sua vez, de acordo com a maioria dos entrevistados, não se preocupa com esses aspectos, pois a descrença em seus políticos já é coisa de muito tempo. A maior preocupação chega a ser "trocar um voto por um par de sapatos". Mas existem alguns políticos, cujo nome, é respeitado pela massa. As pessoas tornaram-se individualistas, acreditando só em si mesmas, na luta pela sobrevivência no Nordeste seco. Os projetos miraculosos não prendem sua atenção, pois já são "rotina" e o Nordeste, há centenas de anos, vem recebendo promessas de dias melhores, sempre em vésperas de eleições. Existe até o caso de um ex-Senador que dizia bem claro: "não devo nada a meu Estado, pois em épocas de eleições eu vou até lá e compro os meus votos

necessários," frase que — mesmo sendo estampada nos jornais de seu Estado — não impede sua reeleição.

O povo nordestino é enganado, desde os tempos dos brilhantes da coroa de Dom Pedro II que, já naquela ocasião, foram ofertados pelo ilustre monarca, para dar uma "solução definitiva" aos problemas regionais. Desde os brilhantes até hoje, inúmeras têm sido as medidas milagrosas e, hoje, nem o povo e nem a maioria dos políticos acreditam mais nelas, todos tentando conviver e tirar proveito das mesmas, apenas.

O político nordestino, no entanto, em sua maioria, segundo respostas, não tira proveito próprio, em caráter econômico de seu cargo, mesmo em proveito de seus familiares. O político verdadeiro, com "pê maiúsculo", não faz isso. Mas existe aqueles que, realmente, usam o Poder para tirar proveito e negociam, abertamente, com vagas, empregos, etc. Mas isso

não é ser político, isso é ser safado. "E, como em todas as atividades, como em medicina, em engenharia, em economia, existem os vigaristas e safados, assim também em política. Mas tais pessoas são apenas safados e vigaristas, e não políticos."

O político não tem se preocupado em realizar apenas obras de fachada, mas tem se preocupado em realizar obras que possam carrear votos para a próxima eleição e, geralmente, são obras de fachada, inócuas em um contexto mais abrangente. Assim, asfaltar uma rua de grande trânsito torna-se mais importante que construir um hospital num distrito. E, quando a obra é boa e cataliza votos, "ai, então, tem político pai-de-menino que não é brincado," diz Vicente Quezado Leite.

O essencial do ponto de vista da Nação brasileira foi destruído e nada tem se realizado para garantir ao brasileiro uma existência melhor, em termos práticos. O resto são muitas e muitas obras de fachada, indústrias, etc. Poucos são os que realmente enxergam o Brasil como uma Nação de vocação agropastoril, tal a força com que se tem pregado uma "nova vocação" distorcida da realidade, cuja única finalidade é conferir poder e riquezas para uma minoria privilegiada e não raro, ausente do país. Nesse enfoque, o Nordeste é apenas uma vítima, e pior, a mais sofridora.

E a única solução para voltar ao caminho correto é a ação conjunta dos políticos, que precisam acordar, o mais rápido possível, para a realidade brasileira. Somente lutando é que o Nordeste conseguirá alguma coisa e essa luta tem que ser política, pois e essa luta solução é unificar toda a Bancada em torno das mesmas causas.

Seleção mais premiada em Exposições do Nordeste

FAZENDA PINHEIRO

RENATO e JOSÉ
ORLANDO DUARTE

Simental Fleck-
vieh de origem da
Suíça e Alemanha

RECIFE, PE — Av. Boa Viagem, 854, Fones: (081) 236-0565
224-3871 — Telex: (081) 1300, IROD
LIMOEIRO, PE — Fones: 226/230/239.



• Grande Campeã/
Campeão Sênior —
POI — Recife/79
• Grande Campeã/
Campeão Sênior —
POI — Limoeiro/
80
• Grande Campeã/
Campeão Sênior —
POI — Carpina/79
e 80
• Campeão Sênior —
Carpina — Grande
PB/79

MARK—POI—213
Nasc: 9/5/73. Peso:
1.045 kg Filho de Sa-
tum P. e Albana RLS



• Res. Grande Cam-
peã/Res. Campeã sa-
cã Adulta — Recife/
79
• Res. Grande Cam-
peã/Res. Campeã
Vaca Adulta — Car-
pina/80
• Res. Grande Cam-
peã/Res. Campeã
Vaca Adulta — Li-
moeiro/80

NIETE LULU



• Campeã Bezerra
Carpina/80 —
• Campeã Bezerra
Limoeiro/80 —
• Res. Campeã Bezer-
ra — Recife/79

**TICIANA DA
PINHEIRO**



• Grande Campeã/
Campeã Novilha
PON — Carpina/80
• Campeã Novilha
Limoeiro/80
• Campeã Bezerra

**SISSI DE
MIRAFLORES**



GUZERÁ-D: 46 Anos

MANOEL DANTAS



1

O Guzerá vive bem, não estranha capim seco, vive no sol brabo, sempre completando o peso antes das outras raças.

2

Os bezerros são homogêneos, fortes, bonitos, nascendo no clima mais sadio de nosso país, o de menor índice de mortalidade.



3

As fêmeas, mesmo no pique da seca, pagam a conta da criação, com o leite, e são precoces, com menor intervalo entre-partos e com maior número de lactações durante a vida.



4

No Guzerá-D, a precocidade das fêmeas é importante, e está aumentando a cada geração. Eis Daneca-D, com cria ao pé, aos 28 meses e Espinhara-D, que pariu depois, aos 25 meses. O clima seco aumenta a fertilidade e a precocidade, como uma maneira de auto-preservação do instinto da raça.

Desejo receber, sem qualquer compromisso de minha parte, pelo Correio, os itens indicados abaixo, GRATUITAMENTE:

Nome:

Endereço p/remessa:

Cidade: Estado:

- ☐ Zootecnicamente, o que acontece quando se cruza GUZERÁ com europeu
- ☐ O Sr. poderia argumentar sobre cruzamento de Guzerá com Schwyz, Siment e Holandês, baseado nas experiências da Carnaúba?
- ☐ Porque o Sr. diz que animal cruzado com Guzerá é mais econômico?
- ☐ Melhor explicação sobre produtividade e "mais quilos por hectare/ano".
- ☐ Quais os preços de Guzerá e outros produtos da fazenda?

FAZENDA CARNAÚBA
MANOEL DANTAS VILAR FILHO

TAPEROÁ, Paraíba - CEP 58.680 - R. Álvaro Machado,
1 - Fones: 2213/2251

(asfalto até João Pessoa ou Recife)

de Sertão Paraibano

VILAR FILHO



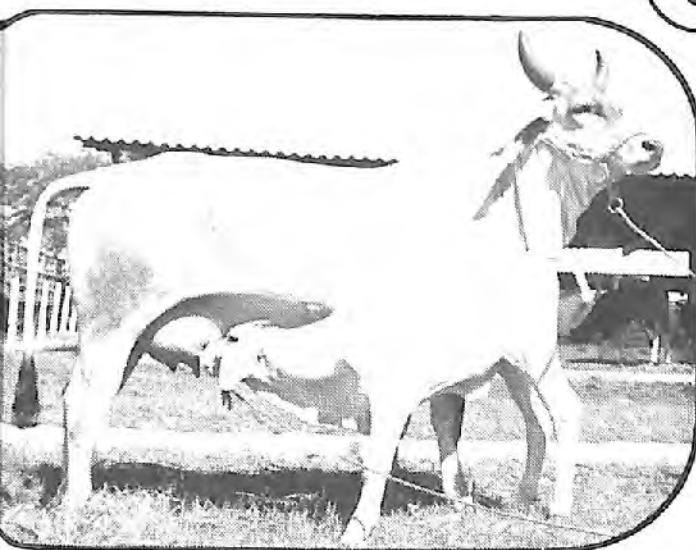
5

O importante não é a quantidade de cabeças p/hectare, mas sim "quantos quilos de carne e leite" são obtidos por hectare/ano. E o Guzerá é, então, o melhor: uniforme, rústico, pesado, precoce, leiteiro, mantigueiro, com muita raça.

Registro
Genealógico
da ABCZ



Seleção desde 1934 com animais PD das raças tradicionais (embagem leiteira iniciada em 1895) sem nunca haver introduzido touros de fora.

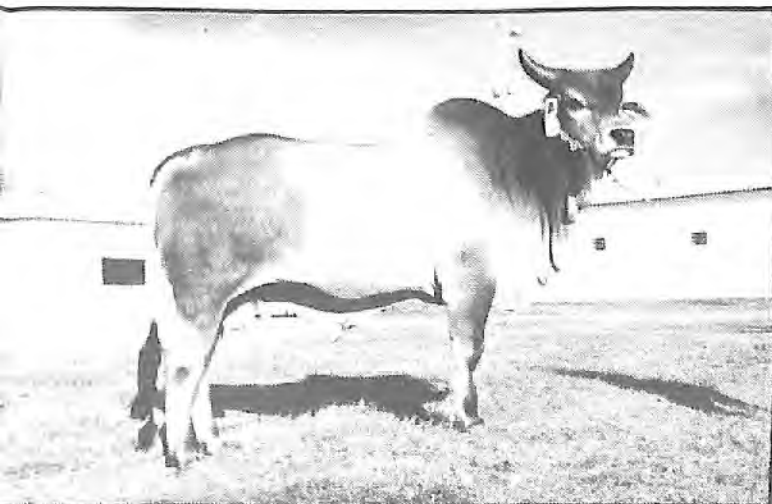


7

Na Carnaúba, quem manda é o olho do dono, desde 1934, fazendo seleção para clima rigoroso utilizando touros de notável ascendência leiteira e mansidão, com produção comprovada na Fazenda, como Centurião.

6

Em produção, o Guzerá-D já atingiu 580 kg, com EMBATE, aos 24 meses, um "moderno novilho de corte", e de dupla aptidão. Em leite, é comum obter 14 kg em uma ordenha, sem artifícios.



LIMOEIRO-PE - Fones: 226/230/239
 RECIFE-PE - Rua da Moeda, 122, 1º. CEP 50.000
 TELEX: (081) 1.300 IROD - Fones: (081)224-3433/3891



Tambem
 Seleção Gir
 com 500
 cabeças e
 MANGALARGA
 MARCHADOR

PRIMOR
 da Sta. Terezi-
 nha.
 Nasc: 25/08/79
 Pai: Natal (RG
 2292)
 Mãe: Sertânia (F-
 7591)

Seleção
 INDUBRASIL
 com 1.500
 cabeças

SERTÂNIA
 RG: F-7591
 Nasc: 25/2/75
 Pai: Judaico (RG.
 2213)
 Mãe: Bananada
 (RG.B-8718)
 • Grande Cam-
 peã Nordestina
 e em diversos
 Estados.

CENTENAS DE
 CAMPEONATOS EM
 TODO NORTE E
 NORDESTE



Seleção
 NELORE com
 1500 cabeças

FINLANDÊS
 Nasc: 11/4/77
 Pai: Lapinho
 (RG. 6201)
 Mãe: Mística
 (RG.T-3524)



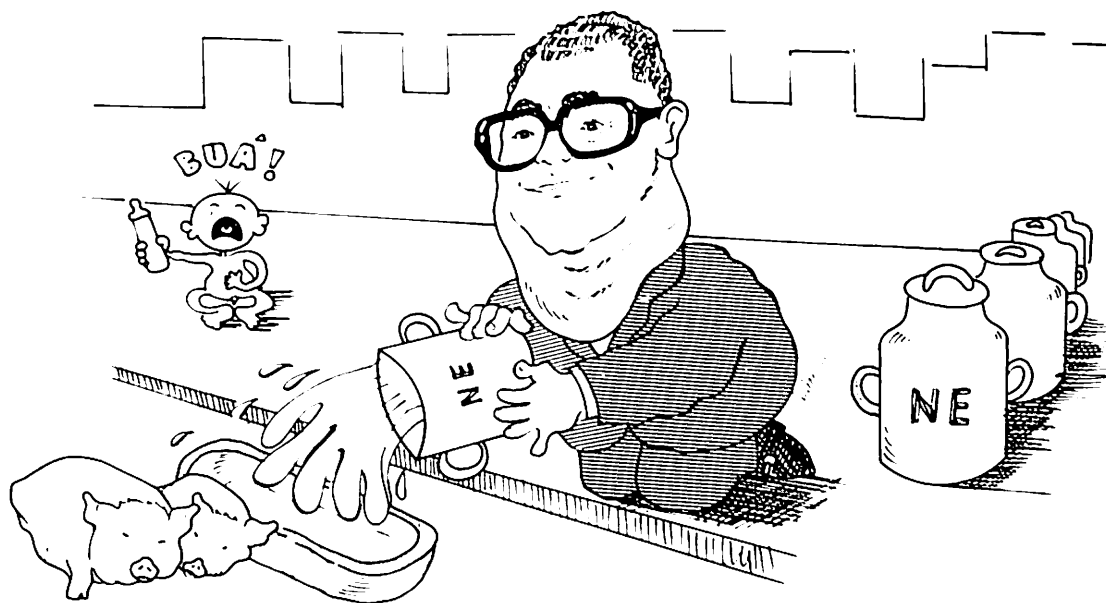
Seleção
 Guzerá com
 350 cabeças

LIMOEIRO
 RG 1157
 Nasc: 16/11/75
 Pai: Impar da
 Xarqueada (RG-
 7649)
 Mãe: Hera (RG.
 C-785).

O país é conivente com

O crime do leite

O parlamentar pernambucano Marcus Cunha resolveu defender a questão do leite e teceu uma série de críticas às proposições dos tecnocratas, lembrando que os engodos e artimanhas que se verificam com o leite é um atentado contra a dignidade nacional. Esses homens assim agem, visando entregar a produção às multinacionais e algemar, ainda mais, o Brasil aos banqueiros internacionais.



“Existe em curso uma manobra para subir em quase 100% o preço do leite. O governo colocou apenas o leite tipo C no cálculo do índice de aumento de preços dos produtos básicos. Como não existe mais o leite tipo C que, como num passe de mágica, deixa de ser um produto básico, permitindo, assim, que seu aumento não reflita como mais um fracasso da política econômica do Governo.

É muito maquiavélico, mas é a verdade e isto será mais uma vitória das multinacionais do leite, que comprarão o produto diretamente dos produtores, pelo preço que quiserem e o revenderão ao povo como leite em pó, ou iogurte, que serão consumidos pela classe mais alta.

Existe a necessidade de se apurarem os crimes cometidos contra a Nação em nome do desenvolvimento pois a tecnocracia implantada no Governo, está levando o Brasil para o caos e a desordem. Os tecnocratas preocupam-se apenas com seus próprios empregos, voltando as costas para o futuro da Pátria e torna-se necessário que um conjunto de forças vivas interessadas no futuro de nosso povo una-se para a reconstrução do país.

É inegável que o povo brasileiro precisa de leite. Para isso, há de se ter um preço justo, capaz de compensar, com justiça, os produtores e, ao mesmo tempo, providenciar para que a

população disponha de um nível de renda suficiente para incluir esse produto em sua dieta . . . isto realmente interessa à Nação. Entretanto, que faz a tecnocracia, nas mãos de quem, depois de 15 anos, os donos do poder transferiram a tarefa de gerenciar a Nação? Limita-se a discutir técnicas, para nada resolver, pois o problema é essencialmente político, ou seja, é dar condições ao povo de comprar leite a um preço que justifique sua produção.

Mas, pior ainda, mesmo a nível técnico, cometem o crime de tratar o problema com máxima irresponsabilidade, procurando defender a curto prazo seus interesses pessoais. Assim, decidem por um tipo só de leite, o tipo A e tipo B, reduzindo-se ambos a um só, como se o problema de abastecimento fosse uma questão de desburocratização que, na melhor das hipóteses, gerará o seguinte:

1) As classes de renda baixa não poderão continuar comprando o leite tipo C, que subirá cerca de 100%.

2) Os produtores de leite tipo B, ainda assim, ficarão com um preço que, segundo indicações econômicas, não compensará os produtores.

3) Os produtores do leite tipo C, depois de uma certa euforia inicial pelo novo preço, descobrirão que a demanda se restringirá e, no futuro, ver-se-ão obrigados a reduzir a produção, mudar de ramo ou vender todo o seu

produto à Nestlé ou Danone, ao preço que estas multinacionais estabelecerem.

4) Finalmente, daqui a uns quatro anos, ou mesmo vários meses, o país ficará sem produção nacional e seremos obrigados a importar, cada vez mais, produtos lácteos, dobrando o sacrifício das nossas contas externas.

Pelo visto, com as medidas anunciadas pelo Governo, apenas sairão ganhando a Nestlé, a Danone e outras multinacionais e bancos, pelos juros da nova dívida contraída para a importação de manteiga. Será que esse tipo de medida tem algo a ver com o fato de que os ex-ministros do Planejamento e da Fazenda geralmente encontram bons cargos nos bancos internacionais? Sem dúvida, pelo ponto de vista tecnocrático, essa medida é brilhantíssima, pois conquista a simpatia das grandes empresas que passarão a ter produtos por baixo preço.

A Nestlé e a Danone e outras multinacionais, aliadas à tecnocracia, como brilhantes ilusionistas que são, vendem ilusão ao povo, dizem estar dando leite aos filhos, quando, na realidade, é apenas água que as crianças estão tomando, embora certos testes realizados venham a dizer que não.

O Sr. Delfim Netto, tentando dar mostras de um raro gesto de magnanimidade, há poucas semanas, colocou apenas o leite tipo C no cálculo do índice de aumento de preço dos produtos básicos. Ele estava tentando burlar todo o povo!

Está na hora de procurarmos a dignidade nacional. Apelo às forças armadas, operariado, empresários e até ao Congresso, Presidente da República, os partidos sérios, à Igreja para que todos, através de uma luta política e da discussão, consigam formular um programa mínimo que possibilite salvar o país do caos no qual está sendo jogado.

Um projeto de dignidade nacional, que tire a Nação das mãos das multinacionais do leite e dos banqueiros internacionais, que incentive os produtores de leite a aumentarem a produção e que dê ao povo condições de tomá-lo.”

Extratos, Marcus Cunha



DELFIM – UM RASTILHO DE PÓLVORA

MINISTRO da FAZENDA.
NUNCA VIU UM PÉ DE CANA
NEM SABE QUANTO CUSTA FORMA-LO



O Governo pagou para ver e está vendo. O estopim da revolta dos usineiros e fornecedores de cana foi aceso em Alagoas e Pernambuco, por enquanto, com redução de 30% em sua safra, enquanto o Ministro Delfim Netto não resolve abrir os olhos para a triste realidade da situação em que se encontra a indústria do açúcar. O Ministro não quer entender, de uma vez por todas, que o problema do açúcar e do álcool, e da cana, é o problema do preço.

Querendo continuar sendo nossa esperança de acabar com a inflação, Delfim Netto que bancar, em Brasília, o Tiradentes, com o pescoço da gente, ou seja, quer libertar o país do garrote vil da inflação à custa da indústria do açúcar. E o pior, da indústria do açúcar do Nordeste, já tão cheia de problemas.

O Sr. Delfim entende muito pouco de cana, de emprego de massas, pois uma tonelada de cana tem o preço de Cr\$ 609,00 quando colocada na usina. Cada 600 quilos de adubo serve um hectare de terra e cada hectare dá para colher 40 toneladas de cana. Ou seja, a Cr\$ 609,00/ton o plantador apura Cr\$ 24.360,00 para uma despesa de Cr\$ 16.200,00 de adubos. Sobram Cr\$ 8.100,00 para pagamento de

pessoal e cultivo, lembrando que o ciclo da lavoura é de 18 meses, gasolina a Cr\$ 26,00/litro, INSP e outros fundos governamentais. (Trecho do Boletim Mercantil de Pernambuco).

O Ministro de hoje é o mesmo de sempre. A foto ilustra a Assembléia Extraordinária dos Plantadores de Cana de São Paulo, em 1968, onde se veem Dr. Salvio Pacheco de Almeida Prado, Dr. João Agripino Sobrinho, Dr. Toledo Pisa. O que fez, nessa ocasião o poderoso Delfim? Afastou o líder ruralista Luiz Emanuel Bianchi.

No Nordeste, a situação piora, pois a cultura de cana acarreta até o problema social, pois os extremistas brasileiros acusam a monocultura como um fator de desagregação social, e pouco se importam em analisar profundamente, a situação das usinas nordestinas e os benefícios que elas acarretam à economia regional. Na verdade, a produção de açúcar, no Nordeste é problemática, pois é apontada como concentradora de renda, numa região em que a pobreza é crônica. O culpado pela pobreza são os desmandos e a falsa política oficial, mas o próprio Governo permite que a culpa seja lançada sobre o livre empresariado das usinas de açúcar, além de ajudar a castigá-lo. Até quando?

SÃO PAULO NA CORRIDA DO AÇÚCAR

A Secretaria de Indústria e Comércio de São Paulo conta com um já encerrado estudo sobre terras disponíveis cerca de 12 mil quilômetros quadrados de áreas atualmente ocupadas com pastagens no Estado paulista, que deverão ser ocupadas pelos canaviais. Foi instalada, em terras de São Paulo, uma estrutura para estudar detalhes, inclusive a possibilidade de que os estudos a respeito sejam feitos antes da posse de Paulo Melo. Os apelos de criadores visando a introdução de melhorias genéticas e melhoramento das pastagens visam, na final da conta, a uma maior produtividade na produção açucareira.

São Paulo, além, está com todos os planos prontos e já se articulando, politicamente, para implantar o ambicioso programa que, segundo muitos agropecuaristas, será uma nova "onda de sugar", como foi o café, no passado.

O CERTO É AUMENTAR A PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

O Brasil não tem um problema energético usual, não sofre de falta de energia, mas um problema de balança comercial determinado por fatores energéticos", diz Marcos Granetti da Fonseca, doutor em economia e coordenador dos trabalhos em energia da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da USP.

Comparando o rendimento do álcool e açúcar, conclui-se que o produto alimentício permitia uma receita cinco vezes superior ao álcool, e o Governo "deveria flexibilizar suas metas de produção alcoólica, reduzindo-as em benefício do açúcar, pelo menos no que diz respeito aos dois próximos anos". Segundo Granetti, as vantagens do açúcar não são apenas conjunturais, pois a análise da curva histórica que compara os dois produtos deixa bem evidente que o melhor seria contestar o Proálcool, enquanto ele estiver colidindo com a cultura de alimentos do País.

A seu ver, nenhuma fonte isolada de energia resolverá o problema brasileiro, havendo necessidade de somar diversas alternativas. Ademais, temos exemplo, com a Suécia que apresenta um consumo "per capita" bastante superior ao dos Estados Unidos e que, no entanto, consome 60% menos energia que os norte-americanos. Ou seja, existe a possibilidade de se conquistar um alto padrão de vida, consumindo pouca energia.

A política adotada pelo Governo, visando economizar combustíveis, atinge uma "falsa economia", pois somente os que consomem menos são levados a diminuir ainda mais o consumo, devido aos aumentos de preços. Os poderosos não se preocupam com os aumentos de preços e, em síntese, o consumo continua alto.

No momento, o melhor seria incentivar a produção de açúcar e incrementar sua comercialização, visando obter receitas para o País.

O Nordeste ainda vai se erguer

EURIPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.



O esvaziamento do Nordeste começou com os áulicos da Corte e só recentemente nossa região viu algum progresso. O braço faminto do nordestino, mais barato que o escravo ou indígena, ajudou os cafezais sulinos e, hoje, o Brasil compra algodão no Paraguai enquanto permite que o nosso seja atirado à margem da estrada, por falta de preço. Os políticos regionais são mantidos separados, pois é esperteza velha, colocar pouca ração no cocho para obrigar o animal a não se afastar do pasto. No entanto, o Equador está na OPEP e produz menos petróleo que o Nordeste. nossa população conseguirá sobreviver, com o arrocho sulino, e ainda temos força para reeditar a jornada de Tabocas até Guararapes. A fibra do Nordeste nunca foi desmentida e, completando 84 anos, hoje, orgulho-me de ser brasileiro e, antes de tudo, um nordestino.

O Modelo Econômico Brasileiro, tanto quanto o social, reduziu o político nordestino ainda mais que o de outras regiões do país a viver na inércia, não lhe cabendo diretamente a culpa pelo atraso e deficiência em que atualmente se encontra o Nordeste.

Não é de hoje que o nordestino é apresentado como o povo pobre, incapaz de se erguer por si. A distância e a falta de comunicações já era um problema desde a instalação aqui dos descobridores da terra. Como uma solução, a corte portuguesa, criou em 1621, o Estado do Maranhão, abrangendo do Ceará para o Norte. Em 1623 nomeou o seu primeiro governador e este, somente em 1626 pode chegar ao Maranhão, tamanha era a dificuldade da época.

A conquista das terras do Nordeste e Norte foi esforço dos pernambucanos. As lutas contra o domínio holandês foram ignoradas, ao sul da Bahia. O primeiro grito de independência, na colônia, foi dado em 1710, no Senado de Olinda. Três meses antes do Grito de Ipiranga, já os pernambucanos e paraibanos estavam nas trincheiras do Recôncavo da Bahia, lutando ao lado dos baianos contra as tropas lusitanas, mandadas para assegurar a nossa colonização. Os movimentos de 1817 e de 1824, foram explosões de nossa vontade de sermos um povo livre.

A centralização do Poder no Rio de Janeiro, distanciou o Nordeste do sul. Os áulicos da Corte arrastavam para os seus campos os recursos disponíveis da Nação. Quando foi proclamada a República, três quartos das ferrovias brasileiras corriam nas províncias do sul. Sou contemporâneo da li-

gação ferroviária entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte. A ligação com o Ceará foi feita há pouco menos de vinte anos.

O primeiro órgão destinado a fomentar a economia do Nordeste, o atual DNOCS, foi criado em 1910. Eu fiz parte da turma de topógrafos criada em 1911 para os estudos da primeira rodovia de penetração no Estado do Rio Grande do Norte. Foi em 1915 que iniciaram a construção da primeira rodovia no Estado da Paraíba. Antes, havia aqui, constituída pelo governo central, um caminho de terra, inaugurado pelo Imperador Pedro II, sem obras de proteção e sem atualização, com cerca de quarenta quilômetros ligando a Capital à várzea dos canaviais. Finalmente, até o término da última Guerra na Europa, o Brasil encontrava-se dividido como no tempo da Colônia. Data de 1950 o início das comunicações rodoviárias, entre o Norte e o Sul.

Enquanto o Nordeste era esquecido, a lavoura do café recebia todo apoio do Poder Central. Em 1877, as verbas destinadas ao socorro dos flagelados da seca ocorrida naquele ano foram, na sua quase totalidade, aplicadas no Sul, no Transporte e aproveitamento do braço mais barato que o do escravo, oferecido pelos famintos nordestinos, nas lavouras do café, então em ascensão. Para o Nordeste mandavam gêneros alimentícios negociados no Sul, aumentando ainda mais o apoio dado à agricultura sulina.

A produção algodeira do Nordeste, elemento vital para o apoio do homem à terra, está reduzida a pequena porcentagem do que já foi. Ainda

na última safra, todo esforço ficou perdido, pois os preços estipulados não pagavam sequer o custo da colheita. Enquanto aqui no Nordeste o produto era levado pelo vento, rolava nas estradas; a indústria do Sul comprava o algodão produzido no Paraguai.

Os políticos nordestinos, face à pequena força que cada Estado representa poderiam formar um agrupamento, mas são mantidos distanciados, pois serão assim mais facilmente manobrados. Antes de 1912, o caudilho nacional Pinheiro Machado usava a tática de manter separadas as diversas bancadas para, dessa forma, assegurar o seu mandonismo contra as ameaças do sul. Agora, empregando a mesma tática, os atuais senhores do Poder, levam o povo a aceitar que alguns dos seus representantes ou a sua maioria possam ser aliciados ou mesmo subornados, para deixar o Nordeste em sua precária situação.

É muito velha a esperteza de colocar pouca ração no cocho, para obrigar o animal a não se afastar do pasto.

A OCASIÃO CHEGARÁ

Poucos são os que estão observando a ascensão de um novo elemento nos destinos do Brasil. Os povoadores da terra tinham uma origem comum, mas, os aqui chegados há menos de duas gerações, traziam a sua formação apoiada numa cultura dife-

rente e talvez superior à nossa. Vieram para vencer na vida e pensam apenas na sua própria sobrevivência. Os primeiros vinham para ajudar na formação de uma nação. Os que chegaram por último ainda se sentem ligados às suas origens e para ela se voltam na esperança de um retorno como um vitorioso. Não perderam os laços que os unem. Ainda não são integrados na Nação brasileira. São sem conta os episódios onde se prova que, na maioria, eles desconhecem a existência do Nordeste, como parte da Nação. Ignorantes da nossa história, vivendo a sua luta, não sabem que o nordeste é o único produtor do petróleo brasileiro. Auto-suficiente, se fosse uma nação independente estaria na OPEP, tanto quanto o Equador, que produz menos que nós. Ignoram que as reservas de urânio, já conhecidas no Nordeste, já são as maiores do mundo ocidental. Não sabe que formamos um terço da população, totalmente brasileira, por muitas gerações. Desconhece os fatores da nossa formação política e econômica, não sabem que, quando todo o Sul ainda era apenas a região das Minas Gerais e São Paulo ainda um aglomerado de poucos milhares de habitantes, já o Nordeste tinha força para repelir a invasão flamenga, apoiada com tropas aguerridas nas lutas da Europa.



O Nordeste parece ser uma terra de homens fracos, mas a aparência engana-se e ele ainda vai se erguer, como de outras vezes.

Nossa gente, nossa terra, tem elementos para a sua própria subsistência e não nos falta o brio e a força para nos colocar como irmãos dos demais brasileiros, repelindo o tratamento de primos pobres que hoje recebemos.

Sabemos que estamos dominados pelos agiotas internacionais, através das obrigações impostas para os empréstimos que seus afins, aqui estabelecidos, foram tomar. Sabemos que a nossa indústria, nossa agropecuária e tudo que fomenta a nossa economia, estão sendo por eles manobrados. Sabemos que nominalmente, mais de um décimo do território nacional está nos cartórios registrados em seus nomes. Sabemos que os maiores latifundiários nacionais são pessoas de outras nações.

E sabemos que tudo lhes foi assegurado pelos seus afins, que assumiram o leme da Nação.

Não pensamos, pois não vemos no tratamento reservado aos nordestinos, um motivo para reeditarmos os movimentos de 1817 e 1824, mas ainda temos força para refazer a jornada de Taboas até Guararapes, com os recursos correspondentes aos por eles usados.

A fibra do nordestino nunca foi desmentida. Quando fugia da fome e da sede, foi afirmar a sua brasilidade arvorando o nosso pavilhão nos confins do Acre e do Amapá, contestando sozinho com poderosas forças de outras nações.

Voltaremos a ver à frente dos destinos de nossa Nação, homens que tenham os apelidos de Campos, Pereira, Sales, Pessoa, Rodrigues e outros que lembrem suas raízes na terra brasileira.

Hoje, estou completando oitenta e quatro anos de vida, orgulho-me de ter, com as minhas mãos, aberto trilhas nas brechas onde vejo agora passar o progresso e a civilização. Orgulho-me também das represas que ajudei a formar, criando oásis que asseguram água e alimento aos sertanejos. Orgulho-me de ser brasileiro, mas sobretudo por ter nascido no Nordeste.

Campina Grande, abril, 1980.

PORTA VOZ
do empresário rural
nordestino, com circulação nacional

A voz ativa da Bahia, Sergipe, Alagoas,
Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte,
Ceará, Piauí, e Maranhão

**Autêntico e
legítimo defensor
da agropecuária nacional**

Desejo
uma
ASSINATURA
da
Revista

MODERNA' CORAJOSA' IDEALISTA' VIBRANTE'

**AGROPECUARIA
TROPICAL**

R. Samuel Farias, 61 - Casa forte
Caixa Postal 6033 - Fone: (081) 268-1434
50.000 - Recife - PE.

Um
diálogo corajoso
a favor da
Agropecuária
Nacional

Estou enviando

☐ Vale Postal

Cheque Banco ☐

Nº

☐ Um ano Cr\$ 600,00

☐ Meio ano Cr\$ 400,00

☐ Dois anos Cr\$ 1.100,00

Pagamento em nome de AGROPECUÁRIA TROPICAL

Nome

Endereço

Cidade Caixa Postal

(Este cupom não
vale como Recibo.
Faça uma assinatura
para seu amigo)

A vacina ANTI-AFTOSA

sua problemática no Brasil

Prof. Renato Lobo, catedrático da Escola Bahiana de Medicina, palavra respeitada na Bahia como técnico insigne.

Apesar das vacinações rigorosas, vemos constantemente rebanhos perfeitamente vacinados serem acometidos de Febre Aftosa, como se o mal fosse diabólico. Na verdade, a vacina atual não resolve o problema e o ideal seria partir para a vacina de vírus atenuado, por muitas razões expostas no presente artigo e a única explicação para a timidez brasileira em enfrentar o problema é sua mancomunação com os multinacionais, donas das patentes das atuais vacinas de vírus morto.

A febre aftosa vence, em incidência, em gravidade e em repercussão econômica, todas as demais epizootias dos campos brasileiros. Daí o empenho dos governos federal e estaduais e de pecuaristas pela erradicação da grave doença.

A campanha de erradicação da aftosa no Brasil está instalada e já se arrasta por longos anos, sem que os resultados modestos compensem os sacrifícios dos pecuaristas. Não tem faltado o apoio destes particularmente dos criadores de gado selecionado. No Centro-Sul do país, as instalações para apreensão do gado facilitam a vacinação compulsória de quatro em quatro meses. Nos primeiros anos da Campanha, ante a expectativa do êxito, nenhum fazendeiro se eximia do seu dever. Contudo, os sucessivos surtos da zoonose, multiplicados de norte a sul do país em rebanhos rigorosamente vacinados, motivaram o desencanto, o desânimo e, particularmente, do pequeno proprietário, carente de instalações apropriadas. Já se divulga, entretanto, que grande número de pequenos fazendeiros adquire a vacina, mas não vacina o gado, por considerá-la inoperante, quando não prejudicial à saúde do mesmo.

Na verdade, a vacina atual protege mal o animal vacinado, pois lhe dá curto período de discreta imunidade, avaliada em um quinto a um décimo do tempo que a epizootia natural confere. E a depender do lote da vacina, do laboratório produtor, dos intermediários que a comercializam, da manipulação incorreta quanto à temperatura baixa e estável e à apreensão do animal a vacinar, o tempo de proteção conferido encurta-se mais ou se anula totalmente.

Todavia, quando inteligentemente aplicada, melhora o seu rendimento imunitário, particularmente se se incorporar à vacina cepas dos subtipos da região cujo gado vai ser vacinado, circunstância que não ocorre no Brasil. Ademais, os grandes laboratórios produtores da vacina, ligados a trustes internacionais e seus teleguiados estão interessados na manutenção do "status quo" vacínico no Brasil, porquanto lhes propicia rendas fabulosas, sem o risco de se atingir a erradicação da zoonose, utopia atagada pelo Governo Brasileiro.

Conhecida a pouca eficácia do sistema brasileiro de vacinação pelos pecuaristas, como já foi reconhecido pelo professor Sabin, em conferência pronunciada em Bagé, no início de 1979, impõe-se partir para novo tipo de vacina, com poder imunizante de um ano a mais, aplicação oro-nasal, dispensada a conservação rigorosa em temperatura baixa.



Sem dúvida, a vacina não permite um melhor rendimento do bom rebanho nacional...

Seria a vacina de vírus atenuado, à semelhança da quase totalidade das boas vacinas virais, quer veterinárias, quer humanas, antiamarílicas, antivariolosas e Sabin.

A preferência da vacina de vírus atenuado respalda-se nas seguintes razões:

a) o vírus atenuado copia melhor a infecção natural, princípio básico que norteia qualquer raciocínio imunológico, rigorosamente científico. Como decorrência, confere proteção mais duradoura e mais intensa ao vacinado. HABEL (1), virologista de renome internacional, afirma que o "uso da vacina de vírus atenuado é o mais importante método preventivo" e ainda "o mecanismo da imunidade ativa induzida pela vacina de vírus atenuado é o mesmo da imunidade que segue à infecção natural".

KOPROVSKI (2) emitiu opinião semelhante, quando afirma: "a vacinação com vírus atenuados imita a doença natural original e promove imunidade de duração próxima à da doença natural". Ademais as vacinas atenuadas monovalentes têm poder imunizante para subtipos (KANE & PAY) (3).

b) A multiplicação de um vírus atenuado no organismo de um animal vacinado promove imunidade mais demorada. Mais intensa e por vezes perene, porquanto causa infecção aparente, em tudo semelhante à doença natural. Ocorre o fato na varíola, na febre amarela, na poliomielite, na New Castle.

O grau de imunidade e sua maior duração depende também da via de introdução da vacina e da multiplicação vírica no tecido com que faz contato. Se este tecido, órgão ou sistema, com que faz contato corresponder à porta de entrada da doença natural, a

resistência do vacinado crescerá. Daí a preferência da via nasal para vacinação antiaftosa de vírus atenuado. Em medicina humana, logra-se maior efeito imunizante, quando se aplica a vacina de vírus atenuado pela porta de entrada da doença natural (Vacina Sabin).

c) A vacina de vírus atenuado promove imunidade e proteção mais rápida e mais precoce. Exemplos conhecidos são da vacina para cólera suína, protegendo, com três dias de injeção e a vacina para cinomose, conferindo imunidade e proteção 24 horas depois de ministrada. Por ilação espera-se que a vacina antiaftosa de vírus atenuado por via nasal confira proteção imediata ao vacinado, desaparecendo o atual interstício entre vacinação e proteção do animal, condicionado pelas atuais vacinas, em uso no Brasil.

d) A vacina de vírus vivo atenuado é mais resistente à deterioração após fabricação do que a vacina de vírus morto. Resiste a temperaturas elevadas, a grau de umidade variados, à exposição à luz, o que não acontece com as vacinas de vírus morto. Esta opinião é de pesquisadores russos. Destarte será a vacina de vírus atenuado a apropriada para países tropicais como o nosso.

e) Alegam os opositores da vacina de vírus atenuado que este poderá voltar à primitiva patogenidade e promover surtos epidêmicos da zoonose. É contravertida, cientificamente, a reversão à patogenidade. Na prática, porém, vários experimentos demonstraram que, ainda que transmitidos de animal vacinado a não-vacinado, o vírus atenuado vacínico jamais promoveu a doença

em animais virgens com os quais faz contato. Também a saliva de animais convertidos em portadores de vírus atenuado vacínico torna-se imunizante para animais jovens. Confirmam os estudiosos do assunto KANE (3) KOPROVSKI (2) e outros que o portador de vírus atenuado vacínico é raro e a localização deste é exclusiva na parede posterior da faringe do animal, respeitando todos os demais órgãos e tecidos sistematicamente investigados. Esta circunstância de caráter rigorosamente científica silencia o argumento dos que temem carne importada de gado vacinado com vírus atenuado, já que a cabeça não é exportável.

f) Se o Brasil optasse, corajosamente, pela adoção da vacina por vírus atenuado, não estaria sozinho. Na América Latina, a Venezuela, o Peru e a Guiana iniciaram a erradicação da zoonose com vacinação de vírus atenuado em cuja vigência não foram identificados surtos da doença. A despeito da sua grande extensão territorial, a Rússia optou também pela vacina de vírus atenuado, com respaldo nos trabalhos científicos de seus pesquisadores.

Porque essa timidez do Governo Brasileiro, atrelado ao comando das multinacionais, donas das patentes das atuais vacinas comerciais de vírus morto? Porque não partir para melhor, denunciando o compromisso assumido por pesquisadores credenciados, em congresso internacional, de não mudar o sistema de vacinação atual de vírus morto, sob ameaça de bloqueio na importação de carne brasileira?

Nenhuma oportunidade melhor do que a atual, quando o nosso rebanho bovino sofreu o tremendo desgaste de matrizes, somente recuperável dentro de dez anos, e a exportação de carne deverá cair a limites mínimos.



O gado de raça exige um tratamento eficaz, enquanto o governo prefere fazer política com as multinacionais.

Neste período de dez anos, a erradicação seria uma realidade incontestável, com a adoção da vacina de vírus atenuado. Estaria o Brasil acompanhando a Rússia, Alemanha Oriental, a Venezuela, o Equador, a Guiana.

Se essa atitude heróica for tomada pelo Governo Federal, permitir-nos propor tecnologia nova para produção experimental da vacina anti-aftosa de vírus atenuado, apoiada em conceitos científicos incontestáveis.

Consiste, em suma:

- 1) Cultivar vírus coletado de surto epidêmico brasileiro.
- 2) Provocar, por meio hábil, mutação desse vírus.
- 3) Multiplicar as culturas dos mutantes, em meios tradicionais.
- 4) Atenuar o mutante, e produzir a vacina.

Esta vacina assim preparada cientificamente, terá propriedades imunizantes para o tipo original e quaisquer subtipos deste, presentes no país e ainda para subtipos a surgirem no futuro. Estas afirmações têm conotação com a vacina antigripal do Instituto Pasteur de Paris, também politépica de mutantes, de eficiência comprovada contra epidemias de qualquer tipo ou subtipos atuais ou a surgirem em qualquer região da Terra. Em verdade, o comportamento biológico e imunológico do vírus aftoso é extremamente semelhante ao do vírus da gripe, cuja vacina obedece, em termos gerais à metodologia por mim proposta para a vacinação anti-aftosa.

Cabera ao Governo Federal, através da Gercofa, prepará-la, testá-la e adotá-la, uma vez que a experiência de campo confirme sua validade.

AUTORES CITADOS

- 1) HABEL — *Mechanism of active induced immunity with Attenuated Living Vaccines in Dynamics of Virus and Rickettsial Infections* (The Blakiston Company, Inc. New York)
- 2) KOPROVSKI, H — *Practical Application of Living Virus Vaccines, in the Dynamics of Virus and Rickettsial Infections*. (The Blakiston Company Inc.)
- 3) KANE, GJ & PAY, F. — *Bull off. Int. Epiz. 946, 61-713-716. O uso da vacina atenuada contra infecções hetesológicas.*

RAÇA PITANGUEIRAS ● RAÇA PITANGUEIRAS ● RAÇA PITANGUEIRAS ● RAÇA PITANGUEIRAS



NÁUTICO
do E.A.

Reg. 1 901

FAZENDA

DUAS BARRAS

Criação da Raça PITANGUEIRAS
com especialidade de Leite e Carne, em regiões de clima tropical

Prop: EDUARDO ALVES DE ALCÂNTARA

SANTO INÁCIO—Paraná—CEP 86650

Endereço: Rua Massaru Uchida, 904

Fones: 262 e 263

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

Este folheto, realizado pela compreensão e patrocínio dos grandes pecuaristas nordestinos, pode ser adquirido separadamente, por Cr\$. 20,00 o exemplar. Pedido mínimo de 10 unidades.

O ZEBU NORDESTINO



- O CENÁRIO NORDESTINO
- A VERDADE ESCONDIDA
- O ZEBU NORDESTINO
- OS CRUZAMENTOS
- A DOUTRINA MUNDIAL BEM NORDESTINA
- A HISTÓRIA DO ZEBU NORDESTINO

- SUGESTÕES PARA OS CRIADORES
- O GUZERÂ NORDESTINO
- O NELORE NORDESTINO
- O GIR NORDESTINO
- O INDUBRASIL NORDESTINO
- O SINDI e O TABAPUAN NORDESTINOS.



O ZEBU NORDESTINO

Edição 1980

Elaborado pela revista
AGROPECUARIA
TROPICAL

Diretor: Rinaldo dos Santos
Revisor p/ Zootecnia: Virgolino de Farias Leite Neto
Assessoria e revisão especial: Dr. Manoel Dantas Vilar Filho
Colaboradores: Dr. José Inojosa, Dr. Nivaldo Almeida, Dr. Manoel Dantas Vilar Filho, Virgolino de Farias Leite Neto, Dr. Henrique Vieira de Albuquerque Melo, Dr. José Tavares de Melo, Dr. Octávio Gonçalves Guerra.

O ZEBU NORDESTINO é título propriedade da Editora Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da agropecuária nordestina, no campo da zebuicultura. As matérias inseridas não são de responsabilidade de uma ou outra pessoa particular, mas sim o resultado de uma pesquisa realizada pela revista Agropecuária Tropical. A Editora mantém o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só sugerimos, como autorizamos a transcrição parcial ou total desse trabalho, citando-se a fonte.

Preço de cada exemplar: Cr\$ 20,00. Pedido mínimo de 10 exemplares.

EDITORA TROPICAL LTDA
R. Samuel Farias, 61 - Casa Forte. CEP 50.000 - Recife-PE - Caixa Postal: 6033
Fone: (081) 268-1434

Produção Gráfica:
Fotolito e impressão em offset: Gráfica Sta. Marta, Rua da Areia, 528 - João Pessoa-PB
Fones: 221-5072 e 221-5087

UMA NOVA ÉPOCA PARA O ZEBU BRASILEIRO

Quando diversos pecuaristas nordestinos nos solicitaram uma compilação de dados sobre O ZEBU NORDESTINO julgamos que estava chegando a "hora da verdade"; acreditamos que muitos homens estavam cansados de ouvir depoimentos e pregações técnicas que, colocadas na prática, levavam a nada, principalmente nas regiões tropicais.

Assim, como um novo desafio, resolvemos compilar, realmente, todos os conhecimentos sobre a empolgante matéria. Inquirimos 104 (cento e quatro) criadores e técnicos da região, desde o Maranhão até a Bahia, e os poucos que nos atenderam forneceram dados bastante interessantes e, por si só, justificadores do trabalho que ora apresentamos.

Por uma questão de economia, tivemos que encurtar alguns capítulos e cancelar outros, mas em 1981, estaremos completando a pesquisa, trazendo, uma nova versão desse trabalho, abordando RAÇA por RAÇA, e — acreditamos — com perfeita fidelidade nas datas da história, pois sabemos que muitas omissões existem na cronologia apresentada. É triste saber que alguns filhos que hoje ocupam os lugares de seus pais ou avós não se preocuparam com nossa solicitação, permitindo que a cronologia ficasse incompleta!

Não foi nossa idéia gerar uma polêmica sobre a definição de "qual a raça mais indicada para o Nordeste" pois sabemos que todas as raças zebuínas encontram locais propícios para uma salutar e rentável exploração e que todas elas podem ser selecionadas,

com o mais absoluto rigor técnico, na região. Tentamos, outrossim, frisar que o Nordeste apresenta as condições ideais de rigor climático que não pode ser desprezado para quem quer obter uma raça mais perfeita e que, justamente devido ao clima seco mais saudável, a região pode fornecer reprodutores melhores para todo o Brasil e, quiçá, para o mundo.

Assim, esse trabalho torna-se, primeiramente, um eloquente exercício lógico, um trabalho de pensadores zootécnicos, aliado aos possíveis e comprovados resultados de pesquisas realizadas por técnicos e criadores.

Para 1981, pretendemos desenvolver esse trabalho abordando novos assuntos que surgiram no decorrer da pesquisa e que será de muita utilidade para os criadores regionais.

Estamos convictos de que a zebuicultura nordestina tem um papel muito importante a cumprir no Brasil, bem como já teve um grandioso papel, que, apenas, tem sido esquecido e que, agora, estamos começando a lembrar.

Este trabalho contém citações da seguinte bibliografia:

SANTIAGO (Epopéia do Zebu, O Gado Nellore), ANDRÉ WEISS (Os Grandes Reprodutores Indianos do Brasil), MORELAND AND CHATTERJEE (A short History of India), B. HROZNY (Ancient History of Western Asia, India and Crete), Conselho Imperial de Pesquisas Agrícolas (A brief survey some important breeds of cattle in India, Definition of Characteristics of seven breeds of cattle of All-India), FAO (El Ganado Cebú), artigos de Antônio Ernesto de Salvo, Manuel Dantas Vilar Filho.



O CENÁRIO NORDESTINO

O Nordeste brasileiro compreende, em suas diversas regiões, uma reprodução de todos os climas brasileiros, indo desde o clima frio (notadamente na Chapada Diamantina, BA; Garanhuns, PE; Taquaritinga, PE; Campina Grande, PB) até os mais tórridos (Petrolina, PE; Patos, PB, etc.). Existem no Nordeste, regiões de clima temperado, onde se situam as bacias leiteiras, e regiões úmidas, como os litorais, os pés-de-serra, as várzeas.

De maneira geral, excetuando-se o litoral, pode-se dizer que todo o Nordeste é semiárido, salvando-se, aqui e acolá, algumas manchas de verde: as margens de açudes, alguns rios, zonas de montanhas, algumas várzeas, etc. Justamente nessas pequenas áreas propícias realiza-se a agricultura de cereais e produtos hortí-fruti-granjeiros que garantem a sobrevivência do homem nordestino. Nas demais regiões, cerrados e caatingas, apenas os produtos de zona franca podem suportar o clima rústico, o rigor dos raios solares e a baixa pluviosidade, produtos como algodão, sisal, algaroba, bovinos e caprinos.

Não obstante a aparente dificuldade de se viver no Nordeste, o que se verifica é exatamente o contrário, o povo tem um ardor patriótico pela sua terra e os rebanhos adaptam-se rapidamente ao clima seco e ao ritmo existencial dos trópicos. Com o passar dos anos, homens, plantas e animais ajustam suas manifestações fisiológicas ao ritmo do semiárido. As populações, a par das variações climáticas e das secas periódicas, sabem como tirar proveito do solo, consti-



O clima nordestino é altamente rústico, mas sadio para pecuária.

tuindo isso uma tradição que pode ser considerada instintiva e inata.

Dessa maneira, verifica-se que o Nordeste é perfeitamente habitável e as dificuldades tão divulgadas na "Televisão e imprensa nacional, não encontram explicação na inclemência do clima ou impropriedade do solo, como veremos adiante.

O que realmente prejudica o povo nordestino é a distorção fundamental na política agrícola brasileira que, no correr dos anos, forçou os líderes rurais e os prósperos fazendeiros a se retirarem para o sul do país. Depois desse êxodo inicial, os incentivos e os créditos foram quase que virtualmente cancelados, a tal ponto que uma rodovia, uma ponte ou um metrô são aquinhoados com verbas que chegam a dezenas de vezes o total da dotação para todos os Estados nordestinos. Um paradoxo, uma pecaminosa omissão, já taxada de "lento genocídio", uma vergonha para a Nação brasileira, que ficará registrada na História! Hoje, a região encontra-se à própria sorte, embora tenham surgido diversos organismos e progra-

mas, todos voltados para uma exploração que permita acumular a população em centros urbanos, uma vez que os mentores de tais órgãos ou programas frisam que a agropecuária é "virtualmente inviável" na região. A distorção persiste, a tal ponto que os proprietários rurais, cansados das fartas promessas e da falsidade da política agrícola, começa a trilhar e abrir um caminho, por conta própria, para um futuro que poderá ser, senão melhor, pelo menos mais digno.

O homem nordestino, como em outras épocas, volta-se para a sua vocação natural, a exploração da terra, a mais legítima vocação que ainda lhe resta. Dessa maneira, os homens do sertão, há pouco mais de duas décadas, retomaram a criação de bovinos, tanto nas zonas férteis, como nas caatingas, entre xique-xiques e macambiras. Os rebanhos zebuínos e taurinos estão sendo testados, portanto, há bastante tempo, em diversos tipos de clima, procurando-se o mais apto. E o resultado surge nas muitas Exposições Estaduais e mesmo nas Nacionais, onde o Nordeste apresenta gado selecionado dentro dos melhores critérios zootécnicos e com indiscutível rusticidade, conquistando prêmios onde quer que chegue.

A carne e o leite sempre foram alimentos importantíssimos para a mesa nordestina, senão os principais e os fazendeiros adentram, hoje, pelos carrascals, vestindo roupas de couro, verificando "in loco" que a pecuária é realmente, a única vocação inata do povo. A pecuária é, sem dúvida, o grande futuro da região, apesar de estar vivendo um momento inglório, nos dias atuais.

DETALHES ESCONDIDOS

Pouco pode se acrescentar aos ensinamentos da geografia nordestina convencional, mas torna-se muito conveniente salientar alguns aspectos que, voluntariamente ou não, são mantidos no esquecimento do povo brasileiro:

1) Não existe problema de água no Nordeste. Existe chuva abundante, com exceção das Secas Periódicas e das Grandes Secas, onde verifica-se um estrangulamento terrível, embora perfeitamente sanável. A questão sempre proposta pelos nordestinos e nunca resolvida pelo Governo Federal é a retenção da água das chuvas que, após seguir os cursos dos rios, perde-se no mar. Bastaria prender a água das chuvas nordestinas nas terras nordestinas e a situação seria bastante diferente.

2) Mesmo não havendo água permanente, como nas demais regiões do país, cumpre lembrar que todas as espécies que vivem em clima altamente rústico e difícil, quer sejam seres humanos, plantas ou animais, apresentam um ciclo vital mais curto. Ou seja, germinam com mais rapidez, crescem com maior velocidade e realizam suas funções mais rapidamente, tirando proveito do estreito período das águas, a cada ano.

3) Embora se afirme que não há chuvas no Nordeste, verifica-se que o mínimo é de 150 mm indo até 2.000 mm. A média das chuvas na caatinga é de 600 mm, o que é muito superior aos 20 mm de Israel, ou os 70 mm da Austrália. Em termos de "números", portanto, o Nordeste seria mais viável que aqueles dois países!

4) O Nordeste tem bastante semelhança com as regiões indianas de Kutch, de Gujarat, dos desertos australianos, ou mesmo as planícies texanas. Apenas a exploração pecuária é mais eficiente pela falta de uma tecnologia adequada, pela não-adoção de confinamento devido à inviabilidade econô-

mica; pelos desmandos da política agrícola e bancária. Mesmo assim, os grandes rebanhos brasileiros procuram reprodutores criados nas fazendas nordestinas, pois isso representa, sempre, uma garantia a mais.

5) Sem dúvida, o Nordeste ainda está sendo colonizado (ou recolonizado!) com bovinos e muitas áreas estão absolutamente abandonadas, sem qualquer criação sistemática, realçando o contraste com algumas regiões onde se notam muitas seleções de Zebu, com excelente nível zootécnico. O baixo valor das terras, o êxodo das populações rurais provocadas pela política agrícola ou pelo chamamento espúrio das construtoras sulinas, tornam — por outro lado — a região favorável à implantação de um novo desbravamento através de bovinocultura. Ou seja, o esvaziamento das terras pode permitir que a pecuária nordestina venha a se constituir num vigoroso alicerce econômico para a região, pois a proximidade de notáveis plantéis rústicos, frutos de seleções em regime tropical, possibilitará a multiplicação do contingente bovino, aumentando a oferta de alimentos.

6) O Nordeste é a região mais próxima da Europa, dos Estados Unidos e da América, notável para realizar exportações para esses países, principalmente quando se considera que o quarentenário exigido possa se situar na região seca brasileira, ou seja, dentro do clima mais sadio do país.

7) Existe a possibilidade de se utilizar a ilha de Fernando de Noronha, hoje base militar, como um atuante Quarentenário. É o ponto mais indicado, em todo o mundo, como um Posto de Quarentena, devido à grande distância do continente. Considerando a atividade pecuária como uma das molas mestras da economia brasileira e, principalmente, nordestina, acredita-se que a desmobilização da ilha venha a ser agilizada, visando dar melhores condições aos criadores re-

gionais de participarem das exportações. Além do mais, a ilha foi utilizada, uma vez, com essa finalidade, sendo bem sucedida.

8) A Amazônia, com todos os incentivos que vem recebendo, inicia vigorosamente sua pecuária, com as normais dificuldades tecnológicas e os criadores têm notado a crucial necessidade de utilizarem apenas reprodutores altamente rústicos. Nesse ponto, a atenção volta-se para o Nordeste, intensificando o comércio com essas novas fronteiras agrícolas.

9) Hoje, o próprio DNOCS já demonstrou o sucesso de diversos tipos de capins altamente resistentes às secas, com longa permanência sob o sol, isto traz uma nova dimensão à pecuária. O capim Buffel, o principal deles, já vem sendo testado por quase dez anos, com absoluto sucesso, nas regiões mais inclementes, dando excelente rendimento aos criadores.

10) Cálculos recentes mostram que, utilizando capim buffel, ou outros capins resistentes às secas, o Nordeste poderia vir a utilizar, rapidamente, cerca de 40 milhões de hectares para bovinocultura, o que viria a trazer substanciais divisas para o país, quase duplicando o rebanho brasileiro, mesmo com o baixo desfrute que ainda persiste na Nação. Isso é uma realidade: os capins australianos, e a prática da fenação permitem a utilização de 40 milhões de hectares para bovinocultura de bom nível zootécnico e econômico. Essa área é similar à utilizada pela Austrália para sua bovinocultura e ela consegue ser a maior exportadora de carne e derivados, do mundo, em condições climáticas piores que as nordestinas! Essas áreas não têm qualquer utilidade, hoje, e encontram-se despovoadas, bastando haver a iniciativa oficial, para se dar ao Nordeste uma nova vida, mais decente e saudável, implantando ou permitindo implantar, ali, uma bovinocultura moderna.

O ZEBU NORDESTINO

É importante frisar que a Lei da Natureza é imutável, ela pode providenciar uma "seleção natural" dos animais que forem colocados em uma determinada região, fazendo sobreviver apenas os mais aptos. Com o decorrer dos anos e das gerações, os descendentes irão incorporando em sua carga genética, diversas características novas. A raça vai se tornando, então, cada vez mais apta para suportar o clima rústico. Genotipicamente, portanto, os animais que "descendem de um clima rigoroso" são diferentes daqueles outros que vivem em um clima ameno, mesmo que morfologicamente, sejam similares.

O clima nordestino apresenta algumas peculiaridades e são elas que definem quais as raças bovinas que poderão sobreviver ou quais as modificações, inicialmente fenotípicas e, posteriormente, até mesmo genotípicas, que irão se verificar.

É digno de nota que os animais de clima muito difícil, tanto quente como frio, em geral, não apresentam grande porte. Na proporção em que "se aproxima" do deserto, os animais vão reduzindo o porte, devido à escassez de alimentos. A Natureza, porém, em sua sabedoria eterna, aumenta a rusticidade dos animais e sua capacidade de conversão de alimentos, ou seja, tais animais passam a viver com menos alimentação, realizando um mesmo tipo de existência que seus similares da melhor região.

O porte do bovino, no entanto, é de muita importância, no mundo moderno e, nas zonas tropicais, podem-se obter animais pesados nas faixas férteis e úmidas. A rigor, no entanto, o normal é obter animais de médio porte, com peso inferior ao dos criados em clima temperado. Essa afirmação pode conduzir à falsa interpretação de que os animais de clima temperado proporcionam melhor rendimento para a fazenda. Isso não é verdade, como exercício lógico, pois apenas uma soma de fatores pode definir a rentabilidade de uma criação, fatores tais como: intervalo entre-partos, aptidão leiteira, precocidade, rusticidade, longevidade, porte, índice de mortalidade, etc.

O clima rigoroso, seco embora aparentemente forneça animais pequenos, acaba compensando, através de outros fatores, essa má imagem e o resultado final é que, tanto uma criação de clima temperado como de clima semiárido pode ser economicamente viável. O clima seco é mais sadio e isso é um fator de rendimento. A confusão persiste no Brasil porque muitos zootécnicos e criadores insistem em buscar animais de grande porte em zonas secas, sendo que isso, embora seja possível, será sempre uma exceção à regra geral.

No clima tropical nordestino, as chuvas concentram-se em poucos meses por ano e a pluviosidade pode variar de um mínimo de 150 mm até 2.000 mm por ano, apresentando uma média de 600 mm, nas caatingas. Como que regidos por uma determinação instintiva, os animais realizam, dentro desses poucos meses de chuva, as funções que seus similares de zona temperada podem levar muitos meses, ou anos. As funções cíclicas vitais aceleram-se para aproveitar, ao máximo, o curto período das águas e essa aceleração é um fator de rendimento, no Nordeste.

Por isso, é bastante comum ouvir um criador sertanejo dizer: "É preferível ter dois bezerros médios, a cada 3 anos, do que um bezerro grande, no mesmo tempo." Essa é a filosofia para o clima rigoroso nordestino e que, por si só, em sua sabedoria natural, permite antever quais as raças que serão excluídas, num futuro próximo. E, sem dúvida, qualquer raça que venha a ser excluída do panorama nordestino, também o será na região temperada, num futuro médio, pois



Mesmo em Exposições Nacionais, o Zebu Nordestino tem feito sucesso. Em Guzerá e Indubrasil, a região tropical é campeã indiscutível, há vários anos.

a rusticidade de todos os bovinos brasileiros deverá partir de animais selecionados nas mais inclementes condições climáticas do país, ou seja no Nordeste. Frisamos que isso não é futurologia, mais sim um simples raciocínio lógico, embora realizado sobre uma atividade que parece ser orientada, justamente, pela falta de lógica!

Esse ritmo dos trópicos, ou ciclos, é o principal fator a ser considerado pelos pecuaristas nordestinos: é ele que deve comandar a seleção, o período de desmame, de acasalamento, de apartação, etc. Normalmente, a cada ano, há os meses de seca e os meses de inverno, mas a cada 13 anos um período alternado de "Grande Seca" e "Grande Chuvas", segundo os estudos ultimados pelo mais idôneo centro de pesquisa brasileiro. O gado, portanto, acostuma-se facilmente com o ritmo nordestino e, de acordo com esse ritmo, desenvolve suas funções, concentrando-as nos períodos certos, o que, sem dúvida, poderá ser acelerado com a ajuda de um trabalho criterioso do selecionador.

VIRTUDES DO ZEBU NORDESTINO

Considerando o Zebu criado em clima rústico, tem se verificado uma série de vantagens, em relação ao criado em condições mais favoráveis, no tocante a "seleção de raça". Como exploração econômica, — devido às Secas Periódicas, um ponto de estrangulamento na atividade com fins lucrativos e devida à falta de tecnologia específica — ainda há muito a desejar, para se chegar a um ponto ideal de estabilização:

1) O desfrute nordestino é similar ao de regiões de clima ameno.

2) A capacidade leiteira é aumentada, aceleradamente, para possibilitar uma melhor alimentação do bezerro, diante da fragilidade do verde.

3) A fertilidade cresce, pois ela é a principal capacidade de auto-preservação da raça, num ambiente hostil. Todos os animais, e mesmo os seres humanos, concentram, apuram e aumentam a fertilidade, nesse caso.

4) A longevidade ganha índices raros.

5) O intervalo entre-partos diminui sensivelmente, ajustando-se ao ritmo da Natureza (oscilando de acordo com a variação climática periódica "mais curta" que em climas temperados)

6) A frugal alimentação obriga o gado a desenvolver os latentes mecanismos que permitem a "máxima utilização" dos nutrientes. Um guzerá nordestino, de longa data, pode suportar incrivelmente um seca, a tal ponto que o matuto diz: "A gente só sabe o que é Guzerá, quando o vê comendo mandacaru assado e xique-xique e, mesmo assim, ainda entram em cio..." só as Guzerá, as de outras raças não conseguem". Quando frisou outras raças, o matuto queria dizer gado mestiço, pois todos os zebuínos suportam o clima seco muito mais que os mestiços.

7) Considerando o aumento da fertilidade e da prolificidade, nascem muito mais bezerros, na fazenda, e eles são sadios e pujantes. Faz parte do instinto, repetimos, tentar preservar a raça, e as fêmeas serem altamente férteis e bastante leiteiras faz parte do mecanismo de preservação. Quando se realiza uma análise compreendendo vários anos, verifica-se, não raro, que as fazendas nordestinas apresentam mais nascimentos do que aquelas de clima temperado. E os bezerros são incomparavelmente mais rústicos!

8) Menor índice de mortalidade, pois a secura do clima é um fator de rendimento, sendo muito mais sadio que o clima úmido. No Brasil, o índice de mortalidade chega a 10% (e é considerada uma média ótima cerca de 5%) No Nordeste seco, o índice varia entre 1,5% e 2,0%, exigindo-se um mínimo de cuidado por parte do criador. Aparentemente, esse detalhe pode parecer paradoxal, mas ao aumentar o rigor climático aumenta também a rusticidade do animal e a grande maioria dos fazendeiros nordestinos preocupa-se apenas com as vacinações clássicas, justamente vindo a confirmar os dados acima.

9) Por ocasião das primeiras chuvas, a Natureza explode em todo seu vigor, espalhando o verde pelos campos, com velocidade incrível. O exemplo marcante é notar que, no Nordeste, as ervas daninhas surgem, também com formidável rapidez e logo estão ameaçando as pastagens. Bastam alguns pingos de água para despertar o vigor nordestino. Os bezerros, nessa hora, ganham um impulso excepcional e crescem, como nenhum outro, em qualquer região. Muito contribui também o elevado teor de mineralização do solo, muito superior aos demais do Brasil.

10) O que acontece com um animal, acontece com todos. Há a necessidade instintiva de manter vivos apenas os mais aptos e, assim, o rebanho vai se tornando homogêneo, permitindo calcular e providenciar a quantidade e qualidade da alimentação adequada. Portanto, para o criador experiente, torna-se mais fácil, com garantia absoluta de estar obtendo melhores animais, conseguir homogeneidade.

11) As fêmeas, "sentindo" a necessidade de auto-preservação, tornam-se aptas para a parição, muito mais cedo. Sem dúvida, a precocidade das fêmeas é bastante saliente, no Nordeste, como média, embora o centro-sul apresente alguns casos isolados de grande precocidade.

12) Os animais ganham agilidade, leveza, permitindo locomover-se até longas distâncias, em busca de água, ou esgueirar-se pelos carrascais, o que vem evitar, naturalmente, tecidos gordurosos.

13) O couro bovino já chegou a pesar, seco e salgado, de 12 a 17 quilos, com absoluta garantia de qualidade. O couro nordestino já teve fama internacional, principalmente, no século passado, quando os europeus diziam: "os couros nordestinos não tem bernes e carrapatos, sendo o mais fácil de ser manipulado em todo o mundo, pois parecem ser curtido naturalmente."

OS CRUZAMENTOS

Depois de milhares de tentativas, os cruzamentos de zebu com Bos Taurus mostram que a rusticidade esvai-se, rapidamente, no gado crioulo — e é preferível manter a rusticidade do gado que obter alguns quilos a mais, por cabeça.

Os cruzamentos com zebuínos consolidam como os melhores, o que é evidente para qualquer criador experiente, bastando definir o grau de sangue, assunto esse bastante polêmico e objeto das mais controversas análises e especulações.

O Barão do Paraná publicou, em 1904, no Jornal dos Agricultores, um texto

explicando tais cruzamentos. Diz ele: "Há 24 anos que me ocupo da regeneração do nosso gado. A princípio mandei vir touros e vacas estrangeiros; foi um desastre completo. Os produtos, depois de me darem muito trabalho não chegavam aos 12 meses. Passei, então, a só mandar vir touros para cruzar com vacas nacionais escolhidas. Consegui salvar alguns produtos, mas à custa de muito dispêndio de dinheiro e paciência desanimadores. De 1888 para cá, passei a fazer cruzamento, isto é, vacas de 1/4 Zebu cruzei-as com touros estrangeiros, os resultados foram esplêndidos e continuam sendo assim. Tenho cruzado vacas 1/4 de sangue Zebu com touros das seguintes raças: holandesa, normanda, charolesa, saller, limoges, schwyz, junqueira e caracu. Os produtos de todos os cruzamentos são excelentes, têm todas as qualidades destas raças, sem defeito do linfatismo. O maior inimigo teórico do Zebu (digo teórico, porque quem tiver alguma prática não será inimigo) há de concordar que tenho razão em considerar o Zebu como o fortificador ou mesmo o regenerador de qualquer raça de gado nacional ou estrangeiro".

O Barão do Paraná estava correto em suas experiências no clima ameno, pois podia aliviar a rusticidade, mas os nordestinos têm nessa rusticidade, seu maior aliado. Desde aquela época, os pioneiros foram se sucedendo e, hoje, já é tradição de pai para filho, que o cruzamento deve estabilizar um animal com 1/4 de sangue europeu. Novas pesquisas com schwyz, simental, holandês, Jersey e normando, mostraram que o melhor para o Nordeste é manter 3/4 Zebu com 1/4 europeu, na hipótese de não se poder criar Zebu puro.

OS ERROS DA DOUTRINA

Segundo Virgolino de Farias Leite Neto, memorável divulgador do Zebu Nordeste, "as raças zebuínas de duplo propósito devem ser exploradas ao máximo, em trabalhos de seleção leiteira. Somente a partir daí poderemos fixar um tipo leiteiro para a zona semiárida, o que não é nada fácil, devido à desordem genética do rebanho comum".

Continua o mesmo comentarista, após dezenas de anos de experiências pelos sertões e caatingas, dizendo que não tem mais dúvida quanto ao desenvolvimento ponderal do Zebu Nordeste. "Ele não acompanha, nem pode acompanhar o desenvolvimento dos rebanhos apascentados do sul do país, centro-oeste e norte, enquanto persistirem os erros doutrinários pregados pelos técnicos. Basta estar com os olhos abertos para enxergar as diferenças entre uma região e outra".

E quais são esses erros doutrinários?

1) Diz-se que não há pastagens densas no Nordeste, devido à pouca profundidade do solo e a baixa pluviosidade. A verdade é outra, pois o que não há, é verde permanente. As pastagens existem, desde que se usem capins resistentes à seca. A consorciação é mais fácil no Nordeste que no sul. Mencionar pouca profundidade do solo é "negócio de agrônomo desocupado", pois a Austrália tem pastagens densas, em solo inferior ao nordestino. Os técnicos, em sua preguiça moderna, tentam tapar o sol com uma peneira, escondendo o problema real e matando-o com um sofisma, ao invés de enfrentá-lo e achar uma solução. A pouca profundidade do solo é altamente compensada pela mineralização nordestina, que é surpreendente. O gado sulino exige mineralização artificial, pois as pastagens, embora suculentas, não são mineralizadas.

2) Diz-se que as pastagens não duram o mesmo tempo que as das demais regiões brasileiras. O Buffel, no entanto, dura tanto quanto o colônio e, devido ao alto teor de mineralização do solo nordestino, resulta ser muito mais nutritivo. É comum, no Rio Grande do Sul, o gado ir para o abate, com cinco anos, enquanto que no Nordeste, é normal ir com três anos. Na verdade, existem coisas ruins e coisas boas, tanto no Nordeste, como em qualquer outra região, mas a experiência prova que o clima seco acaba sendo melhor para o gado.

3) Diz-se que a inclemência solar, por ser muito alta e, pior ainda, as secas periódicas levam o gado, pelo instinto a buscar, somente sua sobrevivência. A verdade é que, no clima seco, os animais apresentam pelagem de coloração que vai do branco ao vermelho, sendo que a maioria é avermelhada, nos trópicos (animais selvagens, principalmente). É de se supor que o preto ou cinza escuro, e ainda o ocre, sejam cores de pelagem que venham a apresentar problemas devido à inclemência solar. Mas o gado Zebu, quando chega do sul do país, passa por um período onde a pelagem vai branqueando, normalmente. Quanto às secas periódicas, elas não constituem problemas para o criador que faz fenação.

A verdade é que o Zebu pode dar leite e carne. O melhor, então, seria buscar o Zebu puro Leiteiro e a carne viria como derivado, pois o leite, além de bom para o homem, acaba resultando na ração mais barata que se dá ao bezerro de corte. O leite permite acelerar o crescimento do moderno novilho de corte, indiscutivelmente.



Foi no Nordeste que se fez o Indubrasil vermelho.

DOUTRINA MUNDIAL BEM NORDESTINA

A Pecuária, no Brasil, é uma panacéia onde conflitam a Ética, a Moral, as Simpatias e antipatias. São elas o timoneiro da pecuária nacional. A Técnica, por sua vez, foi relegada ao esquecimento. Discute-se o direito de criar essa ou aquela raça, discutem-se problemas de cor de pelagem e o essencial é esquecido: CARNE e LEITE.

O exemplo marcante é notar que o 1º Concurso Leiteiro de Zebu foi em 1979 (?), ou seja, mais de 80 anos depois de iniciada a seleção no Brasil. (Concurso em Uberaba). Os criadores desorientam-se diante de manobras estranhas dos dirigentes do Zebu Brasileiro, haja vista medidas tais como "animais PC, após quatro gerações poderão ser admitidos e registrados como PQ", um absurdo para o trabalho de seleção, principalmente para os criadores de clima rústico, onde as virtudes precisam ser minuciosamente buscadas.

Salienta Virgolino de Farias Leite Neto: "como conclusão, ressaltando-se pequenas faixas férteis e chuvosas, além da faixa litorânea, O MELHOR É BUSCAR CARNE NA VACA LEITEIRA, DO QUE BUSCAR LEITE NA VACA DE CORTE".

O Zebu, se tivesse sido selecionado como raça de duplo propósito, teria dado ao Brasil uma outra situação econômica. Hoje, embora ainda persistam muitos aficionados em raças especializadas de corte, pode-se afirmar que elas estão com seus dias contados. O processo de substituição das raças de corte pelas raças de dupla aptidão já é definitivo, na Europa e terá que ser, também aqui, no trópico seco ou molhado.

É preciso tirar, da mesma terra, o máximo. Afinal, o leite é a proteína mais equilibrada para tornar o bezerro Zebu menos tardio no peso do abate, de forma econômica e real, principalmente na zona seca.

Quando chega um período de seca, os animais vão afinando, encompridando as pernas, perdendo peso, ficando ossudos, atrasando as parições, esses animais não são Zebus de dupla aptidão acostumados ao trópico seco, com certeza. E essa é a vantagem do Zebu Nordeste: mais resistência!

E surge a grande realidade: NÃO IMPORTA O PESO DO ANIMAL, NEM SEU PORTE, MAS SIM OBTER MAIS QUILOS DE CARNE E MAIS LITROS DE LEITE POR HECTARE/ANO, expressos em bezeros apartados e maior número de lactações durante a vida produtiva das vacas.

A grande verdade é que a Austrália produz economicamente, à beira dos desertos e o Nordeste vem caminhando a passos rápidos em busca de uma tecnologia apropriada, pelo esforço de seus próprios criadores. Os primeiros resultados já se delineiam e os animais conquistam galardões nas pistas nacionais.

A HISTÓRIA DO ZEBU NORDESTINO

Não existe qualquer referência do gado bovino no Brasil, antes do descobrimento, permitindo supor que ele foi introduzido pelos colonizadores. Apresentamos, a seguir, uma coletânea de datas, oriundas das mais diversas fontes, sobre a presença do Zebu, no Nordeste e no Brasil.

1600/700- O legendário Garcia D'Ávila, da Casa da Torre, era o responsável pela colonização dos sertões paraibanos. A Casa da Torre mantinha, assim, pessoas com a finalidade de povoar regiões, através da fundação de "currais". O gado rústico servia para desbravar.

1813 - Primeira referência sobre o gado Malabar. Esse gado é proveniente do cruzamento do gado crioulo que existia no Brasil, precisamente em Pernambuco e Bahia, com animais da costa noroeste da Índia, região onde se encontram as antigas feitorias de Damão, Goa e Diu, o Marques de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida (1796 - 1865), falando sobre a pecuária bahiana, tece elogios ao referido gado, dando-o como descendente de um casal deixado por um navio, em Salvador, no ano de 1813. No sertão do Nordeste, sua presença é antiga e ficou registrada na estrofe anotada por André Weiss, de um poeta sertanejo, lembrada por vaqueiros do rio São Francisco:

"Um dia se encontraram
O turino e o malabá
Um, o cupim no cangote
o outro, na volta da pá..."

1822 - Segundo o Prof. Paulo de Amorim Salgado, resultante de uma lava de Zebus trazidos nessa data, surgiram

populações de gado exóticos, conhecidas como Guadamar, e também, Malabar. Embora ainda existam animais desses contingentes perambulando pelas caatingas sertanejas, sabe-se que não chegaram a constituir um tipo definido, ou uma raça definida, pois tanto o nome "malabar" ou "guadamar" indica apenas a maior ou menor proporção de sangue asiático no animal. O lote de Zebu foi desembarcado em Salvador.

1822 - Uma tempestade desarvorou e impeliu um navio britânico para o porto de Salvador, segundo Luiz de Oliveira, que transportava um casal de Nelore, presente de um príncipe indiano à Rainha Vitória. O carregamento, incluindo os bovinos, foi desembarcado e, enquanto o navio era reparado, foi vendido por ordem do representante consular inglês. Trata-se dos primeiros animais Nelore a chegar no Brasil segundo a História.

1826 - O imperador Dom Pedro I importa Gado Zebu de origem africana, possivelmente do Nilo, e o estabelece na Fazenda Real de Santa Cruz.

1837 - Chega um touro da Índia, no Rio de Janeiro, sendo vendido em hasta pública.

1850 - O Visconde de Paraguaçu, na Bahia, recebe um reprodutor indiano, da raça Sindi, o que empregou em sua criação. Por falta de fêmeas do mesmo tipo, o sangue diluiu-se na crioulada, diz o historiador Prof. Paulino Cavalcanti.

1854 - O Barão do Paraná afirma serem animais da raça Sindi os que entraram na província fluminense, nessa data.

1868 - Um casal da raça Nelore, com destino à Inglaterra, é desembarcado e vendido em Salvador (Santiago).

1873 - Um navio inglês, com a tripulação revoltada, aporta no Recife e deixa um touro, provavelmente da raça Misore (Santiago).

1892 - Um navio encalha nos arrecifes da cidade de Recife. O carregamento envolvia muitos animais que foram a Leilão. André Dias e seus irmãos ficaram com a maior parte da carga e levaram o gado para o engenho Jundiá, iniciando um trabalho de seleção e mestiçagem, vendendo algumas reses.

1893 - O Governo de Pernambuco adquiriu, na Fazenda Lordelo, do Barão do Paraná, um touro e algumas vacas Guzerá. Foram enviados para a Colônia Izabel, mais tarde chamada Usina Frei Caneca. O macho foi usado para padreação de vacas de criadores vizinhos, tendo deixado grande descendência, e seleção.

1894 - Joaquim Pessoa Guerra, literato, usineiro, homem de grande vivência pública na época, adquiriu 2 reprodutores Nelore e 1 novilha, produtos nascidos no Brasil, a André Dias. Foram os primeiros animais nascidos em chão brasileiro, da entrada de 1892. Os animais receberam os nomes FANTINA, SERIGI e HIMALAIA, sendo transferidos para a Fazenda Espinho Preto.

1905 - Veio de Madras, um casal Nelore, pa-

ra o comendador Manoel de Souza Machado, proprietário da Usina Capimirim, com certificado passado por veterinário do Colégio de Agricultura de Madras, informando serem considerados como exemplares puros da raça Nelore. O touro tinha 4 anos e recebeu o nome de Cacique e era cinzento, com manchas escuras. A vaca era branca, tendo pouco mais de 2 anos, mas já vinha fecundada, e passou a ser chamada Araci, deu cria a uma bezerra, talvez a primeira da raça, nascida na Bahia, à qual foi dado o nome de ITABIRA.

1908 - Com as festividades da Abertura dos Portos aos outros países, incrementaram-se as trocas mercantis brasileiras. Nessa época, um engenho, em Escada, PE, recebeu um lote de Guzerá, para fazer mestiçagem.

1909 - Realiza-se a 1ª. EXPOSIÇÃO DE NAZARÉ, em Pernambuco. O fato foi registrado por conferências, festas e muito brilhantismo, tendo sido editada uma revista comemorativa. Os maiores participantes, com gado Zebu, foram: Joaquim Pessoa Guerra, José Gonçalves Guerra e Joaquim Bandeira de Mello.

1912 - De uma importação de 12 animais, 3 vão para a Bahia (Santiago).



Ao contrário do que se imagina, o gado em regime tropical desenvolve excelente aptidão leiteira.

1914 - Até o ano de 1918, o governador do Estado pernambucano Manoel Borba comprou animais, visando uma melhoria dos rebanhos dos criadores.

1920 - José Gonçalves Guerra, do engenho Limeira Grande, em Carpina, PE, adquiriu um excelente touro Indubrasil, marca J-3, a que deu o nome do próprio vendedor: GALILEU. Nessa ocasião, o criador já possuía animais azebuados de reprodutores mestiços de Guzerá, mestiços esses adquiridos a Dias Lins, em um engenho na cidade de Escada, PE.

1920 - O governador Estácio Coimbra comprou reprodutores Nelore para seu engenho Morima, no Cabo, quando era vice-presidente da República. Os reprodutores vieram de Minas.

1920 - O governo federal inaugura a Estação Experimental de Tegipiô, com um lote de Gir, considerado de 1ª. qualidade. Talvez tenha sido o 1º lote dessa raça, no Nordeste, situando-se em Pernambuco.

1920 - José Gonçalves Guerra divulga os resultados de suas experiências com ga-

do Caracô, Limousin, Hereford e outros que são raças mótis para o Nordeste. Segundo ele, o Malabar e o Guadamar foram um passo importante em direção ao verdadeiro Zebu Nordestino.

1921 - Em março, o presidente Epitácio Pessoa criou uma estação de monta no município de Umbuzeiro, PB, construída por Epitácio Pessoa Sobrinho. Iniciaram-se diversas experiências com as raças bovinas européias em estado de pureza ou alta mestiçagem, experiências estas que provaram que apenas o Zebu poderia suportar o rigor brasileiro.

1922 - Realiza-se a 1ª. EXPOSIÇÃO DE RECIFE, no Prado. Nessa histórica festa, estava presente Lamartine Mendes, o pioneiro do comércio nacional do gado Zebu. Ele vendeu Diagrama, um indubrasil para Joaquim Pessoa Guerra.

1922 - EURICO GONÇALVES GUERRA compra OMAN, um touro Gir que viria a se tornar famoso, no porto de Recife, de um cargueiro que seguia para o Norte do País.

1923 - JOSÉ GAYÃO comprou, em Tegipiô, o garrote TRIUMPHO, raça gir, de notável aptidão leiteira. Esse garrote passou pelas mãos dos mais expressivos criadores da época e da região, visando melhorar a produção local.

1924 - José Gonçalves Guerra Júnior, do engenho Tabatinga, inicia os trabalhos de seleção de uma raça Indubrasil vermelha. Esse trabalho estendeu-se por muitos anos, e era comum notar-se o criador percorrendo as fazendas adquirindo animais indubrasilados ou agrados que tivessem a pelagem vermelha uniforme e fechada. Somente nos anos 1936, o criador deu-se por satisfeito, considerando acertado o caminho percorrido. O Brasil ganhava o INDUBRASIL VERMELHO.

1925 - Viriato Ferraz, na Bahia, partindo de 2 touros puros, filhos de importados em 1920 e um lote de 10 vacas trazidas de Uberaba, é considerado um dos pioneiros da raça Gir na Bahia.

1925 - Os dois primos, Virgílio e Deraldo Mendes Ferraz, animados pelo pioneirismo do coronel Theopompo de Almeida, passaram a adquirir e revender animais zebus e azebuados, para a Bahia. Era o início da introdução maciça de Zebu, no Nordeste.

1928 - OTAVIO GONÇALVES GUERRA, do Engenho Canadá, abandonou o curso de Agronomia e foi se tornar agrônomo autodidata e pecuarista por vocação. Iniciou melhorando o gado mestiço e adquiriu, por 1 conto de réis, o garrote gir, GUARANY, filho de Oman. Criou fama de divulgador do Zebu, iniciou um longo trabalho de comerciante, por todo o Norte e Nordeste.

1930 - Da importação desse ano, veio Gandi que serviu no rebanho de Octávio Ariani Machado, da Bahia. Gandi gerou BEY, alicerce do rebanho de Rodolfo Machado Borges e WHITE, alicerce de Evaristo Paula, de Curvelo. Gandi, Gaiolão, Lobisomen e Rajá

são "os quatro grandes da raça Gir" no Brasil. Das duas centenas de animais da importação, apenas o escolhido por Octávio Machado tornou-se famoso.

- 1930 - A Fazenda Acauã, de João Suassuna, na Paraíba, depois passada para José Ferreira, já utilizava gado indubrasil, há alguns anos. O gado era escolhido pelas orelhas, e pelo mugido que, quanto mais cavernoso, melhor.
- 1930 - O genitor de pesquisador Moacyr Brito de Freitas trouxe um touro Guzerá, para a cidade de Pesqueira, PE. O melhoramento, a partir desse reprodutor, foi saliente e inspirador.
- 1932 - Otávio Gonçalves Guerra, PE abandona o Gir e passa para o Indubrasil. Hoje, após diversas experiências, o notável criador diz-se consciente de que a raça mais adequada para o Nordeste é a Guzerá, mantendo um plantel de 350 cabeças em regime de seleção.
- 1934 - Manoel Dantas Vilar, com propriedade no sertão paraibano, em plena caatinga, após diversas experiências com raças europeias e zebuínas, resolveu percorrer propriedades do sul do país e encontrou a raça Guzerá, em Catalago, RJ com as características ideais para seu gosto sertanejo. Iniciou as compras e voltou diversas vezes, mantendo até hoje, somente animais da mesma origem. Os animais viajavam a pé, pela caatinga, até chegar à fazenda e o rebanho tem suportado todas as Grandes Secas verificadas até hoje.
- 1934 - Os irmãos Irineu e José Bezerra de Lima buscavam gado indubrilado no Porto da Folha e Porto do Colégio, no rio São Francisco, levando-o pelo casco, até Campina Grande, PB.
- 1936 - Moacyr Brito traz um lote de Guzerá e inicia pesquisa de leite nos trópicos, utilizando cruzamentos de Guzerá com outras raças. Sem dúvida, até os dias de hoje, nenhum outro pecuarista ou pesquisador conseguiu tão reais e notáveis resultados quanto o tradicional criador pernambucano.
- 1938 - A Estação de Monta de Umbuzeiro recebe o touro Tietê e duas vacas, Bonina e Ubarana, núcleo inicial da seleção leiteira que viria a dar a Umbuzeiro o nome de "Capital nacional do Gir Leiteiro". O peso médio 20 vacas de Umbuzeiro foi de 478 kg e 5 delas apresentaram pesos superiores a 500 kg resultados muito superiores aos dos animais dos plantéis oficiais de Uberaba e Sertãozinho, alguns anos mais tarde. Em termos de crescimento ponderal, produção leiteira, fecundidade, e rebanho é considerado surpreendente, chegando-se a afirmar que o número de crias é sempre igual à idade da vaca menos dois anos. Umbuzeiro enviou para a Fazenda Experimental de Criação, de Uberaba, os reprodutores Real, Cupido, Faizão e Hazan.
- 1939 - Nasce WHITE, irmão de Bey, filhos de Gandi, espinha dorsal do Gir Brasileiro. Deixou 1.043 filhos, um grande número de campeões nacionais e conjuntos-progênie premiados. O interessante é que White foi apresenta-

do ao exame de uma comissão de Registro Genealógico, que o recusou por causa da pelagem e a ocorrência de pequenas manchas de despigmentação, como é frequente nos animais brancos. Felizmente o criador tinha os seus pontos de vista já firmados e não modificou o seu programa de trabalho. E, assim, um dos maiores genearcas da raça indiana, deixou de ser incluído nos livros da raça. "Mas seria até o caso de incluí-lo, post-mortem, dado seu papel no melhoramento da raça Gir" diz Santiago.

- 1939 - Nesse ano, João de Abreu Júnior resolveu descartar todos os animais Guzerá-JA que não fossem filhos de animais importados pela Fazenda Itaoca, de sua propriedade. Somente ficariam na seleção JA, os descendentes de suas importações diretas. Esse lote, de 40 animais, sendo 3 touros, ficou à disposição de Manuel Dantas Vilar, de Taperoá, PB e foi vendido para criadores da região seca paraibana. Na Fazenda Carnaúba ficaram várias fêmeas e os touros.
- 1940 - A liderança na comercialização do Zebu estava em Recife. Otávio Gonçalves Guerra, João Teobaldo de Azevedo, seguidos por Nelson Teobaldo, Aderito Mariz de Moraes, comandavam as vendas e importações de Minas e da Bahia. Esses homens tangiam o Zebu, pelos sertões, até os confins do Maranhão, quer o preço estivesse em alta ou em baixa.
- 1940 - O grande nome era Mário Alves de Oliveira que até 1950, percorria, desde a Bahia até o Ceará. Também Clóvis Resende percorreu o Nordeste, nessa época, espalhando Zebu. Otávio Gonçalves Guerra chegou com sua comercialização de Zebu, até a Amazônia e fronteira da Venezuela. Trazia Zebu de Minas, por gaiolas, pelo rio São Francisco, pelo mar, por caminhão, ou trem.
- 1940 - Um dos maiores nomes respeitados, na criação de Gir, é o Sr. Geneton Moraes, de Pernambuco. Notável pela sua persistência, acalentou o sonho de derrotar nas pistas de julgamento o Gir importado, com animais de sua criação. E saiu vitorioso, tendo um touro sido consagrado Campeão, na época de sua criação.
- 1949 - O touro CONQUISTINHA levanta o título de Grande Campeão Nacional pela raça Gir. O criador era filho de Viriato Ferraz, pioneiro da raça na Bahia, cujo trabalho teve continuidade com seus filhos Pedro Ferraz e José Ferraz de Oliveira Gugé. É o primeiro Campeão Nacional da raça.
- 1950 - Inauguração do Parque Felipe Pegado Cortez, em Bayeux, PB. Hoje, o Parque abriga a Sociedade Hípica de João Pessoa.
- 1950 - Durante vários anos seguidos, na década, a Usina Catende, a mais sólida e batalhadora presença nas pistas de Exposições, adquiriu um grande lote de Indubrasil.
- 1950 - Notáveis selecionadores dessa época: Lauro Borba, de Timbaúba, PE, com Nelore; Rocha Cavalcante, também pesquisador emérito e autodidata, de



O regime tropical mantém excelentes rebanhos, de alto nível zootécnico.

- Alagoas, com Nelore. Lauro Borba mantinha uma seleção utilizando um touro que havia sido importado pelo seu tio.
- 1959 - Pelo Decreto 39.295, satisfazendo às solicitações do 1º Encontro dos Bispos do Nordeste, o presidente Juscelino Kubistchek, incentivava a pecuária leiteira dos Cariris Velhos da Paraíba, a região considerada mais inclemente do Nordeste. Um lote de Guzerá-JA, para iniciar os trabalhos, foi o escolhido, sendo enviado de avião, fazendo adaptação e quarentena no Posto de Criação do DNOCS, no acude Epitácio Pessoa, em Boqueirão de Cabaceiras.
- 1960 - O Gir da Bahia somente era inferior, em quantidade, ao de São Paulo e Minas Gerais, estando situado, principalmente, em Vitória da Conquista, Itambé, Itapetinga, Maracani e Encruzilhada.
- 1960 - O Indubrasil disputa, na Bahia, a preferência dos criadores, com o Gir, mas nota-se o crescimento vertiginoso do Nelore, podendo-se prever sua supremacia, para breve.
- 1960 - Os maiores criadores baianos são: Virgílio Mendes Ferraz, com cerca de 3 mil cabeças de Gir, Juvinô de Oliveira, Mário de Oliveira, Fernando Espindola Filho, Antônio Barbosa Teixeira, Vespasiano Dias (nelore), Ademar Santos (Indubrasil) plantel OM e Miguel Vita. Apenas o Guzerá não encontra receptividade no sul da Bahia. Já na região de Mundo Novo, o Gir foi muito importante, mas os criadores preferiram o Indubrasil. O Gir ficou relegado a alguns poucos plantéis sendo o maior o do vale do Inhambupe, na Fazenda Favela, ao lado de Kankrej. Nesse rebanho predomina o sangue do famoso Gaiolão baiano tão surpreendente quanto seu homônimo paulista, também como ele, importado em 1930.
- 1960 - Nessa década e na seguinte, o Nordeste vive sob a égide batalhadora e sólida de Paulo Pessoa Guerra, o Senador e pecuarista. É um capítulo à parte na história da pecuária nordestina. Símbolo de obstinação, de trabalho ardoroso, de fé, de estoicismo. Sua presença era constante em todos os pontos onde mantinha suas atividades. Um cronista da época lembra que, cedo, o Senador estava na Fazenda Feijão, em Sumé, PB; tendo partido para Santa Maria da Boa Vista, no Pajeú, PE e logo para uma Exposição em Brejo da Madre de Deus e ainda retornava para Recife, embarcando para Angola e Moçambique. Sua fé na redenção nordestina repousava no boi de cupim. Por ele lutou, viveu e ficará sempre na história. Era conhecido como o Senador Vaqueiro. Em sua vida de Governador

dor chegou a distribuir cinco mil vacas aos criadores.

1962 - Do gado importado da Índia, o criador baiano Miguel Vita escolhe, em Fernando de Noronha, o famoso genearca AKASAMU, uma das vigas mestras do Nelore brasileiro, grande transmissor de peso.

1965 - Na década, os maiores criadores, de renome nacional, no Sergipe, todos da raça Indubrasil, eram Bento Aguiar, Martinho Almeida, Gonçalo Rollemberg.

1966 - A Sociedade do Triângulo Mineiro, hoje ABCZ, liberou o Registro Genealógico para o Estado da Paraíba.

1966 - O rebanho de Benício Cícero do Carmo, (Breno), com lastro VR de 100 fêmeas adquiridas a Torres Homem Rodrigues da Cunha, é desmembrado, ficando as maiores partes para Henrique Vieira de Albuquerque Melo, da Fazenda Oiteiro, PB e José Inojosa, de Pernambuco.

1967 - O Prof. Luiz Rodrigues Fontes realiza um curso para 30 criadores paraibanos. O insigne mestre, ao lado de Alberto Santiago e Villares, forma o trio que mais contribuiu para a afirmação do Zebu, como raça nacional (Virgolino de Farias Leite Neto).

1968 - Início do grande avanço da pecuária nordestina, com o advento dos incentivos da SUDENE. O Zebu era o gado mais procurado pelos empresários rurais. Todas as cabeceiras disponíveis eram compradas pelos nordestinos, pois essa era a chance de se povoarem as regiões semiáridas com gado de excelente qualidade. Mas a Política age por métodos estranhos e a euforia acabou, com o fechamento do Livro, em 31.12.1971, sufocando as esperanças dos nordestinos que já encetavam buscar cabeceiras até na Índia e Paquistão, nos desertos e regiões de

clima similar. Assim, tiveram que povoar suas propriedades com gado nacional e, depois, para piorar, tiveram que aceitar a imposição de Bos Taurus, por meios escusos. Um desvirtuamento que somente veio desacelerar o progresso do meio rural nordestino.

1972 - O Senador Paulo Guerra realiza sua primeira exportação de Zebu Nordestino para a África. O gado foi levado em um avião argentino (pois o Brasil não possuía avião para transporte de animais, na época), numa verdadeira epopéia, pois não poderiam retornar. Foram vendidos numa Feira, em Lourenço Marques, com bastante sucesso.

1972 - Nova exportação para a África, desta vez para Angola, também comandada pelo memorável Senador Vaqueiro, Paulo Guerra. Os animais foram apresentados a diversos criadores africanos que, prontamente, fecharam negócio.

1973 - Última exportação realizada por Paulo Guerra, para o Ex-Congo Belga. Inicialmente, a exportação malogrou, pois o gado não foi pago. Mais tarde, por intermédio da Embaixada, os criadores nordestinos conseguiram receber o valor estabelecido.

1974 - MOGNO, notável touro Nelore, conquista o título de Campeão dos Campeões Nacionais, em Goiânia.

1974 - Introduz-se o Mocho tipo Tabapuan no perímetro irrigado de São Gonçalo, no sertão paraibano, servindo como fomento e pesquisa.

1975 - A Paraíba leva, pela 1a. vez, gado para a Exposição Nacional em Uberaba, através do criador João Roberto Leite, de Guzerá.

1976 - A Paraíba faz o Grande Campeão Indubrasil Moreira, com 1.051 kg.

1977 - A Paraíba sagra o Grande Campeão Guzerá, Dacar, na Expo.Nacional.

1977 - Novamente a Paraíba conquista a palma de Grande Campeão Guzerá, na Expo Nacional, com Magnésio.

1978 - Na Exposição Nacional da Raça Guzerá, a grande maioria dos prêmios fica com o Nordeste, e o Grande Campeão é General, da Paraíba.

1978 - O mais tradicional rebanho Guzerá transfere-se para a Paraíba. O Guzerá JA passa a ser orientado por José e Ana Rita Tavares de Melo, de Guanhim, PB. A seleção iniciou-se em 1895, pelo coronel João de Abreu.

1979 - O touro Guzerá General, da Paraíba, conquista o tri campeonato nacional, sendo 2 títulos em Uberaba e um na Expo Nacional da Raça.

1979 - O Grande Campeão Indubrasil Nacional é de Sergipe (Rubri), a Grande Campeã é da Paraíba (Fronreira), o Grande Campeão Nacional Guzerá (General), da Paraíba e Grande Campeã Nacional Guzerá (Paineira), também da Paraíba.

1979 - A histórica seleção de Curvelo, o Guzerá-CP, base de todos os rebanhos daquela região, é adquirido pela empresa Gerna S.A. do Rio Grande do Norte. A seleção CP foi iniciada em 1910.

1979 - A Exposição Nacional de Gado Zebu deixa evidente, pela sua contagem de pontos, que o Nordeste, na união de seus Estados, foi campeão. Na contagem de pontos, por raça, foi campeão incontestemente, em Indubrasil e Guzerá.

1980 - O criador paulista, José Cezário de Castilho, diante da insistência de Virgolino de Farias Leite Neto, batalhador do Zebu paraibano, faz a doação de um lote de matrizes Sindi e 2 touros, para o Estado, visando uma rápida adaptação ao clima semiárido, como uma salutar opção para os criadores nordestinos.

GRANDES HOMENS, GRANDES REBANHOS

O GUZERÁ NORDESTINO

O Guzerá começou sua história no Rio de Janeiro, em fins do século passado. Os grandes núcleos seguiram-se: Bahia, e Curvelo. Em 1934 iniciou-se um núcleo na Paraíba, que seria seguido por outros em Pernambuco. A nobre raça vem conquistando criadores e adeptos, impressionantemente, nos últimos anos. Hoje, o Guzerá Nordeste é sinônimo de melhor Guzerá Brasileiro, indiscutivelmente.

O mais notável criador do início do século foi Octávio Machado, na Bahia que, mais tarde, vendeu o rebanho para Miguel José Vita. Esse grande pecuarista importou Hindustani e a vaca Kuwel (campeã na Índia em produção de leite) e mantém o rebanho até hoje. O engenheiro baiano, Dr. Aristóteles Goes, também no início do século, adquiriu o plantel de Quincas Machado e o levou para o vale do Inhambupe, onde já criava Gir.

Muitos são os criadores que optaram pelo Guzerá, nos últimos anos, realçando-se:

Emílio Maya Omena (Alagoas), Fausto Pontual e irmãos, Camillo Collier, Arthur Penna, Octávio Gonçalves, Octaviano Heráclio, todos em Pernambuco, além do notável zootecnista e pesquisador Dr. Moacir Britto, sem dúvida, o mais conceituado e abalizado estudioso do Guzerá, sobre leite nos trópicos, a quem muito deve o Nordeste. Na Paraíba, seguindo o pioneirismo de Manuel Dantas Vilar, em plena caatinga, vieram João Roberto Leite, Humberto César de Almeida, Saulo Maia, Jairo Monteiro. O rebanho Guzerá-JA, com tradição desde 1895, o responsável pela existência do Guzerá no Brasil, transferiu-se para a Paraíba, sob a responsabilidade de seus proprietários: Dr. José e Ana Rita Tavares de Melo. No Rio Grande do Norte surge a Gerna S.A., mantendo o Guzerá-CP, do histórico Cristiano Penna, de Curvelo; e Kleber Bezerra. No Ceará, João Grangeiro, com lastro de Ghalor e a Fazenda Teotônio, são os mais expressivos.

A proximidade dos rebanhos Guzerá, no Nordeste, sem dúvida, constitui um grande incentivo para a expansão da raça, pois qualquer criador pode comparar o desenvolvimento dos trabalhos de seleção. Os títulos obtidos nos certames nacionais atestam a excelência do rebanho Guzerá Nordestino.

No livro de André Weiss, mostrando os animais que marcaram a História do Zebu Brasileiro, encontram-se 90 no total, sendo que 43 deles são nordestinos, a saber: Eng. Aristóteles Goes (AUGUSTO, BAIÃO, BARRÃO, BIGUÁ, ARGENTINA e BAHIA); Octávio Machado (CZAR, VERDUN); João de Abreu, hoje na Paraíba (ARGOLO, BATURITE, BEAU-GESTE, ESTUDANTE, FAROLITO, FLAMENGO, FORD, FRIBURGO, GITANO, GUAXUPE, ITABIRITO, LAHOR, LUMINOZO, MINEIRO, MONTE-NEGRO, MONTE-VERDE, PALACIO, PAVILHÃO, POLYDORO, RAJAH, ROMAN, SALANGOIA, TANGO, TARZAN, TOGO, UNIVERSAL, ANTUERPIA, CAMARADA, CAMURÇA, CINELANDIA, DIANA, PINTA, SIMPATIA, SOLINA), Cristiano Penna, hoje no Rio Grande do Norte (APACHE, AVAY, CASSU, COLOMBO, DANUBIO, LEONIDAS, MILÃO, MONTE-NEGRO, NILO, OBERON, POTI, ABISSINIA, ALIANÇA, AMÉRICA, BAILEONA-II, GUARANTA, INDIANA, KAILANA, KAILANA-I, MONTANHA-I) (obra escrita e impressa em 1956).

Das conquistas máximas da raça, encontram-se no Nordeste: Campeã Mundial em Produção de Leite, Campeã Mundial em Teor de Gordura, Campeã Mundial em Peso Fêmea.



O Gir leiteiro tem sua origem no Nordeste e o nome de Umbuzeiro é conhecido em toda o Brasil.

Durante três Exposições Nacionais, seguidamente, nos últimos anos, o Nordeste vem conquistando o título máximo.

O GIR NORDESTINO

Com lugar reservado na História do Zebu Brasileiro, está Octávio Machado, líder incontestado e expoente máximo da criação de Zebu, no Nordeste. Através dele, o Brasil conseguiu obter uma viga mestra do Gir: os filhos da Gandi, Bey e White. Bey foi comprado por Rodolfo Machado Borges e White por Evaristo de Paula, constituindo a fama daqueles rebanhos. É interessante notar que White não conseguiu ser registrado pela comissão julgadora, devido a problema de despigmentação, como é frequente nos animais brancos. Até hoje, no entanto, existem técnicos e criadores que acham que White deveria ser registrado, mesmo após sua morte, devido aos grandes benefícios que trouxe à raça.

Outro grande pioneiro, na Bahia, foi Viriato Ferraz que iniciou seu rebanho em 1925, partindo de 2 touros importados em 1920. Seu filho conseguiu obter, pela 1ª vez, o título de Campeão Nacional, para o Nordeste.

A raça dominou o cenário baiano e teve grande atuação em Pernambuco. Segundo a análise procedida por André Weiss, os animais destacados no Nordeste foram: até 1956: Octávio Machado (GANDI, BEY, WHITE, BAHIANO-OM, CALIFA, CARMIN-OM, GANDI-II, CABANA-II, CABANA-I, MARAJA, MARAJA-II, MORCEGO-OM, ORION-OM, SUGESTIVO-OM, DANÇARINA-OM, NUBIA-I, NUBIA-II, SERENA-OM, NAMORADA); Soc. Agro Pastoral de Pernambuco (ALAH, RADAR, TIGRE); Cel. Viriato Ferraz, BA (ARIETE, POTOSI); José Ferraz Gugé, BA (BAEPENDI, CONQUISTINHA, MAXIXE); Manoel Moraes, BA (BAMBUI, ESMERALDA); Coop. Instituto Pecuária da Bahia (CHANGAY, ESPARTANA); Cel. Simão Machado, SE (BOMBAIM); Djalma Jacobina Filho, BA (CIGANO, DIAMANTE, SURUBIM); Milton R. de Almeida, BA (FAROL); Raul Prata, BA (FARANELO, PARANA, NORMA, ONDINA, ROXINHA, SAPUCAI); Armando Arruda, PE (IMPÉRIO), Manoel Maia Gomes, AL (ITABI); José Adolfo Pessoa de Queiroz, PE (LOMBARDO, MADRIGAL); Antonio B. Teixeira, BA (MINU); Eng. Aristóteles Goes, BA (NATAL, ALVORADA, GAIOLÃO), Irmãos Nogueira, AL (RIALTO, RIO TINTO), Cel. Gonzalo Rollemberg, SE (TRIUNFO-OM), Irmãos Rocha Cavalcanti, AL (JANOTA), Renato Andrade Moraes, PE (SURAIA).

O NELORE NORDESTINO

O introdutor da raça, no Nordeste, foi Octávio Machado, da Bahia, cujo plantel é mantido até hoje, pela excelência com

que foi orientado, desde os primórdios. Outros notáveis criadores foram Alfredo Maia, nos idos de 1950 em Alagoas; bem como os Irmãos Rocha Cavalcanti também em Alagoas, José Ferraz Gugé, nos idos de 1950, na Bahia, Djalma Jacobina Filho, em Mundo Novo, BA, Eng. Aristóteles Goes, BA, desde os idos de 1920 e Miguel José Vita, que importou Akasamu, notável genearca, talvez o maior proporcionador de peso, da raça Nelore, no Brasil.

No Nordeste teve início o Nelore Vermelho que, até hoje, tenta um lugar no Registro Genealógico, sem sucesso.

Nos dias atuais, inúmeros são os criadores em todo o Nordeste, principalmente nas zonas mais férteis: Bahia: Miguel José Vita, Octávio Machado Neto, Waldomiro Brandão, Jaime Fernandes, Joel Antonio e Fidelis, Zoroastro Azevedo, Aliança Patoril, Antímio e Inácio Fernandes, Luiz Alberto Falcão. Em Alagoas: Emilio Eliseu de Maya Omena, Fernando Coutinho e Antônio Coutinho. Em Pernambuco: Octaviano Heráclio, José Inojosa, cabendo lembrar que Mogno, de José Inojosa, foi consagrado Campeão dos Campeões Nacionais. Na Paraíba: Henrique Vieira de Albuquerque Melo, com mil matrizes registradas e central de inseminação própria é o maior criador, seguido por Claudino Veloso Freire, da Faresa e Antonio Vieira Lins. No Rio Grande do Norte salienta-se Kleber Bezerra. No Ceará: Fazenda Teotônio, Cleidson Rangel e Valzenir Rodrigues de Castro.

O Nelore encontra-se nas mais diferenciadas regiões nordestinas, tanto em áreas verdes como nas de clima bem mais rústico.

Na compilação de animais importantes para a consolidação da raça no Brasil, André Weiss anotou 42 machos nordestinos para um total nacional de 193, até o ano de 1956, o que mostra a importância já naquela época, do Nelore Nordestino.

São eles: Alfredo Maya (ALCAZAR) Octávio Machado, BA (AMIANTO, ARAY, CAIRO, CALCUTÁ, CAPIMIRIM-I, CAPIMIRIM-II, COLORADO-vermelho, INDUPAN, PHEBO, PROVEDOR—vendido a Torres Homem Rodrigues da Cunha, TANK, ABUZADA, PACIÊNCIA); Irmãos Rocha Cavalcanti, AL (APIS, FAMOZO, FARAÔ, IMPERADOR, IMPERIO, JACUI-ITAI, RAJA-II, GRACIOSO, ILIADA, INDIA, TACY); José Ferraz Gugé, BA (ARGUS, FADO, PALHAÇO); Djalma Jacobina Filho, BA (BRINCO, EGITO, FAROL, MINISTRO XANDINHA); Soc. Agro Pecuária de Pernambuco (CLANDESTINO), Tenório de Mundo Novo (DEFENSOR), Armando Arruda, PE (DIAMANTE); Gerval Peixoto, BA (FAKIR), Coop. Ind. Pecuária da Bahia (FOSFATO), Archimar Baleeiro, BA (GINETE, CHOLITA), José Martins Pinto da Rocha, BA (INDU-II) Coop. Instituto Pecuária da Bahia (MONTE ALTO, INDIANA), Assoc. Agropec. do Oriente, BA (SUPERFOSFATO), Eng. Aristóteles Goes, BA (TOMARA), M. Moraes, BA (DELICADA).

Convém salientar, ainda, os animais que foram vendidos por Octavio Machado e que grangearam renome nacional, na mão de outros criadores: MONTE ALTO, OVIDOR, TANK-I, TEERAN, TIC, TUPI, INDIANA.

O INDUBRASIL NORDESTINO

Um importante nome a ser lembrado, na raça Indubrasil, na Bahia é o Dr. Francisco Rocha Pires. Também Jairo de Almeida, de Mundo Novo, Martinho Almeida em Sergipe.

O Nordeste conta com diversos Grandes Campeões Nacionais e o Estado de Sergipe congrega excelentes plantéis. Os mais

expressivos criadores nordestino são: Bahia: Jairo de Almeida, Francisco Rocha Pires Filho, Waldomiro Brandão, Djalma Jacobina Filho, José Ferreira Gomes. Sergipe: Antonio Machado de Almeida, Ronaldo Calumby Barreto, Manoel Gonçalves, Martinho Almeida de Menezes, Ovidio Teixeira, José Lauro de Menezes Silva. Pernambuco: Octaviano Heráclio Duarte, Joaquim Gonçalves Guerra, José Nivaldo Barbosa. Paraíba: Arthur Freire de Figueiredo, Antônio Vieira Lins, Henrique Alexandrino de Melo, João Ferreira Braga.

André Weiss, em 1956, cita os principais animais da História do Indubrasil, a saber: Francisco Rocha Pires, BA (ALADIM) FLAMENGO, GUAPORÉ, JANGO, BALALICA-II, PALOMA); Soc. Agr. Pec. Pernambuco (ALI-KHAN), Jairo de Almeida, BA (BOATO, CISNE, DAMASCO, DARLAN, FESTEJO, INDUITINGA, RELEVO, ARLANZA, NOTICIA), José Vaz Sampaio, BA (BRIGADEIRO, SULTÃO), Celso Cursino, PE (CONDE, BRANCA DE NEVE), Djalma Jacobina Filho, BA (CONVITE), Waldemar Brandão da Silva, BA (ENCANTADO), Sílio Pedreira, BA (FALEIRO), José Ferraz Gugé, BA (GILDO) Antônio Cansação, AL (GLOBO PADRÃO, ARABIA, PANAMA), Orlando Dantas, SE (IMPERIAL), Edmundo de Oliveira Freire, SE (INDIO, ROCHEDO), Coop. Inst. Pec. da Bahia (MARTIM), Arnaldo de Miranda Motta, BA (NACIONAL), Joaquim Gonçalves Guerra, PE (NORDESTE), Martinho Almeida de Menezes, SE (ORVALHO), José Theobaldo Azevedo, PE (PERNAMBUCO, FARRA), Viriato Ferraz, BA (PRINCIPE), José Vaz Sampaio, BA (SULTÃO), Pedro Ferraz, BA (TESOURO).

José Vaz Sampaio, BA (TRIUNFO), Com. Manoel M. Gomes, AI (VIOLÃO), Irmãos Nogueira, AL (BRAHMA), Empr. Vaz e Andrade, BA (ROMANCE).

O SINDI e o TABAPUAN nordestinos

Como mostram as datas da cronologia apresentada, o Sindi foi um dos primeiros zebuínos a chegar no Brasil, em 1850, sendo adquirido pelo Visconde de Paraguape. Não recebeu a raça uma preocupação por parte dos grandes criadores e entidades tendo sido abandonada.

Apenas o esforço de alguns abnegados selecionadores conseguiram manter alguns poucos animais que, impressionantemente, ressurgem com muito sucesso, nos dias atuais. O principal criador brasileiro é José Cezário de Castilho, no tocante a atender solicitações dos criadores nordestinos.

Depois da importação de 1952, que trouxe 31 Red-Sindi para o Instituto Agrônomo do Norte, a mais importante introdução da raça, é a de 1980, a título de "pesquisa".

Foi o divulgador das raças zebuínas, Virgolino de Farias Leite Neto, quem lutou e conseguiu de José Cezário de Castilho, na cidade de Lins, SP, a doação de 2 touros e duas dezenas de matrizes de boa condição zootécnica para realizar um trabalho de adaptação na zona semiárida, trabalho esse em andamento, nas cidades de Patos, PB.

Já o Tabapuan teve em Dagoberto Uchoa Omena, um grande impulsor. Uma importante seleção é a realizada pela Cooperativa dos Irrigantes da Paraíba, no perímetro irrigado de São Gonçalo, onde ocorre um leilão anual. A raça vem tendo boa aceitação em diversas zonas de clima úmido, ou com possibilidade de irrigação, devido principalmente ao grande peso e precocidade. Grande divulgação da raça vem sendo realizada, na Bahia, por Carlos Amado Flores Campos e, na Paraíba, por Saulo Maia.



Este caderno especial somente foi possível tornar-se realidade devido ao apoio dos mais expressivos criadores do Nordeste, em todos os Estados, cada qual colaborando com uma pequena parte dos custos. Temos certeza, outrossim, que estes criadores são a vanguarda da zebuicultura nordestina, detentora dos melhores plantéis da região. (As Notas são inseridas pela revista, sem prévia aprovação do criador)

ALIANÇA PASTORIL / Dr. Nivaldo Almeida
R. José Carlos, 99 - Brotas. Fone: 244-7506
40.000 - Salvador - BA
• Indubrasil

AGRO-PECUÁRIA OLIVAL TENÓRIO LTDA
R. Comendador Palmeira, 502 - Farol
Maceió - AL
• Nelore/mocho (2.000 cabeças)
Título: Melhor Expositor de Mocho/78/79, na Expo. Nordeste.

ANTONIO MACHADO DE ALMEIDA
R. Santa Luzia, 966 - 49.000 - Aracaju - SE
• Indubrasil
Título: Grande Campeão Nacional/79 c/Rubi.

ANTONIO SILVEIRA COUTINHO
R. Barão de Jaraguá, 451 - Fone: 36744/36152
57.000 - Maceió - AL
• Nelore

ARTHUR FREIRE DE FIGUEIREDO
R. Padre Ibiapina, 64
58.100 - Campina Grande - PB
• Indubrasil

ANTONIO VIEIRA LINS
R. Luís Soares, 65
58.100 - Campina Grande - PB
• Indubrasil
• Nelore

AUTÍMIO e INÁCIO FERNANDES
Pça. Duque de Caxias, 80 - Fone: 261-1008
Itapetinga - BA
Av. Euclides da Cunha, 50 - Apto. 601
Salvador - BA
• Nelore (350 matrizes)
Títulos: Progenitor de Pal. Itapetinga 1979
Campeão Touro Jovem, idem.

CARLOS AMADO FLORES CAMPOS
R. Otaviano Pimenta, 185 - matatu
40.000 - Salvador - BA - Fone: 244-3792
• Mocho Tabapuan

CAMILLO COLLIER FILHO
R. Claudino dos Santos, 321 - Fones: 227-0081
227-4677/225-1025
50.000 - Recife - PE
• Guzerá

CLEIDSON ARAÚJO RANGEL
Casa de Saúde N.S. de Fátima - Fone: 63260
Brejo Santo - CE
• Nelore
Nota: O mais consagrado criador de Nelore, no Ceará Interiorano.

DAGOBERTO UCHOA OMENA FILHO
R. Barão de Jaraguá, 554
57.000 - Maceió - AL
• Mocho Tabapuan

DJALMA JACOBINA FILHO
Av. 7 de setembro, 303 - Apto. 701
40.000 - Salvador - BA. Fone: 245-2410
Caixa Postal- 46 - Jacobina - BA
• Indubrasil.

EMÍLIO MAYA DE OMENA
YONE LAGES DE OMENA
R. Barão de Jaraguá, 398 - Fones: 223-3943/
4628/2231
57.000 - Maceió - AL
• Nelore
• Guzerá

FRANCISCO ROCHA PIRES FILHO
R. Sen. Pedro Lago, 7 - Fone: 621-1255
44.700 - Jacobina - BA
• Indubrasil

FAUSTO PONTUAL e Irmãos
Av. Marquês de Olinda, 302, cobertura
50.000 - Recife - PE Fone: 224-6189
• Guzerá

FERNANDO COUTINHO
R. Barão de Jaraguá, 451. Fone: 223-2228/4158
• Nelore Mocho

FERNANDO BRASILEIRO MIRANDA
Av. Caxangá, 428. Fones: 227-4297/1421/0665
50.000 - Recife - PE

• Nelore/Gir (1.200 matrizes)
Títulos: Campeões em todas as categorias e
várias Expo. de Recife e interior.

GRUPO EDSON QUEIROZ/Faz. Teotônio
R. Major Facundo, 844 - Fone: 231-3718/3522
60.000 - Fortaleza - Ce

• Nelore (350 matrizes)
• Guzerá (200 matrizes)
Títulos: Guzerá. Melhor Novilho Precoces 78/79
Nelore. Melhor Expositor Cearense: 1975/77
78/79. Grande Campeão 1975/78. Grande Cam-
peã 1977/78/79.

GERNA S.A.
Esplanada Silva Jardim, 4, 2º andar.
59.000 - Natal - RN Fones: 222-3595/96/97
• Guzerá

Nota: Trata-se do histórico plantel Guzerá-CP
de Cristiano Penna, iniciado em 1910, notável
pelas qualidades zootécnicas.

HENRIQUE VIEIRA DE ALBUQUERQUE MELO
R. Cardoso Vieira, 137 - Fone: 221-4566
58.000 - João Pessoa - PB

• Nelore (1.000 matrizes)
• Gir Mocho
Títulos: Melhor Expositor Paraibano/70/71/72/
75/76. Melhor Expositor Natal/76

HENRIQUE ALEXANDRINO DE MELO
R. Maciel Pinheiro, 112, 1º andar - Fones:
321-3565/2392 - Campina Grande - PB
• Indubrasil
Títulos: Grande Campeã Nacional/79

HUMBERTO CESAR DE ALMEIDA
R. Peregrino de Carvalho, 89
58.100 - Campina Grande - PB - Fones:
321-5411/5812
• Guzerá

Títulos: Dacar (Campeão Nordeste/75 e Cam-
peão Nacional/76). Magnésio, (Campeão Nor-
destino/76 e Campeão Nacional/77), General-H
(Campeão Bezerra/Uberaba 76, Campeão Ju-
nior/Uberaba 77, Campeão Nacional/Uberaba
78, Campeão Nacional/Natal 78, Bi campeão
Nacional/Uberaba 79), Paineira (Campeã Nacio-
nal/Uberaba 79).

ISMAR AMORIM
R. do Riachuelo, 189, 9º andar, cj, 901. Fones:
221-4882 / 1238
50.000 - Recife - PE
• Gir
Títulos: Grande Campeão por vários anos con-
secutivos. Melhor Expositor da Raça, idem.

JAIME FERNANDES MACIEL
Av. EEUU, 18-B, 6º andar. Fones: 242-0012/
0212/0233.
40.000 - Salvador - BA
• Nelore

JOÃO GOMES GRANGEIRO
R. Senador Pompeu, 1081. Fones: 231-0877/
0521/226-2734
60.000 - Fortaleza - CE
• Guzerá

JOÃO ROBERTO LEITE

R. Dr. José Luiz da Silveira Barros, 225, apto. 1201 - Fone: 231-1965
50000 - Recife - PE

• Guzerá

Título: Melhor Expositor Paraibano/79, Grande Campeã Nordestina/78, Grande Campeã Paraibana/79, Melhor Desenvolvimento Ponderal Macho e Fêmea/ Expo. Nacional da Raça/78.

JOAQUIM GONÇALVES GUERRA

Caixa Postal, 30
55810 - Carpina - PE
• Indubrasil

JOEL ANTONIO E FIDELIS

Pça. da Sé, 7, Edif. Themis, Sala 201/2 -
40000 - Salvador - Ba - Fone: 243-7069
• Nelore

Títulos: Grande Campeão e Grande Campeã em várias exposições baianas.

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ

Av. Almirante M. de Leão, 20
40000 - Salvador - BA Fone: 247-8509
• Gir

Nota: descendente de um dos pioneiros do Gir na Bahia, com muitos títulos nacionais e estaduais.

JOSÉ LAURO DE MENEZES SILVA

Av. Simião Sobral, 300
49000 - Aracaju - SE
• Indubrasil

JOSÉ NIVALDO BARBOSA

R. João Batista, 38
55750 - Surubim - PE
R. Itapeçerica, 17 - Prado, Fone: 227-4576
50000 - Recife - PE
• Indubrasil

Títulos: Palma de Ouro/75/76/77 (Expo. Nordeste), Melhor Expositor.

JOSÉ INOJOSA

R. Nestor Silva, 194 - Fones: 268-1211/1499
50000 - Recife - PE
• Nelore

Títulos: Por diversas vezes Grande Campeão Nordeste e Melhor Expositor da Raça, com salientes premiações em Uberaba.

JOSÉ E ANA RITA TAVARES DE MELO

Caixa Postal 1, Fone: 222-0180 (João Pessoa)
58356 - Gurinhém - PB
• Guzerá

Nota: O rebanho Guzerá-JA foi iniciado em 1895, há quase 100 anos atrás, tendo sido o mais premiado, até hoje. Tem Campeões Nacionais e Campeãs Nacionais, por diversas vezes. É Guzerá-JA a Campeã Mundial em Leite, Potinga-JA. Em Teor de Gordura, a Campeã Mundial é Faisca-JA. Em Peso de fêmea, a Campeã Mundial é Francesa-JA.

JOTAMACHADO ENGENHARIA LTDA

Av. Manoel Dias da Silva, 2269 - Pituba
40000 - Salvador - BA - Fones: 248-0340 / 0097-0775
• Nelore (500 matrizes)

Nota: O rebanho criado por Octávio Machado, de marca OM é um dos alicerces brasileiros do Nelore, com muitos Campeões, nos mais sérios certames nacionais e estaduais, tendo sido iniciado no começo do século XX.

JAIRO MONTEIRO

R. Barão do Triunfo, 400 - Fone: 221-4870 / 4921
58000 - João Pessoa - PB.
• Guzerá

JOÃO FERREIRA BRAGA

R. José Gomes de Sá, 10
58800 - Sousa - PB - Fone: 521-1237
• Indubrasil

Título: Grande Campeão Paraibano/79.

KLEBER DE CARVALHO BEZERRA

Pça. José da Penha, 141
59000 - Natal - RN - Fones: 222-1614/1624
• Nelore (200 matrizes)
• Guzerá

Títulos: Grande Campeão Norte-Riograndense/79, Diversos Campeonatos no Estado Potiguar.

LUIZ ALBERTO FALCÃO

R. Marechal Deodoro, 198 - Fone:
Feira de Santana-BA
• Nelore
• Guzerá

Nota: seu touro Guzerá, Ali, foi solicitado para coleta de sêmen, pelas suas extraordinárias qualidades.

MIGUEL JOSÉ VITA

Av. EEUU, 18-B, 6º, cj. 602
Av. Euclides da Cunha, 19, apto. 302
Fones: 247-8557/242-0733
40000 Salvador - BA
• Nelore (400 matrizes)
• Guzerá (170 matrizes)

Nota: Há mais de 20 anos somente se utilizam reprodutores Nelore acima de tonelada. Todos os animais Guzerá são filhos de Hindustani (Imp) e Kuwel (Imp), Campeã em leite, na Índia.

MANOEL DANTAS VILAR FILHO

R. Alvaro Machado, 1 - Fone: 2213/2251.
Taperoá - PB
• Guzerá-D

Nota: A seleção teve início em 1934, em plena caatinga paraibana, partindo de um lote de Guzerá-JA e nunca introduziu um touro de fora. Tem muitos prêmios na Paraíba.

MOSSORÓ AGROINDUSTRIAL MAISA-S/A

R. Pero Coelho, 402 - CP. 1264
60000 - Fortaleza - CE
• Gir

Nota: Com apoio da Sudene

MOACIR BRITTO DE FREITAS

Av. Boa Viagem, 1272, apto. 801.
50000 - Recife - PE - Fone: 326-6141
• Guzerá

Nota: É considerado um dos baluartes do Guzerá Nordeste, pelas suas relevantes pesquisas sobre leite nos trópicos.

MARTINHO ALMEIDA DE MENEZES

Fazenda Machado - Lagarto - SE
• Indubrasil
Nota: Proprietário de Natal.

OCTÁVIO GONÇALVES GUERRA

Granja do Ipê, BR 408, Km. 77 - Fone: 336
55810 - Carpina - PE
• Guzerá (350 matrizes)

Nota: Iniciou seu trabalho de criação por volta de 1920, com Gir, depois passou para Indubrasil e concluiu que o certo era Guzerá.

**OCTAVIANO DUARTE S.A.**

R. da Moeda, 122, 1º, Fones: 224-3433/3871
50000 - Recife - PE
• Nelore (1000 cabeças)
• Indubrasil (1500 cabeças)
• Gir (500 cabeças)
• Guzerá (350 cabeças)

Nota: Todas as seleções tiveram início há 20 anos. São inumeráveis os títulos de Octaviano Duarte, pois frequenta Exposições em quase todos os Estados nordestinos.

OVIEDO TEIXEIRA

Av. João Ribeiro, 572
49000 - Aracaju - SE
• Indubrasil

PEDRO FELÍCIO CAVALCANTI

R. Santos Dumont, 82 - Fone: 455
Crato - CE
• Gir
• Nelore
• Indubrasil

Nota: É pioneiro na criação, no Ceará, principalmente na região do Cariri.

RONALDO CALUMBY BARRETO

Av. Ivo do Prado, 942
49000 - Aracaju - SE
• Indubrasil

SAULO DE ANDRADE MAIA

Av. Alice de Almeida, 34 - Tambaú
58000 - João Pessoa - PB
• Guzerá
• Mocho Tabapuan

SEBASTIÃO LEAL DE VASCONCELOS

R. Sete de Setembro, 365, apto. 2102
50000 - Recife-PE, Fone: 221-0101
• Gir

Títulos: Grande Campeão Nordeste/79.

VALDEMAR DE SENA MOREIRA

R. João Gualberto, 19
58800 - Sousa - PB
• Nelore (100 matrizes)

Nota: maior criador do sertão paraibano seco.

VALZENIR RODRIGUES DE CASTRO

Av. Antonio Sales, 3311 - Fone: 224-2386
60000 - Fortaleza - CE.
• Nelore

Nota: Após a aquisição do rebanho de J. Macedo, tornou-se o maior rebanho do Ceará, em 1980.

WALDOMIRO BRANDÃO DA SILVA

R. Marechal Floriano, 26 - Canela
40000 - Salvador - BA - Fone: 247-5684
• Nelore (1382 matrizes)
• Indubrasil (92 matrizes/cabeceira)

Nota: O criador tem vacas POI, e 12 bois POI, com já 283 troféus em diversos Estados.

ZOROASTRO AZEVEDO

R. Felinto Marques Cerqueira, 571
44100 - Feira de Santana - BA Fone: 221-0023
• Nelore.

SUGESTÕES PARA OS CRIADORES

Para aqueles que se interessam em ouvir os sucessos de outros criadores, compilamos algumas "sugestões", ou seja, vitórias obtidas em várias fazendas nordestinas:

1) Plantar capim Buffel, na zona seca, que melhora consideravelmente a condição média de alimentação do gado, já que possibilita haver pasto o ano todo, embora que seco durante cinco meses. Em qualquer criatório sabe-se que o investimento em pastagens é proporcional e geometricamente direto ao rendimento do gado, crescendo verticalmente, em pouco tempo. Dependendo da região, utilizar Braquiária (decumbens ou humidicola), ou se a região for bastante amena, utilizar capins ideais para o sul (colômbio, jaraguá, napier, etc.).

2) Os pastos podem ser divididos, na região seca, em revezos de 80/100 hectares e consorciados com leguminosas nativas (feijão de rolinha, oreilha de onça, gitirana, etc.) além de se introduzirem outras (cunhã, siratro, etc.).

3) É obrigatório fazer feno, por prensa manual ou prensa mecânica, dos capins resistentes à seca. A fenação resulta mais barata que a silagem.

4) Plantar sorgo granífero, mais rústico e produtivo que o milho, para enriquecer o farelo das vacas em ordenha. Utilizar, também, os restos da agricultura, moídos (algaroba, cevada, etc.), e alguma torta de algodão, no máximo de 400 gramas por cabeça/dia, no período seco.

5) Não completar a alimentação das vacas, no período das águas. Deixá-las dormir no pasto. No período seco, reforçar a alimentação com palma forrageira, concentrado e silagem de capim-Elefante/cana/forrageira.

6) Manter nos baixios os capins resistentes tipo grama e acrescentar, onde couber, capim "Estrela Africano", consorciado com siratro (leguminosa levada pelos australianos, há 30 anos atrás, e agora devolvida aperfeiçoada).

7) Consorciar Algaroba, o máximo possível, respeitando os espaçamentos técnicos. Ela dá duplo uso para a mesma terra, pois é ração equilibrada para o gado e fornece madeira para estacas, lenha e até para móveis, além da sombra.

8) Plantar Palma forrageira, onde possível. Considerar para cada 10 cabeças a necessidade de 1 hectare de palma, sem qualquer cuidado especial. Lembrar que, com um pouco de trato, 1 hectare poderá atender até 20 cabeças.

9) Tentar um rodízio de bovinos e caprinos, tirando partido das preferências alimentares diferenciadas. Essa medida reduzirá o custo da limpeza dos pratos e, ainda, gerará um rendimento extra. Sem dúvida, os caprinos são predadores, mas eles podem ser úteis, quando racionalmente manejados.

10) Assumir uma atitude de só fornecer ao gado produtos de sua própria terra: pasto de buffel, feno de buffel, silagem com capim de corte, palma forrageira, algaroba, concentrados à base de sorgo e sub-produtos de algodão, etc.

11) Utilizar reprodutores de estirpe, de preferência já criados no Nordeste.

12) Analisar a própria região e notar se os períodos de seca são críticos, com grande perda de peso. No caso, escolher linhagens ou raças que perdem menos peso, mesmo que, no período das chuvas, venham a ganhar peso mais lentamente.

13) Para mestiçagem, observar sempre que o grau de sangue europeu deve ficar em torno de 1/4, ficando o Zebu com 3/4. Isso, se não houver possibilidade de cria Zebu puro.

14) Buscar mais carne na vaca leiteira, ao invés de leite na vaca de raças de corte.

15) Peser o leite a cada 15 dias, e ir descartando as vacas que não atingirem a meta prevista.

16) Peser o gado periodicamente, para analisar as variações em decorrência dos fenômenos climáticos ou outros fatores. Estabelecer um critério de melhoramento ponderal, de acordo com as possibilidades previstas na região.

17) Comparecer às Exposições principais da região, do Estado ou do país, analisando os animais expostos, conferindo os trabalhos de seleção e traçando metas para seu próprio trabalho. Somente através de contatos permanentes, muita leitura e observação constante, um trabalho de seleção poderá obter sucesso.

18) No final do ano, fazer os cálculos de rentabilidade do trabalho, obtendo resposta para a pergunta: Quantos quilos de leite e carne obtive por hectare, neste ano? Um levantamento estatístico dos resultados dessa pergunta, após vários anos, mostrará, surpreendentemente, que o Zebu Nordestino é perfeitamente viável, tendo melhores resultados que os trabalhos similares de outras regiões.

19) Manter em dia uma escrita rigorosa, anotando os detalhes funcionais da seleção.

20) Não prestar atenção às conversas de "modernistas" que insistem em afirmar que o ideal para o Nordeste é uma lotação de uma (1) cabeça por hectare, de acordo com os ditames da SUDENE. O King Ranch, nos Estados Unidos concluiu que o ideal, na zona seca, era uma cabeça para cada 6 (seis) hectares. No Nordeste, o resultado será, mais ou menos, o mesmo, quando se considerar a possibilidade de secas de dois anos, o desnudamento do solo, a ação dos ventos, etc. O importante é providenciar a conservação do solo e fazer fenação e, aí sim, buscar 1 (uma) cabeça por hectare.

"O Nordeste é uma lata de lixo"

Em um país onde atualmente 400 mil crianças morrem por desnutrição, a produção de leite deveria ser encarada como uma questão de segurança nacional. Atendendo ao apelo do criador Sinval Palmeira, Huascar Terra do Valle, administrador da Fazenda Tryumphi, apresenta os planos desta fazenda no sentido de desenvolver uma raça de leite produtiva e econômica, adaptada ao clima tropical de cerrado, em pastos melhorados, com o mínimo de suplementação na seca.



Descaradamente, os elementos da Cemig, realizaram uma enchente irresponsável, e talvez uma das finalidades seja, subliminarmente, desvalorizar as terras da barranca do Rio, visando futuras construções de novas barragens, ou simples troca de proprietários pequenos por grandes grupos. Quem perde é o Nordeste que, há anos, vem aprendendo a trabalhar na beira do rio, com muito sucesso, apesar de o Ministro Andreazza - ao invés de evitar enchentes - fez questão de institucionalizá-las.

Acabo de receber o número de janeiro de Agropecuária Tropical. Está cada vez melhor, com artigos excelentes. Sua revista é atualmente a única que se dedica a discutir os problemas da pecuária. As outras parecem boletim interno de escola de agricultura e veterinária, tratando eternamente de assuntos como mineralização de bovinos, como tratar do carbúnculo sintomático, como reformar pastagens, etc. São assuntos próprios para livros. Divulgando-os, estas revistas fazem um desserviço à pecuária, pois dão a impressão de que tudo corre às mil maravilhas, enquanto o que acontece é uma sistemática sabotagem das atividades produtivas, de parte do próprio Governo.

Muito oportuno foi, também, o artigo sobre o bode e o camelo, agora que os débeis mentais do Ministério da Agricultura querem desestimular a pecuária bovina e estimular a criação de cabras e ovinos. Será que agora já pensaram em importar também alguns camelos?

Sua revista também está se tornando o porta-voz do Nordeste, que sempre foi a lata-de-lixo do Sudeste brasileiro, e que necessita de defesa. Vou dar um exemplo que sugiro seja publicado urgente, pois demonstrará que o Sudeste considera o Nordeste como lata-de-lixo. Considere estes fatos sobre a enchente do rio São Francisco:

Vinte quilômetros (aproximadamente) abaixo de Três Marias começa o Nordeste legal, ou seja, a área da SUDENE. Três Marias, construída pela Codevasf, tem como finalidade principal regularizar o fluxo de São Francisco, e até há pouco tempo, foi administrada por esta empresa, que vendia água à Cemig, para trocar as turbinas. Recentemente o controle da barragem passou para a Cemig.

A Cemig tem como objetivo principal produzir kilowatts e não tem a menor consideração para com as repercussões econômicas e sociais do que possa acontecer quando libera as águas da barragem, e então passou a adotar uma orientação diferente. Atualmente, eles anchem o reservatório de Três Marias a partir de outubro. Se, por acaso, chover pouco, está garantida a energia para Belo Horizonte, Rio e São Paulo. Se chover muito, como aconteceu no ano passado e, em menores proporções, este ano, eles simplesmente abrem as comportas, descarregando o excesso de água para o Nordeste.

Choveu muito no início de janeiro. Houve até uma pequena enchente, que não prejudicou nada. Ai as chuvas passaram, o sol brilhou no céu, todos respiraram aliviados,



tanto mais que ainda estávamos traumatizados pela catástrofe do ano passado. Ai, de repente, sem chuvas, veio a enchente.

Depois de aniquilar quase tudo que fora plantado à margem do rio por mais de uma semana, Três Marias aumentou ainda mais a vazão, acabando com o que escapara. Um abuso de proporções inimagináveis!

Estamos procurando mobilizar os sindicatos de todas as cidades de Minas atingidas pela descarga de Três Marias. A idéia é mover uma ação de perdas e danos contra a Cemig. Esperamos que os sindicatos da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas também o façam. A Cemig não pode ficar impune, senão o desastre se repetirá em todos os anos, inviabilizando grande parte da lavoura e da pecuária de São Francisco.

As vítimas chegam a pensar que o que a Cemig pretende é, através destas enchentes artificiais, desvalorizar as terras marginais ao São Francisco, para barateá-las, com vistas a indenizá-las a menores custos, para a construção de futuras barragens.

Tentei interessar a TV Globo sobre o assunto da Enchente sem chuva, mas a Cemig abafou tudo e a reportagem acabou não sendo transmitida. É muito difícil uma revista ter coragem de publicar algo desafiante, principalmente contra as multinacionais.

Mas nós acreditamos na honestidade e na força de Agropecuária Tropical.

UMA LATA DE LIXO - (2)

Como porta-voz das hidrelétricas, o Ministro Márin Andreazza isenta a CEMIG, afirmando que a culpa é dos afluentes do São Francisco e que, ao contrário, a CEMIG tem até controlado as instalações.

Sem se apalarem com as declarações do ministro, fazendeiros dos municípios mineiros prejudicados pelas enchentes isentam tanto São Pedro quanto os afluentes do velho Chico e garantem que a culpa é todinha da CEMIG.

Segundo estes fazendeiros, que jamais confundem água de enchente com água de chuva, as inundações são devidas à ganância da CEMIG que, para garantir a produção de kilowatts o ano inteiro, tem operado o gigantesco reservatório de Três Marias em níveis de pré-transbordamento. Desta maneira o reservatório perdeu sua finalidade original de absorver eventuais excesso das precipitações pluviométricas. Em vez de evitar enchentes, agora a CEMIG as provoca. Após qualquer período de chuva mais pesada, a CEMIG é obrigada a escancarar as comportas, sob pena de ameaçar a integridade da grande obra. Só neste ano, devido a esta desastrosa política, a CEMIG foi responsável por três inundações.

Como explicar este comportamento irresponsável e criminoso de uma grande organização como a CEMIG, em outros aspectos tão merecedora de nossa admiração? Muito simples. Uma análise, mesmo superficial, demonstra que as últimas inundações cristalizam uma antiga e profunda discriminação contra o Nordeste. Discriminação esta facilitada de provar.

Apesar da represa de Três Marias ter mais de 60 metros de fundura, só faltava 5,70m para a cota máxima, quando se iniciou o fatídico mês de janeiro de 1979. Mesmo assim, a CEMIG conseguiu conter as inundações por 27 dias. Portanto, se o reservatório estivesse 15 metros abaixo da cota máxima, as inundações teriam sido completamente evitadas.

Demonstrando a absoluta e cruel insensibilidade para com os problemas ocasionados pelas enchentes, a CEMIG, mesmo após ter causado a maior catástrofe de todos os tempos no Vale do São Francisco, iniciou janeiro de 1980 com o reservatório 2,08m mais alto que o ano anterior. Incrível! Só no tempo dos bárbaros poderia acontecer algo semelhante!

Provando cabalmente a indesculpável discriminação contra o Nordeste, eu pergunto: caso Belo Horizonte ou São Paulo estivesse a jusante de Três Marias, a CEMIG, em janeiro, o mês das enchentes, usaria manter o reservatório faltando apenas 4,70m para a cota máxima, como fez em 1980? Claro que não! No entanto

A direção da CEMIG, raciocinando com ótica centrada em um arranha-céu em



O Nordeste sofre uma distorção enorme, diante da nação, sendo que é servido...

Belo Horizonte, fez questão de ignorar não só as destruições causadas nas cidades ribeirinhas, como principalmente as terríveis devastações no setor rural. A Fazenda Nova Era, por exemplo, sofreu prejuízos equivalentes a Cr\$ 30.000.000,00. A Fazenda da Prata perdeu mais de mil hectares de pastos e lavouras, atrasando a implantação de um projeto de confinamento. A Fazenda Tryumpho perdeu 310 ha de milho e 180 de braquiária. Fernando Guatimozin e seus irmãos perderam 600 ha de pastos. Roberto Duarte também perdeu área igual e hoje está obrigado a pagar aluguel de pastos para duas mil reses. O projeto de irrigação da Codevasf, em Mocambinho, sofreu prejuízos que montam em cerca de Cr\$ 50.000.000,00. A Belgo-Mineira perdeu 900 ha de pastos, etc. etc. etc.

O aspecto mais triste de tudo isto é que todos estes projetos se iniciaram precisamente porque, a partir de 1963, as enchentes periódicas foram contidas por Três Marias. A antiga região-problema despertou economicamente e ameaçou revelar todo seu potencial, através de 16 anos sem enchentes. De repente, invertendo todo este processo, a CEMIG destruiu, em poucas horas, todos estes anos de progresso. Mais de quatro mil quilômetros de margens do São Francisco foram sacrificados em holocausto ao fluxo-de-caixa da CEMIG.

No início das enchentes de 1980 o Presidente Figueiredo sentiu que algo grave estava acontecendo e ordenou ao Ministro Mário Andreazza que tomasse as necessárias providências a fim de que não mais se repetissem as tragédias das enchentes. Então, aconteceu o capítulo mais triste deste drama. Envolvida pelas técnicas de persuasão da CEMIG o ministro traiu os ordens do Presidente e, em vez de evitar a repetição das enchentes, fez questão de institucionalizá-las. Relocação de flagelados e de cidades inteiras, construção de canais, diques e bacias de



... apenas com medidas e produtos supérfluos ou desnecessários, como as enchentes

recepção, são apenas medidas destinadas a conviver com as enchentes, e não a acabar com elas.

OS SOFISMAS DA CEMIG

Sentindo a pressão do clamor público, a CEMIG apresentou pela imprensa uma série de desculpas que demonstraram que esta empresa está melhor preparada para manipular a opinião pública que para administrar represas. Comprovando sua culpabilidade, todas as desculpas, em última análise, não passam de verdadeiras confissões de culpa.

Por exemplo, a hidrelétrica alega que foi obrigada a abrir as comportas porque as águas ameaçavam a integridade da barragem. Não é verdade, é sim um sofisma. A CEMIG foi obrigada a abrir as comportas, não porque choveu muito, porém porque o reservatório estava mais cheio do que devia.

Demonstrando ter perdido a serenidade, a grande empresa diz que não pode ser responsabilizada pelo que aconteceu abaixo de Três Marias (!!!) porque estava liberando "apenas" 2.700 metros cúbicos por segundo, enquanto os afluentes de São Francisco chega a atingir a vazão de 5.500 metros cúbicos. Ora, o que estava causando as enchentes: os 5.500 metros cúbicos dos afluentes ou os 2.700 da CEMIG? Claro que foram os da CEMIG pois o reservatório de Três Marias foi construído precipuamente para o controle de inundações. No momento em que os afluentes estivessem cheios, as comportas de Três Marias deveriam estar fechadas. Prova disso é o que aconteceu em Alagoas. O governador Guilherme Palmeira, apavorado com a perspectiva da liberação de 8 mil metros cúbicos por Sobradinho, dirigiu veemente apelo ao Ministro Andreazza, à CHESF e à Codevasf, no sentido de que não ultrapassarem 7 mil metros cúbicos. Segundo experiência do ano anterior, 7 mil metros cúbicos seriam o máximo tolerável. Quantidades maiores causariam grandes destruições. Não obstante Sobradinho arreganhava as comportas e arrasou novamente grandes extensões do estado de Alagoas. Por que? Muito simples. Porque Três Marias estava li-



que levaram recursos e desesperança para os nordestinos e suas lavouras, inundando cidades e fazendas.

berando 3.500 metros cúbicos por segundo. E se fato prova duas coisas:

1) que Três Marias é responsável pelo que aconteceu abaixo da barragem

2) que não adianta construir mais barragens, como quer a CEMIG. O que importa não é ter muitas barragens, porém como usá-las. Se construírem mais 8 barragens no São Francisco e a CEMIG operá-las a níveis de pre-transbordamento, as consequências de uma chuvinha, qualquer serão apocalípticas, pois todas terão que ser escancaradas, em sucessão. Valha-nos Deus!

Sabendo quão fácil é enganar a opinião pública, a CEMIG afirma que, devido ao grande número de reflorestamentos da região, os rios estão assoreados e transbordam com facilidade. Alega também a impossibilidade técnica de prever o tempo com bastante antecedência. Seria o caso de perguntar à CEMIG se há impossibilidade de prever grandes precipitações pluviométricas, e além disto, os rios estão assoreados, não seriam estes motivos a mais para abaixar o nível do reservatório e não para elevá-lo como tem acontecido? Novamente as alegações da CEMIG, em vez de desculpas, são confissões de culpa.

A triste verdade é que a CEMIG tem procedido como uma verdadeira multinacional, distorcendo a finalidade da barragem de Três Marias, enganando a opinião pública, iludindo as próprias autoridades e semeando destruições, fome e até mortes por mais de quatro mil quilômetros de margens do antigo rio da unidade nacional, que atualmente une os brasileiros apenas na miséria e na dor. São notórias as atuais dificuldades financeiras da empresa. Entretanto, estas dificuldades não a insentam do crime monstruoso de destruir nossas casas, nossos pastos, nossas lavouras. O direito da CEMIG em produzir seus kilowatts termina onde começa nosso direito de ganhar nosso pão à margens do sofrido São Francisco, com dignidade e tranquilidade.

EXPOSIÇÕES DE 1980 - CALENDÁRIO

Apresentamos as modificações ocorridas no Rio Grande do Norte, no Piauí, Paraíba e Bahia. O Ceará não contém mais, ainda, suas datas. Este Calendário invalida os anteriores já publicados.

MAIO	
10 a 17	BALSAS, MA
14 a 18	FLORIANO, PI
21 a 25	GUANAMBI, BA
22 a 25	OURICURI, PE
30 a 1/6	ANGICOS, RN
JUNHO	
05 a 08	PETROLINA, PE
08 a 16	GRAJAU, MA
11 a 16	CORRENTINA, BA
13 a 15	P. DOS FERROS, RN
18 a 22	PICOS, PI
19 a 22	MOSSORÓ, RN
29 a 2/7	CURACÁ, BA (Ovinos e Caprinos)
JULHO	
03 a 05	SERRA TALHADA, PE
05 a 07	UMARIZAL, RN
06 a 13	SANTANA, BA
06 a 13	IMPERATRIZ, MA
06 a 13	MARABÁ, BA

13 a 20	CAROLINA, MA
16 a 20	SERTÃO, PE (Caprinos e Ovinos)
20 a 27	CODÓ, MA
20 a 27	BARREIRAS, BA
20 a 27	CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA, PA
24 a 27	CAICÓ, RN
24 a 27	CAJAZEIRAS, PB
27 a 3/8	JACOBINA, BA
31 a 3/8	COCOS, BA
31 a 3/8	S. JOSÉ DO EGITO, PE

AGOSTO	
01 a 03	JUÃO CAMARÁ, RN
03 a 10	ALTAMIRA, PA
03 a 10	SALVADOR, BA (Estadual)
10 a 17	BACABAL, MA
17 a 24	PARAGOMINAS, PA
20 a 24	CAMPO MAIOR, PI
21 a 24	PATOS, PB
21 a 24	ARCOVERDE, PE
21 a 24	SERRINHA, BA
29 a 31	NOVA CRUZ, RN

SETEMBRO	
07 a 14	PINHEIRO, MA
07 a 14	ENTRE RIOS, BA
11 a 14	GUARABIRA, PB
14 a 21	CASTANHAL, PA
17 a 21	PIRIPIRI, PI
17 a 21	UAUÁ, BA (Ovinos e Caprinos)

21 a 28	NATAL, RN (Eduardo Gomes)
21 a 28	FEIRA DE SANTANA, BA
21 a 28	MANAUS, AM (Estadual)
28 a 5/10	SANTARÉM, PA

OCTUBRO	
02 a 05	BOM CONSELHO, PE
11 a 13	CURRAIS NOVOS, RN
12 a 15	RIBEIRA DO POMBAL, BA
12 a 19	CAMPINA GRANDE, PB (Estadual)
15 a 19	BATALHA, AL
15 a 19	PARNAIBA, PI
18 a 20	SANTANA DO IPANEMA, AL
19 a 26	TEIXEIRA DE FREITAS, BA
19 a 26	BELEM, PA
19 a 26	BELEM, PA (Estadual)
21 a 28	SÃO LUIS, MA (Estadual)

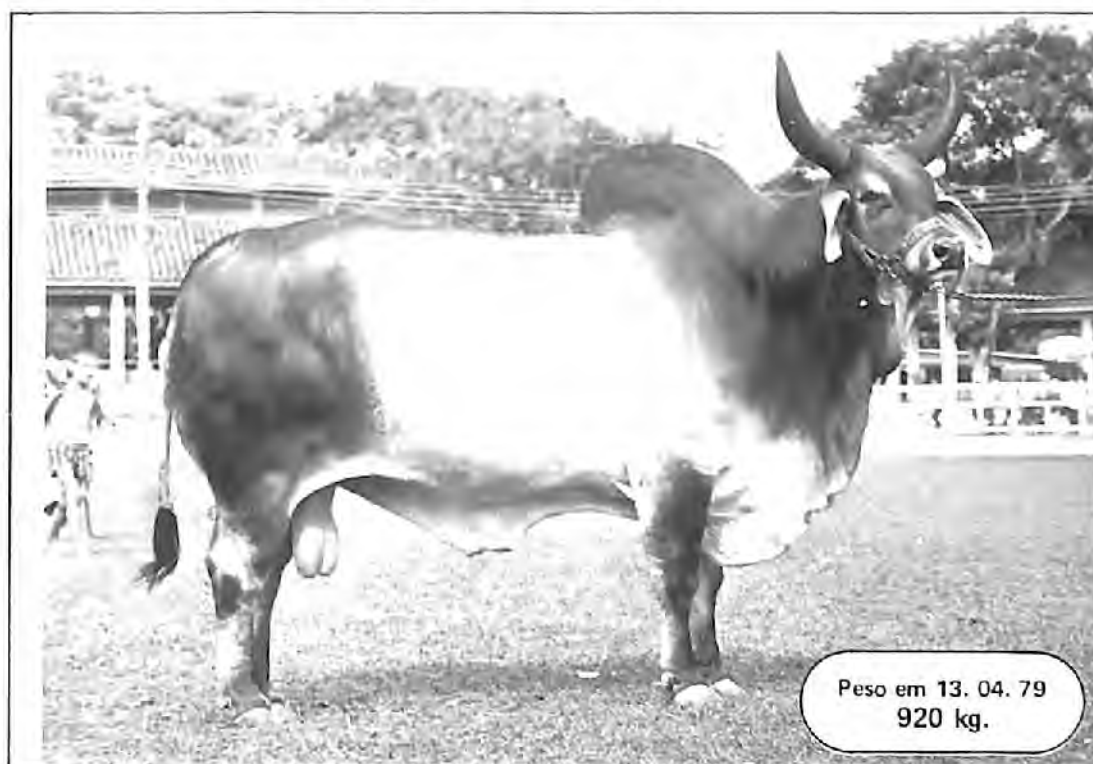
NOVEMBRO	
02 a 09	PALMEIRA DOS INDIOS, AL
07 a 09	AMARGOSA, BA (Lidoal)
13 a 16	MIGUEL CALMON, BA (Caprinos e Ovinos)
16 a 23	RECIFE, PE (Estadual e Nordestina)
18 a 24	TERESINA, PI (Estadual)
25 a 2/12	MACEIÓ, AL (Estadual)

DEZEMBRO	
05 a 07	CASA NOVA, BA (Ovinos e Caprinos)

FAZENDA E HARAS MUÇAMBÊ



PADRÃO DA RAÇA GUZERÁ



GENERAL - H

TRI-CAMPEÃO NACIONAL

- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Uberaba/79 – 51 meses
- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Natal/78 – 44 meses
- GRANDE CAMPEÃO NACIONAL
Uberaba/78 – 39 meses

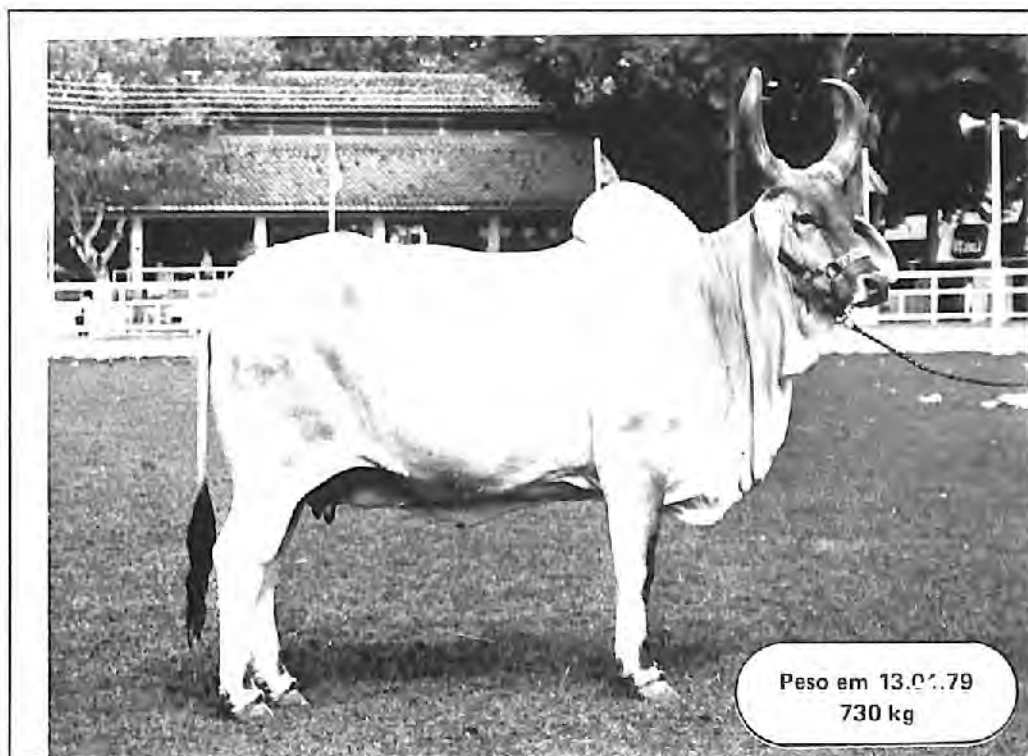
- Grande Campeão – Recife/77
- Grande Campeão – Natal/77
- Grande Campeão – C. Grande/77
- Campeão Júnior – Uberaba/77
- Campeão Júnior – Recife/76
- Grande Campeão – Natal/76
- Campeão Bezerro – Uberaba/76
- Campeão Bezerro – João Pessoa/75

PAINEIRA - S

Extraordinária matriz

- GRANDE CAMPEÃ NACIONAL
Uberaba/79
- GRANDE CAMPEÃ
Natal/79

**CAMPEÃO NACIONAL pela
5a. vez CONSECUTIVA**

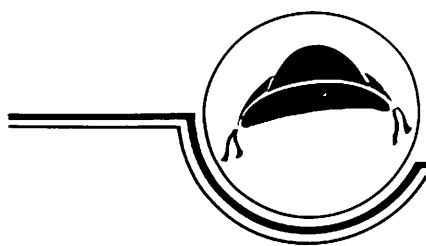


FAZENDA E HARAS MUÇAMBÊ

Proprietário:

Dr. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal, 86
CEP – 58.100 – Telefones: (083) 321-5411/5812
CAMPINA GRANDE – PARAÍBA



O EXEMPLO BOM DOS GAÚCHOS – (1)

De nada adianta, o Secretário de Indústria e Comércio de Pernambuco, Sr. Eduardo Vasconcelos, chamar os gaúchos de antipatriotas, somente porque recusaram a aprovação da redução da base do ICM nas operações interestaduais. Está certo que o prejuízo para o Nordeste seria de 28 bilhões, mas o ilustre Secretário deveria voltar sua santa indignação sobre os políticos da terra que, na mesma ocasião, estavam seguindo o mesmo exemplo dos patriotas gaúchos, mas às avessas!

O PIN/PROTERRA foi imposto ao Nordeste, como uma ferramenta para esvaziar a SUDENE, tirando-lhe 20% da receita. Vem agora, os ministros e prorrogam a discutível medida, e — muito pior — a bancada nordestina faz ouvidos de mercador, salvo o governador baiano e pernambucano. Mas, voltando ao assunto, cumpre lembrar que os políticos da terra, esses nordestinos sentados no Poder, embora totalmente alheios ao problema regional, simplesmente votaram a favor da prorrogação, somente porque era o Governo quem estava propondo. Vacas de presépio! Em pernambuco, apesar das centenas de telegramas chegados de associações de classe, o comportamento pode ser analisado, partindo da bancada do PDS, apenas dois deputados compareceram para aprovar o Decreto 1.701/79 da prorrogação do PROTERRA até 1985, gerando um prejuízo superior a Cr\$120 bilhões que são "poucos" se comparados com os Cr\$ 28 bilhões que seriam perdidos pelo Nordeste, se os gaúchos tivessem ganhado a parada. Mas perderam, e o Nordeste continuará perdendo, por outros meios, pois a bancada política aí está, um tanto desnorteada, pois — dos dois deputados que compareceram, um ainda votou a favor da prorrogação. Convém lembrar que, dias antes, o senador Marcos Freire havia encaminhado telegrama para todos os parlamentares nordestinos, clamando-os a votarem CONTRA a proposição. O que fizeram? Simplesmente nenhum compareceu e o PROTERRA foi aprovado.

Foram certíssimos os gaúchos, votando contra a proposição do Nordeste — por um lado, pois a aprovação representa para o Rio Grande do Sul um "prejuízo" calculado em cerca de Cr\$ 0,8 bilhões. Eles não foram contra a sua terra, pelo contrário, eles lutavam por ela.

DISPARIDADE REGIONAL

O presidente da AGROPENE, Fernando Brasileiro, acusando o desvio de recursos pela prorrogação do PIN/PROTERRA, lembra ainda que o orçamento da SUDENE em 1979 foi de Cr\$ 13 bilhões para toda a região, enquanto que apenas o Metrô carioca recebia Cr\$ 21 bilhões, quase 70% a mais. O Metrô carioca torna-se, assim, mais importante que a fome e miséria dos nordestinos, ou 30% da população brasileira!

"Embora existam promessas veementes do Presidente da República, quando afirmou que não pode haver Brasil rico com Nordeste pobre, as disparidades agravam-se, dia a dia, e o tratamento justo é uma utopia", finalizou o presidente.

NORDESTE NÃO QUER TRATAMENTO DIFERENCIADO

"O Nordeste não precisa de tratamento diferenciado — diz José Inojosa, líder agropecuarista de Pernambuco — pois não precisamos de favoritismo. Nós precisamos receber o mesmo tratamento que as demais regiões do País.

O que ocorre em relação aos Estados sulinos, é que o Nordeste vem sendo roubado, descaradamente. A Legislação Fiscal brasileira, na hora de arrecadar, leva recursos nordestinos para construir suntuosidades no sul. Bastaria deixar no Nordeste o produto de suas arrecadações para que a situação melhorasse, do dia para a noite".

CULPADO É O GOVERNO, E NÃO OS GAÚCHOS – (2)

No momento em que se pretende diferenciar o ICM, tentando dar ao Nordeste mais condições de vida, porque haveria um Estado da Federação pagar pelos demais? Não seria melhor que a Nação pagasse, uma vez que detém 96% da receita pública, enquanto os Estados ficam apenas com 2,8% e os municípios com 1,2%? É a Nação que tem condições para garantir a execução de providências que, ao beneficiar um Estado, não prejudica outros. Na verdade, as dificuldades que penalizam o Nordeste são quase as mesmas do Rio Grande do Sul.

E assim: uma coisa fica clara, os gaúchos sabem lutar por seus objetivos, enquanto os nordestinos nem tanto.

O certo seria uma reformulação da política tributária e consequente re-estudo da distribuição da receita pública nacional, entre os três níveis de Governo, procurando mais equidade e justiça para todos.

BLOQUEIO CONTRA O NORDESTE

Novamente as artimanhas provocam sua força, agindo contra a região nordestina. Agora, o bode expiatório foi a CHESF, única fornecedora de energia elétrica para toda região, alicerce energético de todo o processo desenvolvimentista, tanto industrial como agropecuário.

Prevê-se que, dentro de 10 anos, a energia fornecida pela CHESF, no rio São Francisco, seja insuficiente para garantir a demanda regional e, para tanto, a companhia deverá buscar energia no médio e baixo Tocantins, divisa do Maranhão com Pará. A empresa já tem detalhadamente os planos para essa investida naquela direção, visando não deixar o Nordeste bloqueado em seu desenvolvimento.

Acontece que os empresários de setor energético foram mais ardilosos e conseguiram que a CHESF perdesse o direito de ex-

plorar o rio Tocantins, ou mais precisamente, tiraram o Estado do Maranhão da área suprida pela mesma. Agora, de acordo com a artimanha, o Maranhão passaria a ser atendida pela concessionária da Amazônia e não do Nordeste. Dessa maneira, o bloqueio contra o Nordeste torna-se evidente.

Daqui a 10 anos, a região nordestina, terá que comprar energia elétrica da região Norte, o que é contrassenso, diante do acelerado progresso que se pretende manter na região.

Novamente volta à tona, a omissão da bancada nordestina, permitindo grosseiros e gigantescos atentados, desse tipo, contra a região!

GAÚCHOS DESAFIAM O GOVERNO – (3)

Os empresários gaúchos sabem enfrentar a briga, de mãos dadas com sua bancada política. "Se o Governo se julga mais forte que nós, que tente nos vencer", foi o desafio lançado por 700 mil agricultores do Rio Grande do Sul, em diversas manifestações por todo o Estado, visando acabar com o confisco da soja.

Lá no extremo sul, não se fica apenas em conversas e viagens inúteis, os gaúchos ameaçaram bloquear as estradas, tanto federais e estaduais. Somente em Ijuí, o protesto dos produtores de soja reuniu 2.500 pessoas, 209 automotrizs, 803 tratores e 167 caminhões no centro da cidade, num bloqueio total, com muitas faixas, onde se lia: "PLANTE, COLHA E COMA, SENÃO O GOVERNO TOMA".

O Governo do Estado aprovou as manifestações frisando ser "a conciliação de nossa democracia". Os agricultores farão a colheita, mas se o imposto não cair, não pretendem comercializá-la, nem plantar trigo.

E Delfim Netto reuniu-se, por uma longa tarde, com os irritados empresários gaúchos QUE VENCERAM A BATALHA, pois o não menos valente Delfim Netto cedeu e retirou o imposto total das exportações de soja.

Muito interessante as faixas de protesto, mostrando a valentia do povo que sabe o que quer: "A Automotriz colhe e Delfim recolhe"; "Pragas da lavoura: largata, fede-fede e Delfim Netto"; "Gaúcho monta e não apeia Delfim devia estar na cadeia".

Um exemplo para o Nordeste, para os políticos nordestinos que estão vendo os empresários realizando o serviço que eles, os eleitos pelo povo, deveriam realizar.

QUARENTENARIO FERNANDO DE NORONHA

Crescem as expectativas de que a ilha de Fernando de Noronha venha a ser desocupada pelos militares, para dar lugar a um Quarentenário com possibilidades de atender todo o Brasil.

Sem dúvida, um quarentenário na ilha, seria um dos mais vantajosos em todo o mundo, pela proximidade com Europa, Estados Unidos e África, beneficiando o nordeste.

O motivo maior da expectativa é que a instalação militar na ilha é de pouca significação, diante dos moderníssimos aparatos bélicos da atualidade.

FAZENDA FLORESTA

AUTIMIO FERNANDES — INACIO MARIANO MACIEL FERNANDES (Méd.Veterin.)
ITAMBÉ — Bahia

SELEÇÃO
NELORE



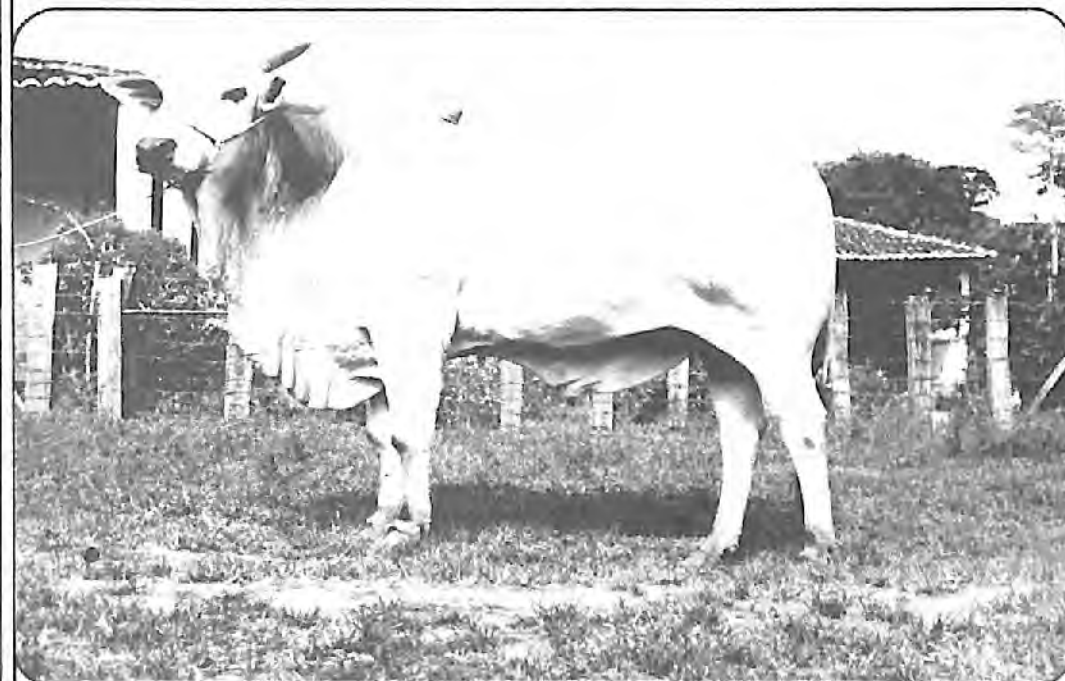
GUARANÃ

Peso: 885 kg
notável
reprodutor da
Floresta

Lastro — Nelore OM (mais de 80 anos de seleção) e linhagem AKASAMU (Imp), com pureza garantida até a atual geração

PINGUIM

Peso: 890 kg excelente reprodutor,
com magnífica produção na fazenda



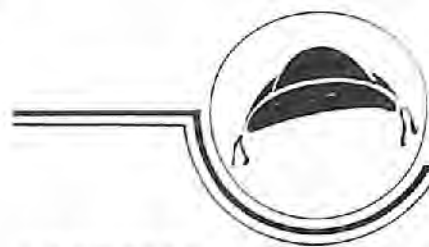
IMPERADOR—167, com 330 kg, filho de Pinguim e Estrofe (AO-5243), nascido em 12.02.79.

IBÉRIO—172, com 260 kg, filho de Pinguim e Rivoli (A-4552), nascido em 03.06.79.



ITAPETINGA, Bahia — CEP 45.700 — Praça Duque de Caxias, 80 — Fone: 261-1008

SALVADOR, BA — CEP 40.000 — Av. Euclides da Cunha, 50, 6º — Fone: (071) 247-1976



NORDESTE PERDE GRANDE SECRETARIO

Uma iniciativa que foi, desde cômica até repugnante, é como tem sido definida a "demissão" do Secretário Humberto de Freitas, do Estado da Paraíba, depois de ter sido envolvido na trama, até mesmo o superintendente da SUDENE. Por ocasião da Exposição Paraibana, em Campina Grande, foi intenso o movimento, por parte de políticos tendenciosos, no sentido de afastar do cargo, o homem que havia sido "exigido" pela classe agropecuarista para permanecer por mais uma gestão, pleito esse aceito, inicialmente, pelo Governador Tarcísio Burity. Um manifesto distribuído à imprensa pela revista AGROPECUARIA TROPICAL, alertando sobre o possível fracasso que se ensaiava para a Exposição, numa tentativa de incriminar o Secretário, foi simplesmente cancelado pela imprensa aliada do Estado.

Depois de verdadeira maratona, o Secretário "demituiu-se", sendo que a pessoa que deveria ser indicada para substituir o seu cargo, tinha o trânsito cortado pelo Gal. Octávio Medeiros, do SNI, que analisava, na ocasião, questões agrárias no Estado. Foi empossado, então, o Dr. José de Oliveira Costa, com o difícil encargo de levar adiante um gigantesca obra encetada pelo ex-Secretário.

Uma lamentável perda para todo Nordeste, num Estado que vinha merecendo a atenção de todo o Brasil, justamente pela atuação dinâmica do Dr. Humberto de Freitas, segundo palavras do próprio ministro Andreazza. A troca de um valoroso profissional solicitado pela classe por um punhado de votos! O que vem mostrar que o Nordeste ainda tem muito de um tipo de comportamento coronelista, onde os votos valem mais que a certeza de uma boa administração!

MAIS CUSTEIO E GORGETAS

Para baixar a inflação, Delfim cancelou todo o crédito para investimento e passou um sermão nos banqueiros, reduzindo-lhes a margem de lucros. De posse dessa boa imagem, anuncia-se, ainda não oficialmente, que o Crédito de Custeio também será liberado pelos bancos particulares. Assim, todo comerciante urbano que pagava 60/70% ao ano em seus empréstimos de capital de giro normal, poderá

agora pagar apenas 15% bastando aguentar as exigências do gerente seu amigo, comprar algumas ações do Banco, letras de câmbio, etc. Sem dúvida, uma excelente notícia para os banqueiros, depois do sermão.

FUNDADA A ABENE

O manifesto de fundação da ABENE—ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS EMPRESARIOS DO NORDESTE, registra bem suas aspirações. "Senhores, vinte e um anos são passados. No decurso desse tempo, nova ordem política foi implantada no país. Hoje, angustiadamente constatamos que a marcha para conter as desigualdades regionais, na realidade, foi detida. Foi barrada a passagem de 20 milhões de brasileiros que, em 1959, com os olhos voltados para o futuro, esperavam realizar a sua aspiração de progresso."

A ABENE veio para ajudar na luta pela revalidação da SUDENE, tendo como meta principal o aporte justo e prometido de recursos. Em 1959, os recursos previam para nosso ano de 1980 uma quantia que, na verdade, não chegará à quinta parte. Além disso, toda a produção nordestina é utilizada para enriquecer o sul do país, mas os homens que implantaram a ABENE sabem o que estão fazendo, não se tratando apenas de um apelo a mais. A Associação vale pelo compromisso de lutar pelo Nordeste, valendo-se da força da coesão, evitando a dispersão das vozes de protesto, até agora levantadas, afirmando o seu propósito de participar e influir nas decisões que venham a ser tomadas de aqui por diante.

BAHIA EM LEILÃO

Depois das enchentes de São Francisco, enchentes nunca explicadas, com sabor de jogatina, para arrasar as culturas dos agropecuaristas ribeirinhos, os moradores declaram-se alarmados diante do grande número de japoneses que, ostentando autorização de Paulo Yokota, do INCRA, anda sondando a possibilidade de cultivos diversos. Os fazendeiros acreditam que o Brasil Sanfranciscano esteja sendo envolvido em algum tipo de negociação, onde as terras acabem passando para as mãos de multinacionais amarelas.

Casa do Criador

I. BARBOSA DE FARIAS
CAMPINA GRANDE — PB

R. Tavares
Cavalcante,
nº 460
Fone (083)
321 3457

**Temos semente
de cunhã**

**Sementes de campim Buffel,
Brachiaria, hortaliças e vege-
tais**

Produtos para Animais e

Aves

Domésticas

**Equipamentos Veterinários
em geral**

**Assistência Técnica Veterinária
no campo e na cidade.**

PRODUTOS AGRÍCOLAS

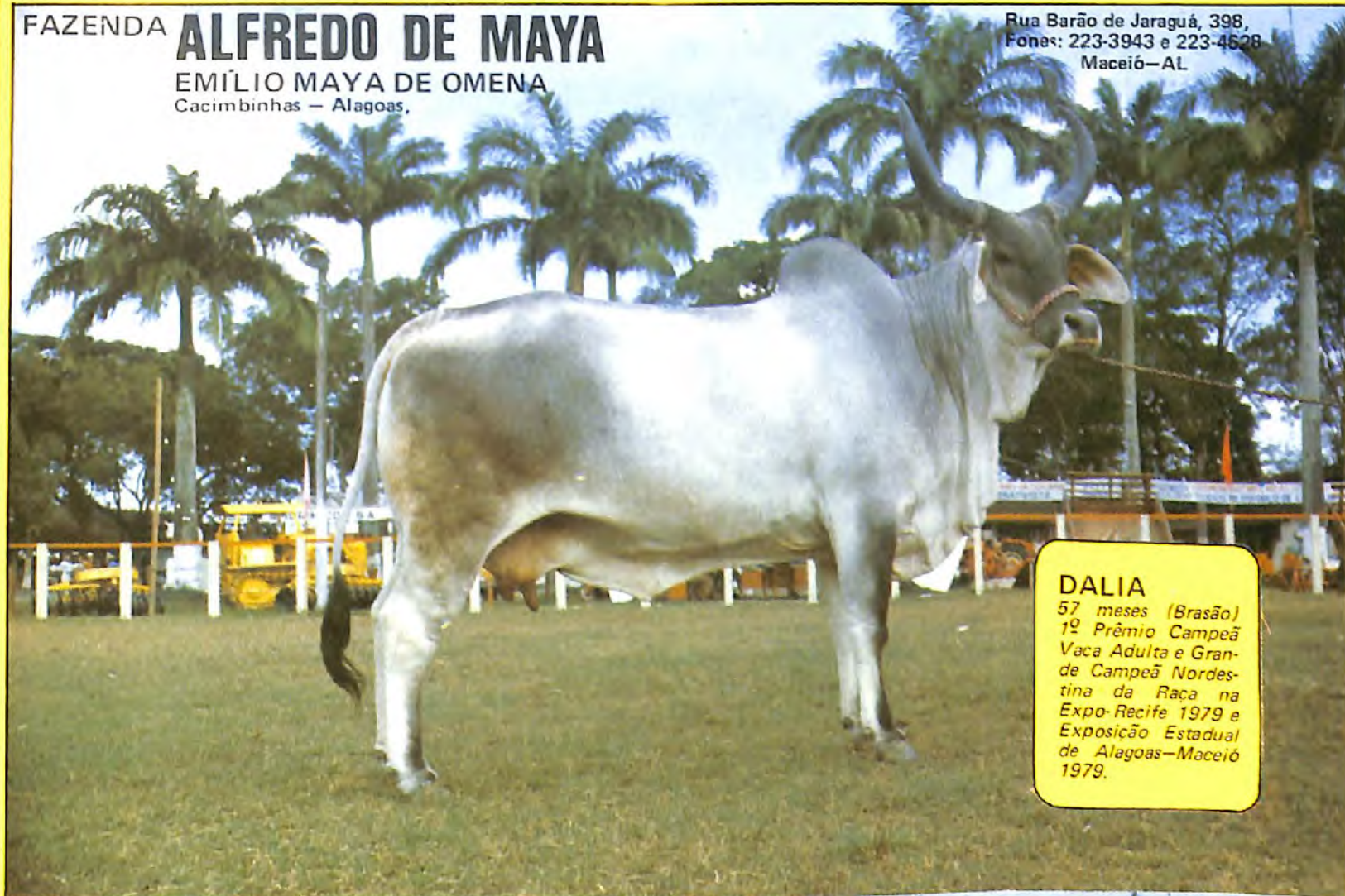
- Adubos
- Sementes de campo e quintal
- Fomícidas
- Inseticidas
- Herbicidas
- Carrapaticidas
- Fungicidas

PRODUTOS VETERINÁRIOS

- Soros
- Vacinas
- Salis Minerais
- Antibióticos
- Mata Bicheiras
- Vermífugos
- Equipamentos veterinários

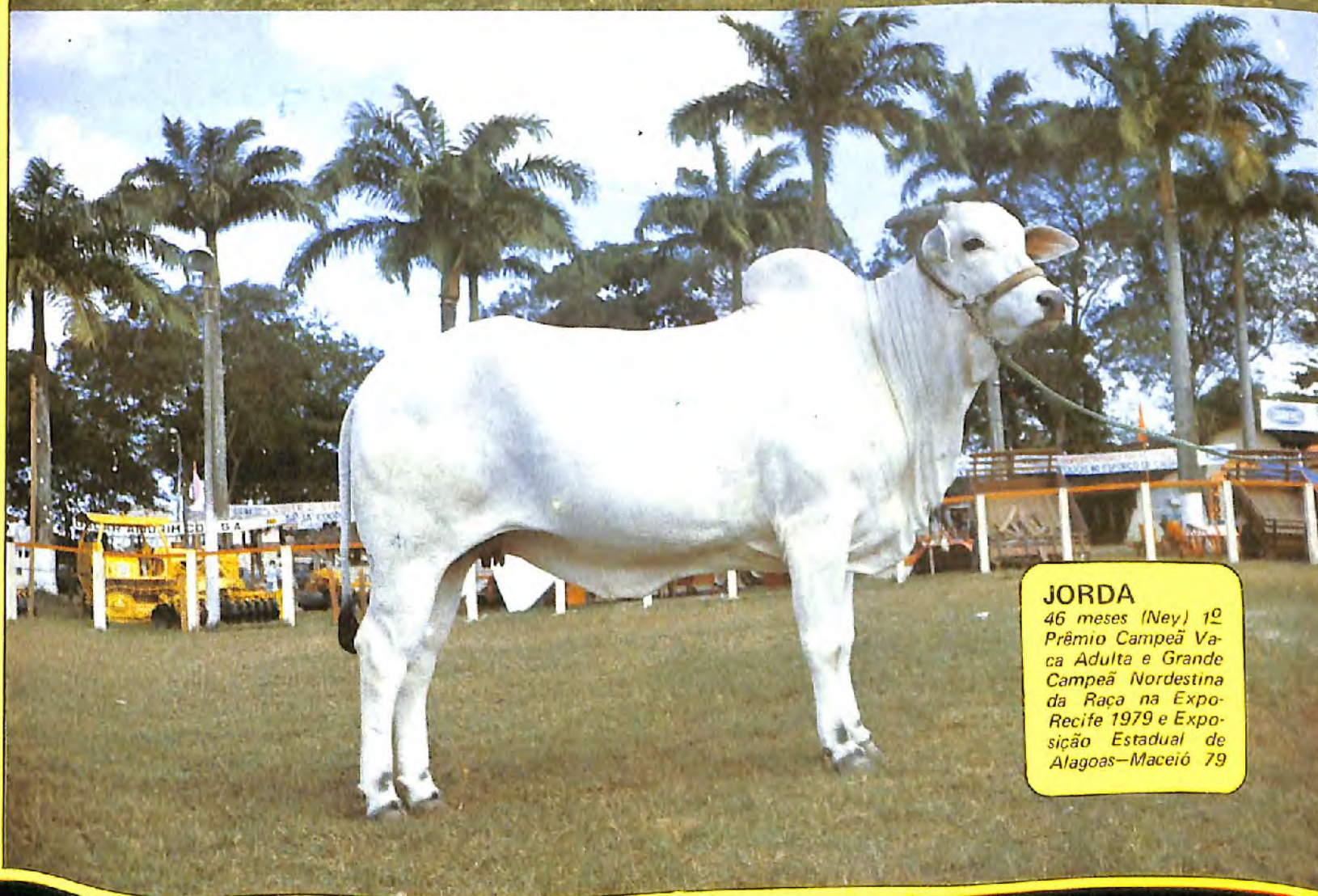
FAZENDA **ALFREDO DE MAYA**
EMIÍLIO MAYA DE OMENA
Cacimbinhas — Alagoas,

Rua Barão de Jaraguá, 398,
Fones: 223-3943 e 223-4528
Maceió—AL



DALIA

57 meses (Brasão)
1º Prêmio Campeã
Vaca Adulta e Gran-
de Campeã Nordest-
ina da Raça na
Expo-Recife 1979 e
Exposição Estadual
de Alagoas—Maceió
1979.



JORDA

46 meses (Ney) 1º
Prêmio Campeã Va-
ca Adulta e Grande
Campeã Nordestina
da Raça na Expo-
Recife 1979 e Expo-
sição Estadual de
Alagoas—Maceió 79

Fazenda

SERRA CALADA



KLEBER DE CARVALHO BEZERRA

Presidente Juscelino — Rio Grande do Norte

Escritório: Pça. Capitão José da Penha, 141 — CEP 59.000 — Fone: (084) 222-1614/1624

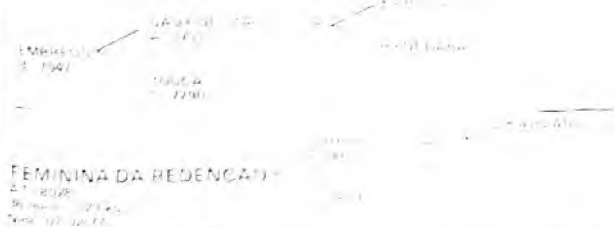
**ALTA
SELEÇÃO
NELORE**

EMPREGO

Idade: 53 meses

Peso: 1.010 kg

- Grande Campeão, Natal/79
- Grande Campeão, Mossoró/78
- Campeão Touro Jovem, Mossoró/78
- Reserv. Campeão Sênior, Campina Grande/78
- 12.º Prêmio Touro Jovem, Caicó/78
- 19.º Prêmio Touro Jovem, Nova Cruz/78



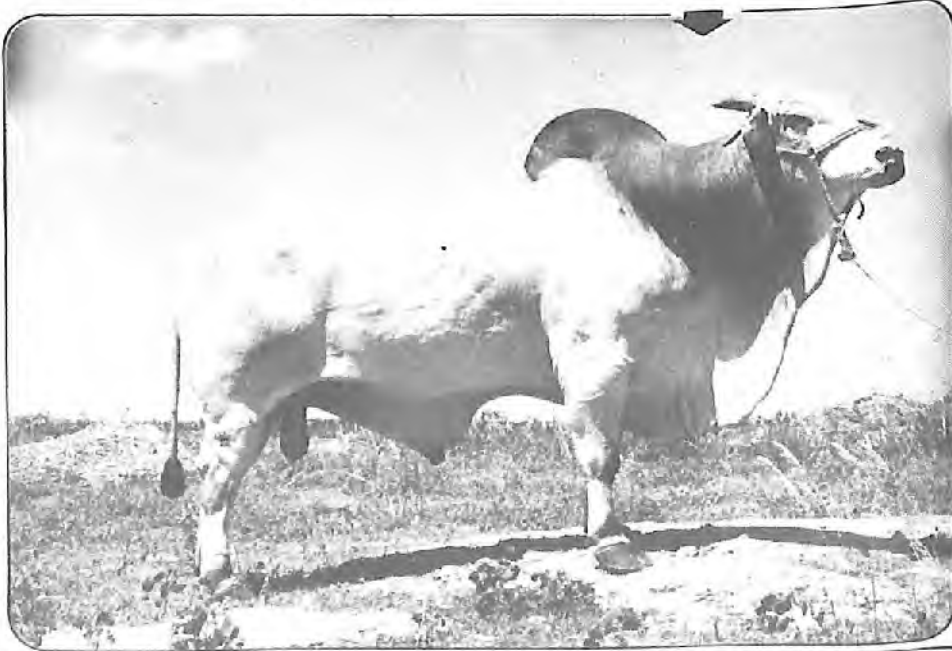
JORDAN, K
N. 1949
12/04/72

... (other text in the pedigree chart)

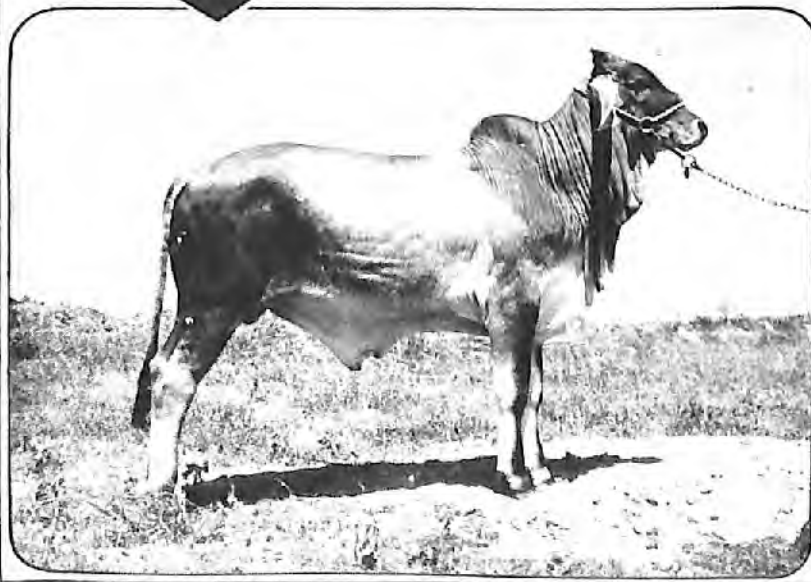
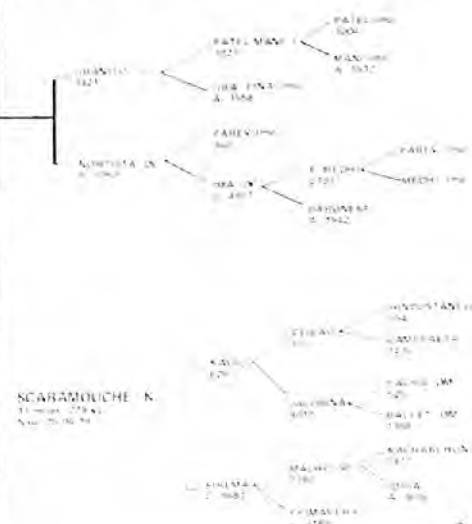
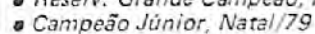
... (other text in the pedigree chart)

**GRANDE
CAMPEÃO
DO RIO
GRANDE DO
NORTE**

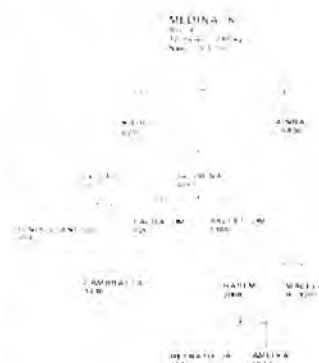
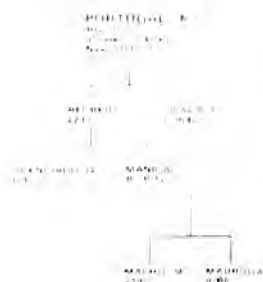
... (other text in the pedigree chart)



Escritório: Pça. Capitão José da Penha, 141 — CEP 59.000 — Fone: (084) 222-1614/1624



venda



NELORE da



marca "COBRA"

BREJO SANTO – CEARÁ
FAZENDA RIBEIRÃO – CLEIDSON DE ARAÚJO RANGEL

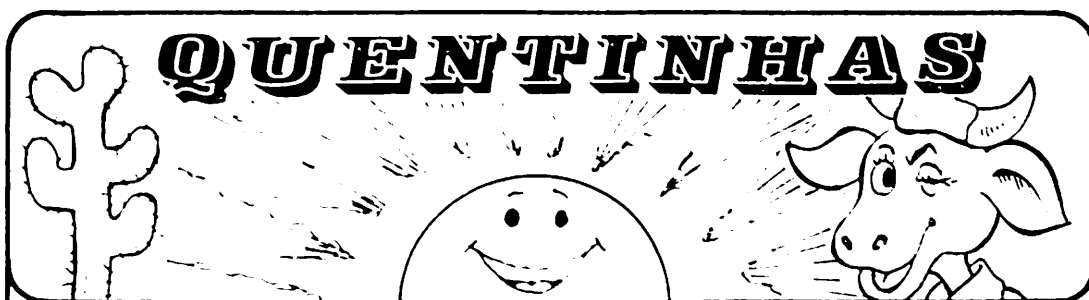
INSEIN

- Grande Campeão Cearense/76
- Grande Campeão Centro-Nordestino, Crato/77
- Campeão Touro Jovem, Res. Grande Campeão Nordeste no Recife/75.

- 500 matrizes Nelore-PO
- 17 anos de seleção
- 7 vezes conquistou "O BOI DE OURO", maior troféu cearense, sendo 2 vezes a conquista em definitivo.
- 4 reprodutores Nelore-PO Campeões do Nordeste, em Fortaleza, Recife e Itapetinga.
- Maior plantel Nelore.
- O mais premiado nas Exposições Cearenses.



BREJO SANTO, CE: R. Manoel Inácio Bezerra, 89 - Fones: 149 e 150



Estão moendo cana em "banguela", no Estado de Pernambuco. E ninguém pode dizer que está muito errado,, depois da política massacrante que o Governo Federal vem impondo ao setor açucareiro. A "banguela" consiste em moer em usinas onde não há retenção ou então, moer em nome de terceiros. Ou seja, moagem ilegal, mas que permite aos pobres plantadores de cana sobreviver, por mais alguns meses...

A SUDENE, hoje, por incrível que pareça, está com uma doação correspondente a apenas 21% de sua doação original. Para onde tem ido o dinheiro? Todo mundo sabe, mas os dirigentes fazem ouvido de mercador.

Em 1978, o Brasil teve um déficit de US\$ 1.024 milhões em sua balança de importações, enquanto o Nordeste teve superavit de US\$ 820 milhões. Esse dinheiro nordestino, logo a seguir, normalmente, é remetido aos Estados mais ricos do país.

Existe gente que acha que o sul do país tem as mesmas vantagens que o Nordeste e não entende porque os agropecuaristas regionais vivem solicitando um tratamento mais justo. Eis o quadrinho que mostra bem quanto o Governo permitiu em Crédito de Custeio e de Investimento, sobre o valor bruto da produção agrícola. Pelo Quadro vê-se que o Nordeste não tem vez, mesmo:

	Crédito de custeio	Crédito de investimento
Nordeste	1/6	1/11
Sul e Sudeste	1/3	1/7
Centro Oeste	1/2	1/5

No ponto de ônibus, em Campina Grande, Paraíba, o ceguinho esmoleiro gritava, querendo ganhar a simpatia dos viajores e uma consequente esmolinha: "Quem vai bem, só vai com o João, só tá bem quem vai com o João". Ele estava se referindo ao ônibus que ia partir para João Pessoa, mas, como sendo cego, a expressão do homem era de marotice e ironia.

O prefeito de Recife descobriu o mutirão. Agora ele dá o material e o povo faz o trabalho de calçamento, asfaltamento, encanamento, etc. Seria bom se o Governo Federal desse o Crédito para a agropecuária nordestina e o povo entrasse com o trabalho em busca da comida tão difícil.

Perguntaram ao caboclo "Quem você conhece no Governo?" O caboclo disse que achava tudo muito estranho pois "lá só dava estrangeiro, um tal de Ackel, Said Farhat, Andreazza, Geisel, Shigeaki, Yokota, Golbery, e o presidente grandão só andava se exibindo

de tanga." O matuto é de Salgueiro, em Pernambuco, onde já se anda com algum traje sumário, mesmo sendo desaprovado pelo nosso caboclo entrevistado.

O Nordeste, se fosse comprar um televisor de 24 polegadas, a cores, no Exterior iria pagar US\$ 350, mas é obrigado a comprar de São Paulo e pagar US\$ 800. Um Ford Galaxie, no exterior custa US\$ 3.500, mas vindo de São Paulo custa US\$ 12.000.

Todo sulino vive badalando a vultosa quantia que o Governo Federal envia para o Nordeste, mostrando que não entende nada de nada. Em 1977, o Nordeste enviou para o sul Cr\$ 11,8 bilhões e recebeu, em forma dessa badalada ajuda Cr\$ 3,8 bilhões. Ou seja, o Nordeste subsidiou o sul, principalmente São Paulo (que ficou com 70% dessa ajuda) em Cr\$ 8 bilhões.

Para cada cruzeiro que o Sergipe recolhe de impostos, paga Cr\$ 1,02 para o sul. O Ceará paga Cr\$ 0,63. O Rio Grande do Norte paga Cr\$ 0,42 enquanto o Piauí paga também Cr\$ 0,42. Já o Estado de São Paulo fica gozando a vida, recebendo de outros Estados Cr\$ 10 bilhões.

A SUDENE recebeu em 1977 a quantia de Cr\$ 5,1 bilhão e o Nordeste enviou para os Estados sulinos a quantia de Cr\$ 3,8 bilhões. Depois, há gente que diz que Delfim Netto é o homem dos números! A região Nordeste, com 30% da população não recebe sequer 10% das dotações federais, em nosso regime democrático.

A Ponte Rio-Niterói recebeu, em 1975, a quantia de Cr\$ 2.670 milhões, enquanto o Nordeste, no mesmo ano recebeu apenas Cr\$ 289 milhões, ou seja 9 vezes menos que uma única obra faraônica sulina.

A CODEVASF está irrigando 346.000 hectares em Minas Gerais, 48.135 em Pernambuco, 9.000 em Alagoas e Sergipe, e 136.000 na Bahia. Em suma, só em Minas, a empresa irrigará quase duas vezes o total do que fará em todo o Nordeste, embora lá chova uma média de 1.300 mm/ano.

Existe líder que não sabe o que fala! Luiz Cabral, da Bahia, diz que o Governo está certo, planejando um Controle de Natalidade, como medida para "encher as panelas". O ilustre baiano esqueceu-se que seria muito melhor trazer o povo de volta para as lavouas e pecuária, o que viria a garantir "panela cheia", talvez diminuindo o consumo de Televisores, Automóveis, Rádios, etc. E vender bugigangas industrializadas do sul é mais importante, para o Modelo Econômico, que resolver o problema do Nordeste.

Cacau

AGRESSÃO CONTRA O CACAU

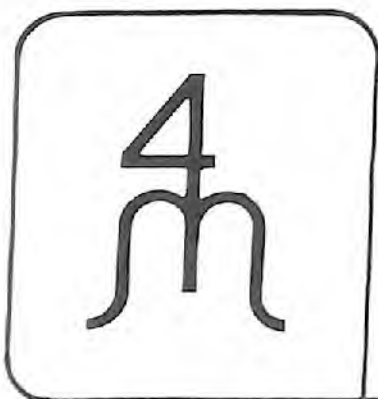
Pelo conselho Consultivo dos Produtores de Cacau, o Dr. Marcelo Gedeon, proferiu uma série de acusações sobre iniciativas que pretendem usurpar à Bahia o direito de comandar o destino do cacau. Existe a união de várias forças articuladas visando prejudicar a cacauicultura brasileira, citando como exemplo a Associação Brasileira de Indústrias de Chocolate que chegou a sugerir ao Governo Federal para transformar a Ceplac em uma unidade de pesquisa agregada ao Ministério da Agricultura e também o fechamento do Conselho Consultivo dos Produtores de Cacau.

"O industrial Orlando Moscoso foi taxativo ao afirmar que, dentro de três anos, seria vetada a exportação de cacau em amêndoas". Além disso, seriam retirados do orçamento da Ceplac a quantia de um bilhão de cruzeiros para aplicação em Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional—ORTN, e a possível transferência para a União, de 40 milhões de dólares do estoque regulador e que constituem um fundo especial no Acordo Internacional do Cacau. Cerca de dez por cento do orçamento da Ceplac estão sendo aplicados no Programa para a Expansão da Cacauicultura—PROCACAU, que está sendo efetivado em Rondônia, Pará, Amazônia, Mato Grosso e Maranhão.

A indústria tem os seus incentivos e pretende, ainda mais, prejudicar os produtores de cacau, exigindo que 70% da produção seja beneficiada no Brasil. A indústria cacaueira possui crédito subsidiado a 21 por cento de juros, enquanto a lavoura vem sofrendo com 36 por cento e, sem dúvida, a política econômica mostra-se contrária à expansão da cacauicultura principalmente da Bahia.

DERRUBANDO PÉS DE CACAU

A multinacional Rio Finex está ocupando terrenos no norte da região cacaueira baiana, para explorar cromita, o que implicará na destruição de milhares de hectares de cacau. "A Legislação Brasileira é uma decepção — diz Antônio Calumby, presidente do Sindicato de Ipaú — e isso só ocorre na atual conjuntura política em que vivemos." O agricultor Juvêncio Alencar Gudin, acha que todos deviam defender "na marra e de qualquer maneira, as terras e, mesmo, se necessário, voltar aos idos de 1930". As multinacionais desrespeitam as Leis Brasileiras e contratam gerais para participar de sua administração, visando facilitar sua ação no país."



JOTAMACHADO

FAZENDA DIAMANTE — FEIRA DE SANTANA — BAHIA
Km 12,5 da BA-052 (Estrada do Feijão).

15 ANOS DE
SELEÇÃO DA
RAÇA

MANGALARGA **M**ARCHADOR

Cafundó
PREDILETO

RG. 01057

Nasc: 21/12/75.

HERDADE JUPIÁ
RG. 069

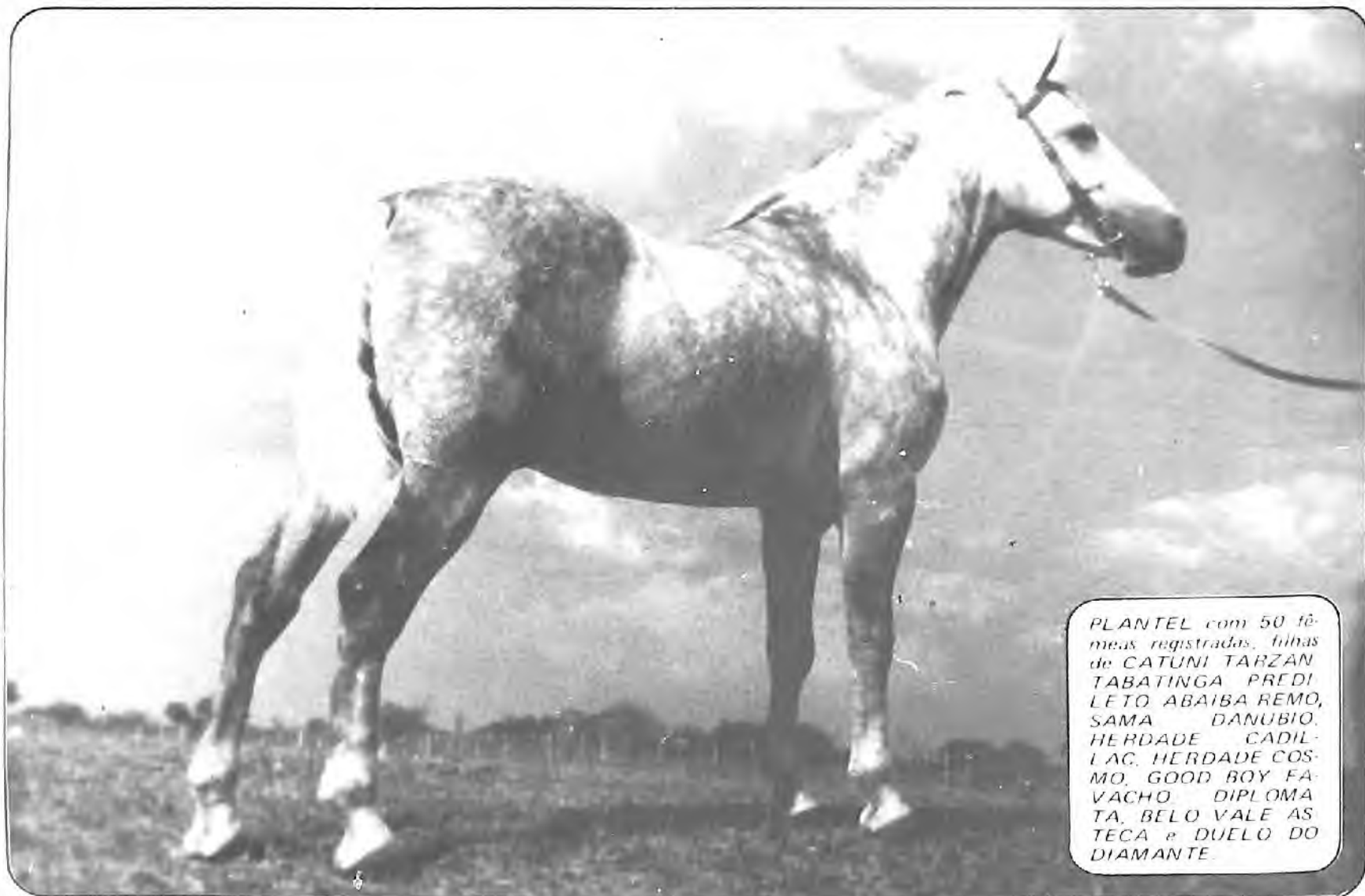
ABAIBA SEREIA
RG. 0385

HERDADE OURO PRETO
RG. 142.
HERDADE ALTEZA
RG. 365

PROVIDÊNCIA ITU
RG. 322
ABAIBA JUREMA
RG. 1331

- Campeão Nacional/1974
- Campeão dos Campeões Nacional/1976
- Campeão Nacional de Marcha/1976

- Irmã inteira do Campeão Nacional de 1977 ABAIBA REMO.



PLANTEL com 50 fêmeas registradas, filhas de CATUNI TARZAN TABATINGA PREDILETO ABAIBA REMO, SAMA DANUBIO, HERDADE CADILLAC, HERDADE COSMO, GOOD BOY FAVACHO, DIPLOMATA, BELO VALE AS TECA e DUELO DO DIAMANTE.

CAMPEÃO CAVALO e R. CAMPEÃO DA RAÇA em Feira de Santana/1979, revelando-se excelente RAÇADOR, através dos seus primeiros filhos.

- SALVADOR — Av. Manoel Dias da Silva, 2269 — Tels: (071) 248-0997/0775
- FEIRA DE SANTANA — Av. Senhor dos Passos, 935 - Sala 117 — Tels: (075) 221-0568/0150



Pecuária

SEMENTES DO PIAUÍ

O Governo do Piauí resolveu fornecer sementes de alta qualidade para seus agropecuaristas e já está instalando os equipamentos necessários na Fazenda Mudubim, no município de Oeiras. A implantação vem sendo acompanhada por técnicos da SUDENE, do Estado e de missões estrangeiras, numa área de 256 hectares. Inicialmente serão cultivados 40 hectares para milho e feijão e mais 60 hectares para arroz e algodão.

Segundo o Secretário Odair Soares, o projeto é pioneiro no Nordeste (para várias culturas) e conta com o apoio total do Governador Lucídio Portela, para que se concretize ainda em 1980.



O Secretário Odair Soares, da Agricultura do Piauí, acredita no sucesso das Sementes do Piauí.

VACINA OLEOSA PODE SER UM BLEFE

As possibilidades de um controle mais efetivo e uma provável erradicação da Aftosa, no Brasil, serão perfeitamente viáveis, segundo o processo pregado por Nelson Antunes, presidente da Sindan.

"De nada adianta imunizar bovinos, enquanto a suinocultura e ovinocultura não contam com qualquer imunizante contra a enfermidade".

Antes de se lançar a vacina oleosa para a aftosa, que representa apenas uma questão de status, pois segundo Antunes — ela é totalmente desconhecida em países europeus ou mesmo em qualquer outra região do mundo, o melhor seria combater a febre em suínos. De nada adianta comentar que o Governo mantém apenas o Laboratório de Referência Animal, em Porto Alegre, trabalhando no controle de produção de vacinas, enquanto o Larc de Campinas permanece

inativo, ou comentar a última apreensão de um milhão de doses em Sorocaba produzidas pelo Laboratório Fama, pois o mais importante é "conhecer" a doença. O vírus sofre mutações e isso obriga a busca de novos agentes, existindo mais de 60 subtipos, sendo que as vacinas visam anular apenas alguns deles. O índice de desaprovação de vacinas foi de 40%, há pouco tempo, mas agora atingem 90% de aprovação, mostrando que o resto é conversa inútil, ou seja, a vacina atual é boa. A vacina oleosa não traz qualquer novidade para o setor, constituindo apenas um "produto comercial a mais".

LEITE FORMA DELINQUENTES

Os americanos sabem como controlar o mundo, sem dúvida. Acabaram de realizar uma pesquisa, onde ficou provado que a ingerência superior a 500 ml ao dia, de leite, é o maior responsável pela formação de delinquentes. A situação do leite, no Brasil, já é precária, e agora chega uma pesquisa desse tipo. O que a Pesquisa não diz é que somente os países onde não há leite à vontade, existem crises e guerras: Biafra, Camboja, San Salvador, Vietnã, Nicarágua, Irã, Bolívia, etc.

BIOGÁS COM APOIO OFICIAL

O Ministério da Agricultura e das Minas e Energia firmaram um convênio que prevê a instalação de 6.200 biodigestores em todo o país, para a produção de biogás, com vistas ao seu aproveitamento a nível de fazenda. O convênio prevê, ainda, o desenvolvimento de outras fontes alternativas de energia, tais como pequenas quedas d'água, energia solar e energia eólica.

O Convênio prevê a implantação de 6.200 biodigestores até 1981, com recursos de 277 milhões de cruzeiros. A implantação será executada pela EMBRAPA e pela EMBRATER, com tecnologia desenvolvida em países como a China e a Índia, onde o biogás é amplamente usado, e também os estudos e experiências efetuadas no Brasil. Uma boa notícia, pois apenas 5% das propriedades rurais brasileiras possuem energia elétrica, e cada 1.2 quilômetro de linha alta-tensão atende, em média, somente um proprietário agrícola (em regiões de maior densidade populacional, esta média sobe para cerca de 2 proprietários).

Tomando-se o Estado de São Paulo como referência, sabe-se que o consumo médio em propriedades eletrificadas é de 8 mil kw/horas/ano, energia essa que poderia ser suprida com um biodigestor, cujo custo de implantação está estimado em cerca de 35 mil cruzeiros.

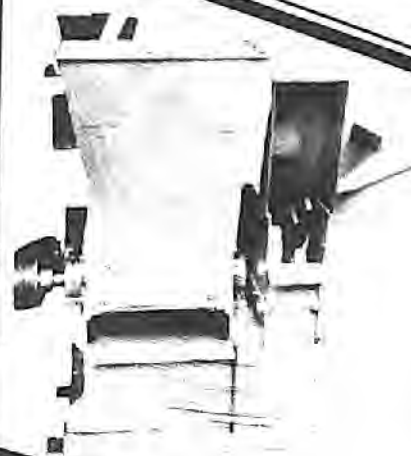
FORRAGEIRAS



O INÍCIO DA ECONOMIA

- **MÁQUINAS FORRAGEIRAS** — para cortar Palma, Tronco de Palma, triturar macambira e agave, fazer farelão de mandioca, cortar capim, cana-de-açúcar, maniva, cambão de milho com espiga e tudo, bananeira e, ainda, fazer xerém de fubá.
- Máquinas desmontáveis, de fácil operação, com velocidade variável, podendo atingir uma produção de até 8.000 kg/hora. Máquinas ensiladeiras com capacidade de até 8.000 kg/hora.

Máquina forrageira conjugada, p/diversas utilidades



Solicite informações
GRATUITAMENTE
ou **TABELA DE PREÇOS**

- Garantia da empresa
- Assistência Técnica

FÁBRICA LABOREMUS
de João Guimarães de Souza
R. João Sussuna, 398 — Fone: (083)
321-2671
CEP 58.100 — Campina Grande — PB



AGROPENE, A UNIÃO DOS AGROPECUARISTAS NORDESTINOS

Visando ganhar mais consistência e acelerar o desenvolvimento da Agropecuária, nordestina, em todos os Estados, os pioneiros em projetos na SUDENE, após a busca de soluções por todas as vias possíveis — outras entidades regionais e políticos da terra — resolveram fundar uma entidade vibrante. O fundador idealista foi Dr. José Inojosa, de Pernambuco, renomado empresário que atingiu seu intento, consolidando a base de operações e gerando os primeiros pleitos da entidade. O atual presidente Dr. Fernando Antonio Brasileiro Miranda mantém o impulso inicial, incrementando o relacionamento em todas as frentes, quer junto aos Ministérios, quer junto às lideranças empresariais e Executivos estaduais, com amplo sucesso.

Fundar uma entidade é fácil, mas o pioneirismo no Nordeste, no sentido de se contar com representantes de todos os Estados, dificultava a tarefa — mas, hoje, a AGROPENE é a única entidade atuante em todos os Estados, agindo com equidade, a favor da classe.

Foram escolhidos empresários significativos de cada Estado, nomes de grande respeito a nível nacional, todos com amplos poderes de responderem pela AGROPENE, cada qual em seu Estado. Elegeram-se assim, uma Diretoria Executiva, um Conselho Deliberativo e um Conselho Consultivo, além do Conselho Fiscal.

A Diretoria, para todo o Nordeste, está assim constituída:

DIRETORIA EXECUTIVA — Fernando Antonio Brasileiro Miranda (Presidente), José Costa Cavalcanti Júnior (Vice-Presidente), Rodolfo Mário Maranhão Moreira (Tesorero), Lindalvo Carvalho Galvão (Secretário), Camillo Collier Filho (Diretor Adjunto).

CONSELHO DELIBERATIVO — Tarciso de Meira Lins (Presidente), Luiz Sérgio Paranhos Ferreira (Vice-Presidente), Fernando José Castro de Azevedo Melo (Secretário), Romero Costa de Albuquerque Maranhão, Osvaldo de Souza Coelho, Mário Clemente da Silva, Joaquim Guilherme M. Pontes, Antonio Mauri Figueiredo, José Geraldo de Miranda Correia, Renato Ramos de Farias, José Inojosa de Andrade, Paulo Tenório Maranhão (Suplente), José Gualberto de Freitas Almeida (Suplente), João Carlos Pedrosa da Fonseca (Suplente), Luiz Marcondes Duarte (Suplente).

CONSELHO CONSULTIVO — Maranhão (José de Ribamar Bastos da Silva, Antônio Marão), Piauí (Sebastião Leal, José de Arimatéia Magalhães), Ceará (Valfredo Machado de Abreu, João de Deus), Rio Grande do Norte (Wandick Lopes, José de França Gomes), Paraíba (Henrique Vieira de Albuquerque Melo, Quintino Regis), Pernambuco (Francisco Mauricio Rabelo de Albuquerque e Silva, Luis Gonzaga de Vasconcelos), Alagoas (Antonio Carlos Maranhão, Emílio Eli, seu de Maia Omena), Sergipe (José Crispim Paulo, Fonte Gonçalves), Bahia (Almir Eduardo de Moraes Pato, Silvio Roberto Moraes Coelho), Minas Gerais (Ney Moreira Bruzzi, Roberto Resende).

CONSELHO FISCAL — Alexandre Julio de Albuquerque Maranhão, José Inácio da Silva, Antonio do Rego Vilar, Antonio Joel F. de Jesus, Carlos Eduardo Arcoverde Cavalcanti Zonari, José Geraldo de Moraes Guerra.

Essa Diretoria atenderá até setembro de 1981, e o endereço da sede é Rua Samuel Farias, 61 — Recife, PE, Fone (081) 268-1434.

POLITICA SUJA DO REFLORESTAMENTO AGRIDE O NORDESTE

De acordo com o decreto do Ministério do Planejamento, o Fiset deverá investir 30% de seus recursos no Nordeste, em 1980, aumentando em 1981 e 1982 para 40% e 50%, respectivamente. De uma área total de 3 milhões de hectares, o programa deve contemplar 150 mil hectares no Nordeste. Os recursos destinados para a região, em 1980, segundo a dotação proposta por Delfim Netto, seria de Cr\$ 4 bilhões.

Mas, como já tem ocorrido com outros programas, adentram no esquema, certas sutilezas que passam ocultas para os políticos e que, no final, acabam desaprovando as dotações. A AGROPENE, analisando o projeto, notou que as experiências impostas para obtenção do crédito, são incabíveis para a região e chegam a ser um acinte. São elas:

a) o proprietário solicitante deve contar com um capital de 5 milhões de cruzeiros, o que é um absurdo, na região, onde as áreas são pequenas e, em geral, sem infraestrutura.

b) o solicitante deve contar com um "quase arsenal" de máquinas pesadas.

c) deve contar com comprovada experiência anterior em reflorestamento, outro absurdo incabível no caso do Nordeste.

Um memorial foi entregue para o ministro Andreaza e este garantiu à direção da AGROPENE que as condições impostas serão revistas, pois o que interessa ao Governo é implantar o programa de Florestamento e/ou Reflorestamento no Nordeste, envolvendo árvores frutíferas, leguminosas e outros tipos de árvores.

CRÉDITO PARA INVESTIMENTO NO NORDESTE

Já se encontra em mãos do ministro Delfim Netto e do ministro do Interior, a solicitação de estudos para a concessão de Crédito Especial para Investimentos no setor rural, encaminhado pela AGROPENE.

No mês de maio, o estudo será complementado com uma exposição de vantagens liberação de recursos para o Nordeste.

A Agropecuária nordestina encontra-se, em sua quase total maioria, em fase de implantação de infra-estrutura e não se torna sensato "desejar um Nordeste próprio" — como frisa o presidente Figueiredo — mantendo as altas taxas de juros para investimentos na região.

A AGROPENE vem buscando as lideranças políticas para conseguir o máximo de apoio, por ocasião da aprovação do pleito.

FAZENDA

PEDRA D'AGUA

JAIRO ALVES MONTEIRO



Rebanho de CEM matrizes PO, com lastro nas marcas OM, CP e Charqueada.



TANGARÁ-303
1720

ALADIM
6427

PALMIRA
5675

Criação a regime de campo, monta natural e inseminação artificial

POSTO DE VENDA
em João Pessoa

JOÃO PESSOA, PB — R. Barão do Triunfo, 400, CEP 58.000 — Fones: (083) 221-4870/4921.

FAZENDA

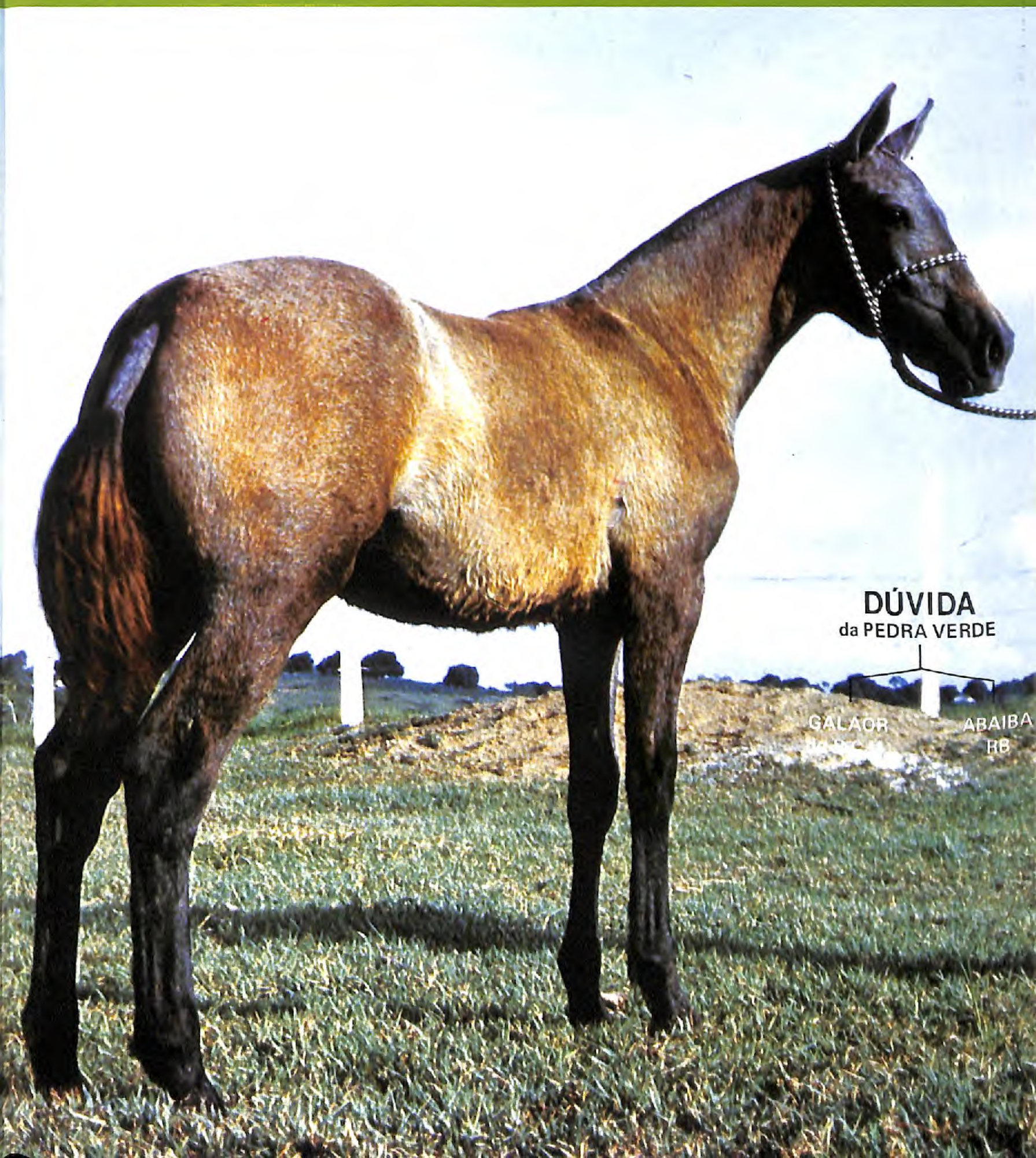
Pedra Verde

Seleção de
MANGALARGA
MARCHADOR

Proprietário: SÉRGIO GUERRA

Limoeiro – PE

Recife – Fone: (081) 341-0913



DÚVIDA
da PEDRA VERDE

GALAOR

ABAIBA

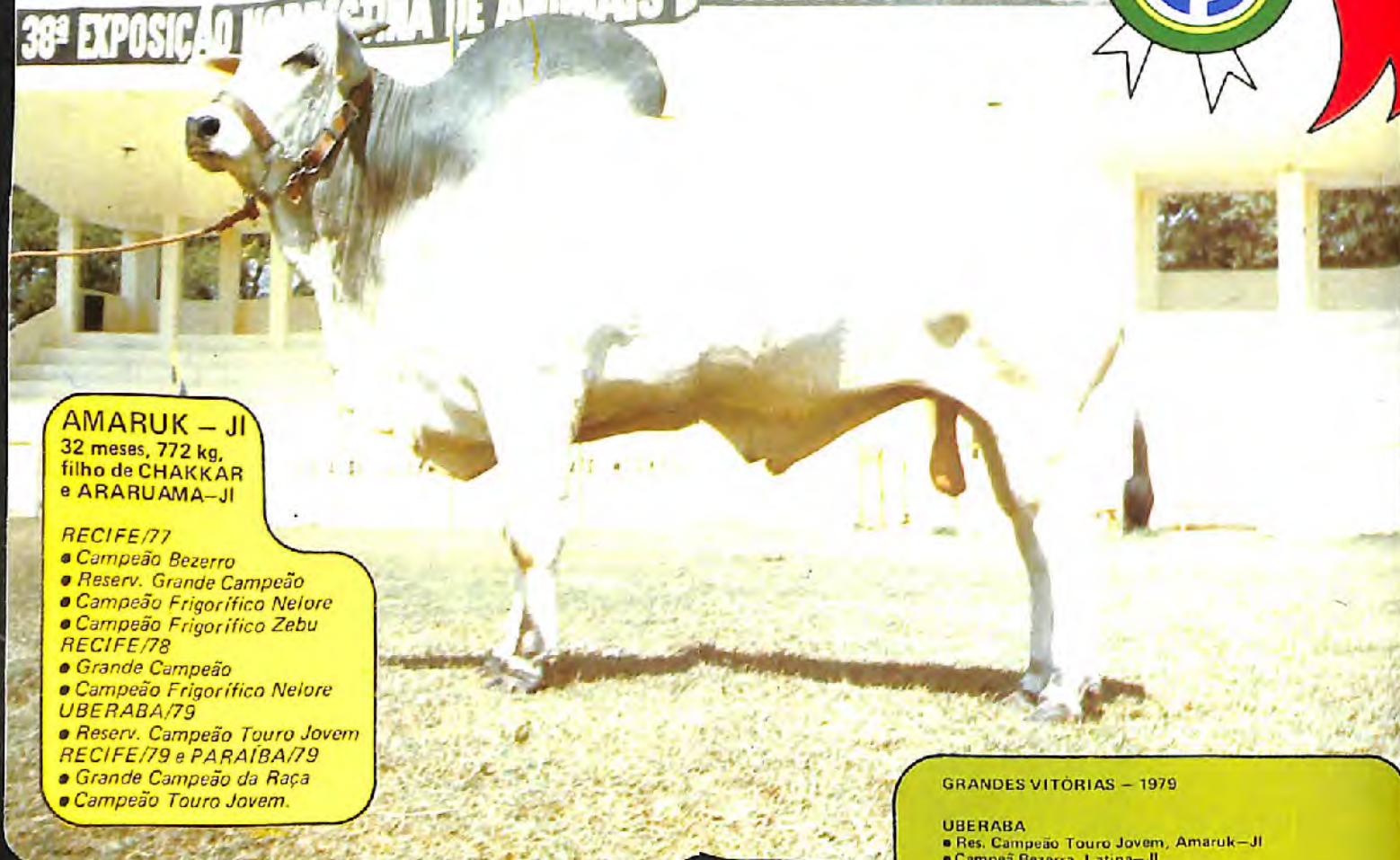
RB

NELORE - JI

Uma sequência de Grandes Vitórias — em 1979



38ª EXPOSIÇÃO NORDESTINA DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS



AMARUK — JI

32 meses, 772 kg,
filho de CHAKKAR
e ARARUAMA—JI

RECIFE/77

- Campeão Bezerro
- Reserv. Grande Campeão
- Campeão Frigorífico Nelore
- Campeão Frigorífico Zebu

RECIFE/78

- Grande Campeão
 - Campeão Frigorífico Nelore
- UBERABA/79
- Reserv. Campeão Touro Jovem
- RECIFE/79 e PARAIBA/79
- Grande Campeão da Raça
 - Campeão Touro Jovem.

GRANDES VITÓRIAS — 1979

UBERABA

- Res. Campeão Touro Jovem, Amaruk—JI
- Campeã Bezerra, Latina—JI

RECIFE

- Grande Campeão/Campeão Touro Jovem, Amaruk—JI
- Grande Campeã/Campeã Júnior, Latina—JI
- Campeã Sênior, Fator—JI
- Res. Campeão Júnior, Aradank—JI
- Campeão Bezerro, Ditango—JI
- Campeã Bezerra, Angra—JI
- Progenie de Pai: Amaruk, Ditango, Ichapur, Isoanka

PARAIBA (Campina Grande)

- Grande Campeão/Campeão Touro Jovem, Amaruk—JI
- Grande Campeã/Campeã Júnior, Latina—JI
- Res. Grande Campeão/Res. Touro Jovem, Camecho—JI
- Campeão Júnior, Aradank—JI
- Res. Grande Campeã/Campeã Vaca Adulta, Isoanka—JI
- Res. Campeã Júnior, Sonata—JI
- Campeã Bezerra, Angra—JI
- Progenie de Pai: Amaruk, Isoanka, Camecho, Aradank
- Progenie de Mãe: Amaruk, Aradank



SELEÇÃO NELORE mais premiada no Norte e Nordeste

LATINA—JI

21 meses, 670 kg, filha de MOGNO (Campeão dos Campeões no Brasil) e LATUADA—JI.

- Campeã Bezerra, Uberaba/79.
- Campeã Júnior, Recife/79 e Paraíba/79
- Reserv. Grande Campeã, Recife/79
- Grande Campeã, Paraíba/79.

CIA. AGRO-PECUÁRIA
QUEIMADAS DO VALE

covale

JOSÉ INOJOSA
R. Nestor Silva, 194—Casa Forte
50.000 — Recife/Pe.
Fones: (081) 268-1499/1211/1386